

7

Chart 924

1324

1850



FPT

87

109825

LISBOA
 REEDIFICADA,
 POEMA EPICO,
 SEU AUTHOR
 MIGUEL MAURICIO
 RAMALHO,

LISBONENSE.

Arribal de J. J. da Camara



436

LISBOA
 NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXX.

Com licençã da Real Meza Censoria.

*Vende-se na loja de Domingos José Fernandes,
 na Rua Nova de ElRei.*

*Portugal
 Francisco de Paula de Portugal*

EXTRAORDINARIA
REUNION DE LA
COMISION DE



DE INVESTIGACION
CIENTIFICA
Y TECNICA
DE LA
UNIVERSIDAD NACIONAL
AUTONOMA DE MEXICO
SECRETARIA DE EDUCACION PUBLICA
ESTADO DE GUANAJUATO
CARRERA DE INGENIERIA EN ELECTRICIDAD
CARRERA DE INGENIERIA EN ELECTRONICA
CARRERA DE INGENIERIA EN MECANICA
CARRERA DE INGENIERIA EN QUIMICA
CARRERA DE INGENIERIA EN SISTEMAS DE COMPUTACION
CARRERA DE INGENIERIA EN TELECOMUNICACIONES
CARRERA DE INGENIERIA EN METALURGIA
CARRERA DE INGENIERIA EN MINERIA
CARRERA DE INGENIERIA EN PETROLIO
CARRERA DE INGENIERIA EN REACTORES NUCLEARES
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO AEREO
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MARITIMO
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO TERRESTRE
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MULTIMODAL
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MULTIMODAL
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MULTIMODAL



LIBRO
DE LA
UNIVERSIDAD NACIONAL
AUTONOMA DE MEXICO
SECRETARIA DE EDUCACION PUBLICA
ESTADO DE GUANAJUATO
CARRERA DE INGENIERIA EN ELECTRICIDAD
CARRERA DE INGENIERIA EN ELECTRONICA
CARRERA DE INGENIERIA EN MECANICA
CARRERA DE INGENIERIA EN QUIMICA
CARRERA DE INGENIERIA EN SISTEMAS DE COMPUTACION
CARRERA DE INGENIERIA EN TELECOMUNICACIONES
CARRERA DE INGENIERIA EN METALURGIA
CARRERA DE INGENIERIA EN MINERIA
CARRERA DE INGENIERIA EN PETROLIO
CARRERA DE INGENIERIA EN REACTORES NUCLEARES
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO AEREO
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MARITIMO
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO TERRESTRE
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MULTIMODAL
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MULTIMODAL
CARRERA DE INGENIERIA EN TRAFICO MULTIMODAL

LISBOA
REEDIFICADA
POEMA EPICO.

CANTO I.

136

ARGUMENTO.

*Sóbe Venus ao Padre Soberano
Toda cheia de mágoa, e de tristeza
Da Capital do Reino Lusitano
Afeada chorando a gentileza:
Desculpa fove ser divino Arcano
Este estrago fatal, mostra-lhe a empresa
Do Regio Heróe, que a pezar do Fado
A restaura a melhor, mais nobre estado.*



I.

(plectro

Ós, Senhor, de quem canta este meu
Egregio instaurador desta Cidade,
Benigno me extendei o Regio Sceptro,
Por hum pouco inclinando a Magestade:
Remitti que entre assim meu rude metro
A louvar-vos a acção, bem na verdade
Digna de maior Lyra; mas a fama
Della mesma, e da Patria amor me chama.

A ii

O

II.

O zelo, que esta obra alta determina,
 Do vosso grande amor a Patria chara;
 Que vencendo os estragos da ruina,
 Renascer a fizeste mais preclara;
 O coração me move, alma me inclina,
 Como ao Luso fiel de afeição rara,
 Que immortal essa Estatua vos levante,
 Que de vós minha Musa tambem cante.

III.

O valor, Regio dom, com que constante
 Sem poder soccorrella arder a viste;
 He sem dúvida o mesmo, ou mais possante,
 Que alegre a levantou do estado triste:
 De oppressões combatida, vigilante
 Embaraços venceo, tudo resiste;
 Dando ao mundo a saber grandeza tanta,
 Que qual palma opprimida se levanta.

IV.

E tu, Musa, que as obras mais sublimes
 Nos Padrões eternizas da memoria,
 Co' o teu favor espero que me animes,
 Para desta cantar a sua gloria:
 He justo que entre todas esta estimes,
 Por ser sua grandeza tão notoria;
 Teu favor me concede, luz me inspira,
 Para que affine a voz, tempere a Lyra.

V.

Da Rhetorica Mãi, Polymnia bella,
 Es chamada dos Doutos engenhosa;
 Dulcifica a minha voz, como aquella,
 Com que Amphion cantava poderosa:
 Na edificação de Thebas se anhella
 A sua melodia harmoniosa;
 Instaurada tambem vendo Lisboa,
 Para o mundo attrahir meu plectro soa.

VI.

Se (1) o Vate, que do Pindo o nome tece,
 Pela tua voz cantou suaves hymnos;
 Meus intentos, oh Musa! favorece,
 Se são do teu amparo tambem dignos:
 Bem sei minha tibieza não merece
 Teus influxos, como elle, tão benignos;
 Mas da tua expressão suppra a cadencia,
 O que falta na minha intelligencia.

(1)
 Pindaro, a
 quem se at-
 tribuem os
 favores del-
 ta Musa.

VII.

Em o dia fatal de susto tanto,
 Que idades superiores observarão;
 Pois entre si com furia, e com espanto
 Os corpos sublunares peleijarão;
 Nos corações temor, nos olhos pranto
 Entre os Lusos se vem, e se notarão
 No mar ondas crescerem n'um momento,
 Voraz fogo, na terra o movimento.

Con-

VIII.

Configuração triste o Ceo conspira,
 Que este impulso acompanha, grave espanta;
 Do Sul correndo vem com feroz ira,
 Com que a terra estremece, o mar levanta;
 De seu feio trovão rouco respira,
 E medonho ao valor maior quebranta;
 Por diferentes figuras já concussa,
 Os pés faltão, o corpo se debrussa.

IX.

De Catastrofe triste, e tão horrendo,
 Que Lisboa, e nos seus suburbios sente;
 A pouco espaço logo inda tremendo
 Assaltada se vio d'um fogo ardente;
 As chammas sem reparo vão crescendo,
 A pompa lhe consome; toda a gente
 Com temor vendo a morte, a que escapára,
 Foge ao campo, a Cidade desampara.

X.

Já Venus nos crepusculos da tarde
 Em seus raios sahindo toda ufana,
 Vê a nobre Cidade, que assim arde,
 Co'a mesma dor, que víra a Troiana:
 De sua luz depondo o claro alarde
 De sombras cobre a gala soberana;
 E á vista dos estragos outra Aurora
 Em pranto se desfaz, afflicta chora.

Dos

XI.

Dos adornos se despe rutilantes ,
Negras nuvens o rosto lhe cobrião ,
Seus olhos em dous mares naufragantes
Sepultados se vem , quando nascião ;
Pois tristes só na mágoa , se erão antes
Alegres , para o mundo se não rião ;
Quando o Ceo , que a coroa lhe offerece
Na ausencia de Diana , se entristece.

XII.

Os dourados cabellos esparfidos
Sem alinhio , ludibrio são do vento ;
Aquelles , que com laços repetidos
Erão doces prizões do pensamento :
As lagrimas dos olhos opprimidos ,
Que humedecem ao proprio firmamento ,
Congeladas em perolas estavam ,
A nevada garganta concertavão.

XIII.

Com este enfeite só toda chorosa ,
Na face a paixão d'alma bem descreve ;
Pois aquella incendiada , e viva rosa
Se vestia da côr da mesma neve :
Ao Padre pertende ir assim queixosa
A dor dizer que ao rosto se lhe atreve ;
Que amando mais Lisboa , que Cithera ,
Já despojo infeliz das chammas era.

Seu

XIV.

Seu Epyciclo em sombras sepultado
 Deixando então, a Jupiter procura;
 O passo a dor lhe faz mais apressado,
 Os melindres rompendo á formosura:
 Já seu espirito entra soçobrado
 Do sexto Ceo na grande architectura;
 Ao Padre apenas foi apresentada,
 Em seus braços cahio desanimada.

XV.

Sobrefaltado Jove, a causa ignora
 De tanta mágoa, de tão cruel desmaio;
 E como a vê chorar, não menos chora,
 Que d'um pranto sempre outro foi ensaio:
 A fustella se apressa sem demora,
 Depondo o Sceptro do trifulco raio;
 Com mimos recobralla amor acode;
 Mas querendo fallar, fallar não pôde.

XVI.

A seu peito lhe inclina o rosto lindo,
 Co'a mão na face mimos lhe fazia;
 Com que hum ai arrancou, que foi ferindo
 O mesmo coração, que a allivia.
 Já (disse em si tornando) vejo findo
 O meu gosto, acabou minha alegria;
 E tornando a cahir no parocismo,
 Hum abyfmo convoca a outro abyfmo.

Dei-

XVII.

Deixa já, Filha minha, o duro estrago,
 Que eclipsar vejo o Sol dessa belleza;
 Nem se diga que vence o meu affago
 Muito menos que a Deosa da tristeza:
 Do teu mal o veneno tambem trago,
 Quando a elle te vejo assim tão preza;
 Conta-me (disse Jove) a grande pena,
 Que a póde alliviar, quem tudo ordena.

XVIII.

Se com armas de amor vences o mundo,
 Como a tanta paixão céga te rendes;
 E dessa triste mágoa no profundo
 Sepultar-me tambem morta pertendes:
 Alenta-te, Pai sou do orbe rotundo,
 Com teus deliquios o meu peito offendes;
 Que desastre te affusta, a alma destrossa,
 A quem o meu poder supprir não possa?

XIX.

A grande Elisia, Padre omnipotente!
 (A Deosa Idalia diz convalescida)
 Insigne entre os dominios do Tridente,
 E Princeza do mundo esclarecida;
 He a causa da minha dor vehemente,
 Que prostrado me tem a triste vida;
 Porque sendo Cidade minha amada,
 Entre as chammas a vejo sepultada.

XX.

As altas torres, nobres edificios,
 Que compunhão a sua formosura
 D'hum terremoto são vís desperdícios,
 E do incendio voraz, que ainda dura;
 Suas riquezas ardem sacrificios
 Nas aras da violencia, e desventura;
 A terra em bocas mil, cheias de horrores
 Tragar pertende aos seus habitadores.

XXI.

Qual serpente feroz, em quem se atea
 Accendido veneno, que vomita;
 Em gyros se revolve, o corpo ondea,
 Com Sibilos fataes toda se irrita:
 Undante a terra assim se patentea,
 A quem sulphureo fogo em ira agita;
 Pelas bocas, que fende, a peste exhala,
 E com roucos estrondos tudo abala.

XXII.

Mais ruido não faz o raio ardente,
 Quando rasga veloz a nuvem fria;
 Como o ar subterraneo diligente
 Quer sahir incendido á luz do dia:
 Apenas bate a terra em toda a gente,
 Bate o coração logo, o sangue esfria;
 Mortal ancia no povo assim discorre,
 Quantas vezes se move, tantas morre.

Que

XXIII.

Que peleija feroz ! cruenta guerra !
 Que repentino assalto ! que combate !
 Rouco som , que ao valor maior a terra ,
 Qual tuba militar toca a rebate :
 O sangue se congela , geme a terra ,
 Escallada se rompe , o pezo abate ;
 Em morteiros cavernas se vertêrão ,
 Exhalão fogo , quanto de ar bebêrão.

XXIV.

O povo pasma , consultando o damno ;
 Suspenso assim com elle a terra falta ;
 Se a fugir de inimigo tão tyranno ,
 Té debaixo dos pés o chão lhe falta :
 Em falso os passos dá , que com engano
 A terra se deprime , ora se exalta ;
 Como quem recusando , o pezo leva ,
 Só para o sacudir , mais alto o eleva.

XXV.

Do centro sóbe ás nuvens arrancada ,
 Do seu pezo opprimida abysmos fonda ,
 Pelo fogo , e pelo ar se vê lançada
 Instrumento de jogo assim redonda ;
 Quem mais firme se ostenta , e bem guardada
 Com luzidas esquadras o Ceo ronda ;
 Com fataes ancias , graves detrimentos ,
 He ludibrio dos outros elementos.

XXVI.

Filha das agoas fou, sei que agitadas
 (Tranquillas sendo) do vento inimigo,
 O furor lhe quebrantão levantadas,
 Açoutando-lhe os sopros por castigo:
 Infeliz terra! entranhas desgraçadas!
 Que a quem nellas recebes com abrigo,
 Qual vibora te rompe, cruel, e impia,
 Sem poderes domar-lhe a ousadia.

XXVII.

Neste fatal abalo, e movimento
 Affirma de Copérnico o juizo;
 Mas dá n'alma diverso sentimento,
 Movendo agora a pranto, o que era rizo:
 Abala-se do mundo o fundamento;
 E não se abala o Ceo, como divizo,
 Antes corre sereno, e socegado,
 Sem que infortunio tal lhe dê cuidado.

XXVIII.

Se guardas fomos desta fortaleza,
 Que entre nós se conserva permanente,
 Como não acudimos á defeza
 De huma guerra civil, que dentro sente:
 Para ella se creou minha belleza,
 Para ella teu fulgor resplandecente,
 Os mais astros em fim; aos seus gemidos
 Não se movem, como (2) a Lua aos latidos.

(2)
 Alciat. em-
 blem. 164.

XXIX.

Entre Thetis se vê boia nadante ,
 De Thales bem que falso pensamento ;
 Sendo ancora a mais firme , a mais constante,
 Que dos orbes segura o movimento ;
 Supposto menor seja , mas possante ,
 Do que qualquer sublime outro elemento ;
 Na experiencia se mostra , que não erro ,
 Softer grande baixel , pequeno ferro.

XXX.

Aonde está do mundo aquella liga ,
 Que entre inimigos poz a Providencia ?
 A musica mais bella , em que litiga
 Entre diversos tons doce cadencia :
 Hoje tudo desordem , tudo briga ,
 Já sem lei , sem governo , sem regencia ;
 Ou os orbes se volvem do profundo ,
 Ou he certo que já se acaba o mundo.

XXXI.

Aquella grande Mãi , que tanto ampara
 A seus filhos na vida , e mais na morte ;
 Esta mesma inimiga se declara
 Com tyrannas repulfas , rancor forte :
 Aquella grande Mãi nobre , e preclara ,
 Que foi d'alto Poder digna consorte ;
 Esta mesma feroz , quem tal crer póde !
 A seus filhos de si fóra facode.

Aquel-

XXXII.

Aquella grande Mãi constante, estavel,
 Em o meio do mundo presidindo,
 Tão benigna, tão doce, e tão affavel, (do:
 Que aos homens promptà sempre está servin-
 Oh como agora a vejo infaciavel,
 De raivosa seus mesmos engolindo!
 Oh que entranhas de Mãi tão dura, e fera!
 Saturno imita, d'Opis degenera.

XXXIII.

Oh não assim o gelido elemento,
 Que empollado de Eolo furibundo;
 Ou parece açoutar o firmamento,
 Ou abrir os segredos do seu fundo:
 Por mais que as nuvens desçam, suba o vento
 Aos seus filhos defende no profundo;
 Os ventos huns com outros fortes bradão,
 O mar se altera, (3) os peixes livres nadão.

XXXIV.

Aquella destinada para abrigo
 Dos homens em o mundo viajantes,
 Por cuja causa o Ceo se mostra amigo
 Na influencia dos astros rutilantes:
 Esta mesma se vê fer o seu prigo,
 Qual baixel sobre as ondas inconstantes;
 Que espera ver-se logo submergido,
 O mar irado, o vento enfurecido.

Aquel-

(3)
 Horat. lib.
 2. sat. 2.

XXXV.

Aquella, que ás industrias dos humanos
 O feu fertil augmento vive prezo,
 Agora com repudios tão tyrannos
 Já dos homens o pezo lhe faz pezo:
 Quantos beijando a terra soberanos
 Auxilios pedem, seu furor accezo
 Favor lhe nega; quando, oh lume etherio!
 Por hum (4) beijo dá a Bruto hum grande im-

XXXVI.

(perio.

Tit. Liv.
lib. 1.

Aquella Mãi dos homens, e das feras,
 Que em seu seio recolhe docemente,
 Tendo abrigo nas brenhas mais austéras,
 Amavel fomentando inculta gente:
 Como agora a hum povo, que devéras
 Delle póde jaçtar-se florecente;
 De todos sendo Mãi, delle Madrasta,
 Affugenta tyranna, atroz devasta.

XXXVII.

Gigantes gera, partos fementidos,
 Que pertendem do Ceo total ruina;
 E ainda assim por ella protegidos,
 A sua mesma acção dura se inclina:
 Aquelles máos serão; porém são tidos
 Por fieis, que professão lei divina:
 Que mal foi este? pois que tanto a obriga
 A expellillos de si como inimiga.

As

XXXVIII.

As mesmas pedras saltão furiosas,
 Qual fonte os olhos d'agoa de si lança;
 As forças se desmaião temerosas,
 De vida já não ha mais esperança.
 A quantas Virgens bellas, e formosas
 O terror em seu rosto fez mudança,
 Por penedos, por chammas, por abrolhos
 A morte vem estar ante os seus olhos.

XXXIX.

Descalças correm, rotos os vestidos
 Sem de si se lembrarem nesta présta;
 Com a vista turbada, os pés feridos,
 Fatigada huma cahe, outra tropésta:
 Clamão de entre as ruinas os gemidos,
 Cresce o temor, porque o tremor não céssta;
 Mortos se encontrão, outros agonizão,
 Objectos, que fataes atemorizão.

XL.

Que sustos, e que abalos não maltratão
 O peito das Veltaes entre tremores!
 Com trovões (5) subterraneos se desatão
 As conchas, que guardavão seus candores:
 Nos claustros alaridos se dilatão;
 Cahe o templo, e seus muros; que tutores
 Fieis erão da sua castidade,
 Passos dando crueis á liberdade.

(5)
 Allude-se
 ás conchas
 marinas,
 que só com
 trovões se
 abrem, e
 dão lugar
 a que se
 pesquem.

XLI.

Que confusão, oh Ceos! mesma comigo
 Me confundo suspenso em tal tormenta,
 Vendo neste tão grave, atroz castigo,
 Que inda a mesma innocencia não se isenta:
 Este horror tão infausto, e inimigo
 A quantos Sacerdotes defalenta!
 Parão cantos, suspendem os Officios,
 Outros deixão os Santos Sacrificios.

XLII.

Ainda fumegando a ara divina
 Se vem por terra Altares destruidos;
 (Quem poderá narrar esta ruina,
 Sem que os olhos se veção humedecidos)
 Manchado o Santuario se declina
 Com os rudes escolhos esparcidos,
 Sente o Ceo, chora a terra, e palma o mundo,
 Adorando segredo tão profundo.

XLIII.

Desses justos Varões a imagem santa,
 E de Heroínas fieis o sacro vulto
 (A dor a voz me impede na garganta)
 São despojo infeliz do grande insulto:
 Não ha para quem se ore em mágoa tanta,
 Já não querem dos homens o seu culto;
 Já vejo ser melhor acatamento
 Do limpo coração o rendimento.

XLIV.

As aves ao seu moto se suspendem,
 Os animaes se espantão do que vião;
 E as pedras, que ao sensível se não rendem,
 Mais quebrar-se de pena não podião;
 De novo as fontes a chorar aprendem,
 Outras co' o fusto parão, que corrião;
 Tudo pavores são, tudo são medos,
 As penhas tremem, rasgão-se os rochedos.

XLV.

Desce o monte a ser valle, o valle cresce
 A ser monte, agitado pela terra;
 Assim como a espraiair-se toda desce
 A que o mar levantou soberba ferra:
 Do grande amor do mundo o Ceo se esquece,
 A quem cofre estrellado joia encerra;
 Muitos crem, vendo estado tão diverso,
 Que a seu primeiro ser torna o Universo.

XLVI.

Densas núvens de pó, e negro fumo,
 Como trévas, que cobrirão o Egypto;
 Pondo embargos ao Sol, da luz resumo
 Nos peitos pavor grande tem escrito:
 O povo espavorido segue o rumo,
 Em que talvez a morte encontra afflicto;
 O refugio se busca, e não se acerta,
 O campo he Corte, a Corte se deserta.

XLVII.

A terra fluctuante, os ares densos,
 Ao caminho acertar a luz não guia,
 Huns se encontrão com outros, já suspensos
 Com terror emmudecem pedra fria;
 Vendo estou em horrores tão immensos,
 Qual (6) nevoa París vio ao meio dia;
 As aves topetando nas paredes,
 Como cégas se apanhão nestas redes.

(6)
 Aos 24 de
 Janeiro de
 1588. Me-
 feray en la
 ViedeHen-
 rique III.

XLVIII.

Os ares se condensão de vapores
 Tão crassos, que ser noite representão;
 Sombras se palpão só, pizão-se horrores,
 Quaes Cimmerios póvos experimentão;
 A terra abrindo fossos nos furores
 Do combate fatal, nelles rebentão
 Agoas sordidas, turvas, salitrosas,
 Quando as doces se tornão amargosas.

XLIX.

Sem pai lamentão filhos já perdidos,
 Também esposas gemem sem consorte;
 Dá semi-sepultado este gemidos,
 Com que ás portas batendo está da morte;
 Aquelle vai correndo sem sentidos,
 Como quem na tormenta perde o norte;
 A Cidade parece vil colonia,
 Labyrintho, confusa Babylonia.

Thé se mostrou Neptuno tão irado,
 Que (7) a tropel quiz entrar de mão armada;
 (Não sei porque razão) do duro fado
 Sustentando inimigo a forte espada:
 Risonha (8) póde ser com falso agrado
 No Ceo Juno se via, e engraçada;
 Pois debaixo do seu alegre engano
 Se maquinou estrago tão tyrano.

LI.

Não cessa de Vulcano a grande furia
 De abraçar tão preclaro continente;
 Entendo que vingar quer nelle a injúria,
 Que do thalamo fiel elle inda sente:
 Nem que filha eu nascesse tão espuria,
 Sem conhecer a pai, nem ver parente,
 Podia neste extremo, e caso raro
 Lamentar semelhante desamparo.

LII.

Que pena, Padre meu, tão impensada!
 Que angustia mais cruel! mágoa tão dura!
 A Patria mais feliz ver sepultada
 Com os seus Cidadãos sem sepultura:
 Que coração de pedra, alma gerada
 D'hum Caucaço não quebra de ternura?
 Que semblante haverá que veja enxuto
 Ais, chammãs, cinzas, mortes, sangue, luto?
 São

(77)
 Na occasião do terremoto entrará pela barra grandes montanhas de agoa, que nas praias pasaráo os limites da maré.

(8)
 Juno, Deusa do ar, e pelo mesmo ar se toma, e nesta occasião se achava claro, e sereno, como succede em todos os terremotos *Ut volatus avium non pendent.* Plin. lib. 2. Nat. Hist.

LIII.

São tão altas as chammas, que vagando
 Vorazes d'huns para outros edificios, (do
 Vão cahindo a porções de quando em quan-
 De Ulysses os mais nobres artificios:
 Oh se as lagrimas, que me estão banhando,
 As pudesse extinguir! que beneficios
 Aos Deoses meu affecto não daria,
 E de mágoa ferião de alegria.

LIV.

Hum círculo de fogo a vai cercando,
 A meu coração outro no tormento;
 Ah! que para abrazalla, estou nctando,
 Toda a esfera desceo desse elemento:
 E bem falta no Ceo o fogo, quando
 Arde a terra, e se gela o firmamento;
 Os astros, sendo meus olhos dous rios,
 A tanta mágoa vejo estarem frios.

LV.

Ao Sol vejo encobrir, nuvens se engrossão
 Co'os vapores da terra; e não consigo
 Desfazerem-se em agoa, com que possão
 O furor rebater deste inimigo:
 A meu amargo pranto não adossão
 Estas (9) filhas de Atlante; aqui comigo
 Podião, já que nisto podem tanto,
 Augmentar a meu pranto com seu pranto.

De

(9)
 Æneid.
 lib. 3.

LVI.

De Orion donde está tanta virtude,
 Que tanta obstar não vem calamidade?
 Como não faz que o tempo assim se mude
 Resolvido em aquosa tempestade;
 A sua (10) espada vibre, que a que pude
 Arrancado já tem minha beldade;
 Armas da formosura; porém nada
 Vejo póde o valor da minha espada.

(10)
 Ovid. Fast.
 lib. 4.

LVII.

D'Aurora apenas vem que os olhos chovem,
 Perdem astros a luz de sentimento;
 Chora humia estrella d'alva, e se não movem
 Quantas estrellas tem o firmamento:
 Formosura infeliz! não se commovem!
 Pois affás razão tem meu luzimento;
 Minha belleza em (11) libra bem se péza,
 Nenhuma de mais bella mais se préza.

(11)
 Veneris
 Signum.

LVIII.

Os elementos mudão de lugares,
 Huns aos outros crueis desalojando;
 Para a terra se vírão correr mares,
 Muito grande terreno seu ganhando;
 Vio-se a terra tambem montar os ares,
 O pacto sempiterno quebrantando;
 Agora, quando a chamma tanto cresce,
 A região do fogo á terra desce.

Não

LIX.

Não vio Roma maior o seu incendio
 Motivado por esse Matricida;
 Que de amor detestando o estipendio,
 Tirou a vida a quem lhe deo a vida;
 Do que este, tal que póde ser compendio
 Do Etna, quando voraz nas chammas lida;
 Do Vesúvio cruel, da Lipara ardente
 No fogo mais atroz, mais vehemente.

LX.

Presumo, vendo a terra, que se move;
 Que elevou o seu centro ao horizonte,
 E que sobre a Cidade infeliz chove
 Suas ondas ardentes Phlegetonte:
 O dominio te usurpa, excelso Jove!
 O poder inferior; pois de Charonte
 Contra aquelles, que a barca inda não virão,
 As furias infernaes raios conspirão.

LXI.

Phaetontes seus muros abrazados,
 Sem culpa no sobir, lá dessa altura
 Sobre si mesmos cahem destroçados,
 Infelices despojos sem ventura:
 Nos espelhos do Téjo assignalados
 Os incendios se vem com tal figura,
 Que o susto pensa ver, de horrores frio
 Co'a Cidade tambem arder o rio.

LXII.

(12)
Ovid. Met.
lib. 2.

Se o precioso (12) metal delle correo
Derretido do fogo, ardeo Oronte,
O Ganges se abrazou co'o claro Alfeo
Nessa quéda fatal de Phaetonte;
Não he muito, se então em fogo ardeo,
Agora o mesmo damno tambem conte;
E com incendio tal he bem discorra,
Que as agoas se defequem, o ouro corra.

LXIII.

Que compaixão não move esta desgraça
A' Nação mais remota, e inimiga?
Que fará quem o seu terreno abraça,
E nos laços de amor tanto se liga!
O thesouro opulento, a melhor Praça,
Que a filha de Agenor no gremio abriga;
A gala, que a Neptuno tanto adorna,
Em cinza se desfaz, em pó se torna.

LXIV.

Contra mim vejo os Deoses se levantão,
Que governão as regiões dos elementos;
Não sei nas confusões, que assim me espan-
Para onde vão parar meus pensamentos? (tão,
Quando triste lamento, todos cantão
A victoria de ver-me sem alentos;
Não sou Venus, já tem pouca ventura
Os empenhos, que inculca a formosura.

So-

LXV.

Sobre hum monte tocando doce Lyra
 Via da ardente Roma Nero as quédas ;
 E quando os mais chorando a voraz ira ,
 Applaudia do fogo as labaredas :
 Assim creio , que contra mim conspira
 (Se do meu pensamento não te arredas)
 Toda a furia dos Ceos ; quando eu sentindo,
 Todos desta desgraça se estão rindo.

LXVI.

Porque amei de Dardáno a fortaleza ,
 Se oppoz ao meu amor odio mais forte ;
 Porque a esta voltei minha fineza ,
 A contemplo tambem da mesma forte :
 Que fado me persegue com certeza
 Eu não sei , mas só sei darem-me a morte ;
 E nesta concurrencia de meus males
 Aqui fenecerei , se me não vales.

LXVII.

Mas juro se acabar a formosura ,
 Ou esta infeliz Deosa da beldade ,
 Sepultar-se na mesma sepultura
 O mesmo Amor comigo tambem hade :
 Como filho terá minha ventura ,
 E então me vingarei da crueldade ;
 Pois faltando no mundo d'amor guia ,
 O mundo perderá sua harmonia.

Se

LXVIII.

Se a Cidade melhor do mundo espira,
 Não he muito tambem que o mundo acabe;
 Rancor respirarei inda na pyra,
 Pois nas cinzas (13) o odio viver sabe:
 Dessa Juno o furor, a raiva, e ira
 Da minha morte espero se não gabe;
 Pois dos Deoses da terra, e globo etherio,
 Cessando o mundo, acaba o seu imperio.

(13)
 Allude-se á
 Etheocle, e
 Polynice,
 irmãos, e
 inimigos
 capitaes,
 que a pyra
 dividio nas
 cinzas.

LXIX.

Deo fim Venus á sua triste queixa,
 Nas lagrimas porém, ardente calma,
 De narrar sua dor muda não deixa,
 Como linguas da pena, e vozes d'alma:
 De seus louros cabellos a madeixa,
 Com a qual triunfa amor, e logra a palma,
 Compõe Jove, e seus olhos enxugando,
 Desta sorte fallou com modo brando.

LXX.

Suspende, amada filha, o pranto amargo,
 Teus olhos queimas, centro dos agrados;
 Pois estão, quaes de pomba, no lethargo
 Entre esferas de fogo rodeados:
 A tanta inundação põe já embargo,
 Que côr sanguinea vestem magoados;
 Não queiras pois com armas tão ferinas
 A fogo, e fangue matar duas meninas.

Quan-

LXXI.

Quanto temo perder-se a gentileza
 Se á dor assim te entregas rigorosa ;
 Quem teremos por Deosa da belleza ?
 Pois outra se não acha tão formosa.
 Bem sei era do teu amor empreza
 A preclara Ulyssea , e populosa ;
 O raio não vibrei , Mão mais potente
 A setta disparou na Lusa gente.

LXXII.

O luxo , a ambição , que da maldade
 Toda raizes são perniciosas ;
 Reduzirão a cinzas a Cidade ,
 Forão mais do que as chammas poderosas :
 De si mesma he algoz a iniquidade ,
 Chammas abração chammas viciosas ;
 Os peccados da terra em peitos duros
 São trombetas do Ceo , que arrasão muros.

LXXIII.

O luxo dissipou (14) lei bem devida,
 Que a justiça da terra fez patente ;
 Mas faltava a do Ceo mais offendida
 Com cauterios cortar esta serpente :
 Cortou-se-lhe a cabeça , enfurecida
 Outras já lhe renascem , que o Ceo sente ;
 Para a ira do Ceo ter desaffogo ,
 Que remedio esperava senão fogo ?

(14)
 Lei de Ma-
 io de 1749.

Cho-

LXXIV.

Choras por ver hum povo castigado ,
 Que a sua mesma culpa a tanto obriga ;
 E não ponderas bem , que com cuidado
 A quem o Ceo mais ama , mais castiga :
 Oh quanto ! quem o fere , magoado
 O golpe (15) sente , e com amor o liga ;
 Arma a setta , e que amor a furia ampare ,
 Primeiro o peito toca , que dispare.

(15)
 Genes. cap.
 6. vers. 6.

LXXV.

A quem dorme não sabes ser estilo ,
 E não acorda ás vozes , que lhe bradão ;
 Que o remedio melhor he só ferillo ;
 Só sentindo , os avisos se arrecadão :
 A tua mágoa deixe de sentillo ,
 Pois cobertos de pranto mais agradão ;
 Que mais forte que as ondas em seu rogo
 He que póde extinguir tão grande fogo.

LXXVI.

Não deseja , nem fez a torpe morte ,
 Nem na perda se alegra dos viventes
 Essa causa das causas , mas só forte
 Castigar quer affrontas insolentes ;
 Por isso para que o furor reporte ,
 São da clemencia as forças mais valentes ;
 Faz breve a pena , espera mui cumprida ,
 A culpa só destroe , mas não a vida.

De

LXXVII.

De compaixão, justiça dominado
 Se cifra; porém esta, que lhe peza;
 De moto seu não nasce, do peccado;
 Quando aquella he da propria natureza:
 Já de settas se víra desfarmado,
 Se ao castigo entregasse a inteireza;
 De vontade não pune, mas de boa
 Vontade, como Pai, sempre perdoa.

LXXVIII.

O flagello, que vem da mão divina,
 Se parece rigor, he só ternura;
 A' grave doença grave medicina,
 E quanto mais amarga, melhor cura:
 Em quanto a castigar ella se inclina,
 Os homens podem crer sua ventura;
 Que a desgraça maior he só deixallos
 Nas mãos do crime seu, sem castigallos.

LXXIX.

Que incendios não notou como presagos
 Deste, que hoje ameaça tantos prîgos;
 Semana não passava, em que naufragos
 Os tectos se não vissem, inimigos
 Edificios abrazão; e nos estragos
 Acafos só ponderão não castigos;
 Que as razões nos discursos lisonjeiras
 Segundas causas tem, nunca primeiras.

Que

LXXX.

(16)
Fogo do
Hospital
Real de to-
dos os San-
tos em 10
de Agosto
de 1750.

Que (16) espectáculo triste, e lastimoso
Dos pobres se não vio no regio amparo;
Assaltado de incendio proceloso,
Era deste hum debuxo, espelho claro;
O santo Alvergue, asylo piedoso
Da desgraça se ostenta exemplo raro;
Pois entre confusões, entre alaridos
Quantos ais se não dão, quantos gemidos.

LXXXI.

O pobre enfermo jaz atenuado,
A morte equivocando com a vida;
Rompe o lethargo em fumo suffocado,
Abre os olhos, respira a mortal lida:
Entre chammas se vê todo cercado,
Sem forças sustentar para a fugida;
Quer erguer-se, seu mal o debilita,
Forceja, debil cahe, prostrado grita.

LXXXII.

D'entre as chammas os écos retumbavão,
Implorando soccorros á piedade;
Vencem-se estas, que os olhos apagavão
Em mar de pranto, em triste tempestade:
Todos se empregão, todos trabalhavão,
Dando lustre ao fervor da caridade,
Pelas vidas salvar de tantos pobres
Sacerdotes, plebeos, pessoas nobres.

Qual

LXXXIII.

Qual ao fogo se lança Eneas pio,
 A doce carga aos hombros accommoda;
 Mariposa de amor outro com brio
 Só por vidas salvar o fogo roda;
 Este incendio despreza por mais frio,
 Do que aquelle, que o peito lhe incommoda;
 O fervor se acryfola sublimado,
 Reluzindo no fogo ouro provado.

LXXXIV.

Affalta ao Templo, que se denomina
 De todos os Varões, que a fé festeja;
 E no seu (17) mesmo dia o Ceo fulmina
 O raio, que mysterio o mundo veja:
 Acaba tudo em funebre ruina
 A santa enfermaria, a santa Igreja:
 Puderão neste exemplo disfarçado
 O castigo antever ao seu peccado.

(17)
 Em o primeiro de
 Novembro,
 dia, em que
 a Igreja celebra a Festa de todos os Santos.

LXXXV.

Não he a vez primeira, que se move,
 Muitas vezes tem sido castigada;
 Porém sempre ao castigo se commove
 Com benigno favor a Mão irada:
 Já se vio que sobre ella (18) sangue chove,
 Nisto accender-se o ar, logo assaltada
 De tão grande tremor, tão vehemente,
 Que nelle assim perece muita gente.

(18)
 Em 28 de
 Janeiro de
 1551.

LXXXVI.

(19)
Em 7, e em
26 de Jani-
ro de 1531.

Já se vio (19) assolados seus lugares
Quasi inteiros, volvendo corpos frios;
Os seus templos cahirem, seus altares,
Submergir-se no mar muitos navios;
Muitas Villas na pompa singulares
Despojadas se tornão dos seus brios;
E a maior impressão foi na Cidade,
Sentindo a mais atroz calamidade.

LXXXVII.

(20)
Em 24 de
Agosto de
1556.

Já se vio (a que extremos não provocão
As culpas) terremoto (20) tão horrendo,
Que medonhos os sinos per si tocão
Ao horror deste abalo horror mettendo;
Da Cathedral as bases se deslocão,
Fendida d'alto abaixo se está vendo:
Com que nestes, ou n'outro metheoro
Os olhos fecho, a Providencia adoro.

LXXXVIII.

Juizos são, que eu mesmo não penetro,
Aos quaes se abate a minha magestade,
Todo o meu poder rendo, e prostro o sceptro,
Onde não se conhece outra Deidade:
Mas posto se sepulte no feretro
De si mesma infeliz essa Cidade,
Tambem promette o Ceo mais piedoso,
Seu lustre renascer mais glorioso.

LXXXIX.

D'Arabia não notaste inda o prodigio,
 Como de si holocausto ardendo espira;
 Não deixando da gala outro vestigio,
 Mas do que cinzas só da ardente pyra:
 E com tudo no tragico litigio
 Da morte vencedor logo respira;
 Revivendo das mesmas triunfante
 Com belleza melhor, mais rutilante.

XC.

Das plumas (21) a pyramide celeste
 Lhe fórma refulgente diadema,
 D'ouro cinge o colar, purpura veste,
 De rubins, e jacintos sendo emblema
 Quem despojo se vio do mato agreste
 Accendido, se vê de luzes thema;
 E renovada tendo a formosura,
 Hum milagre se inculca da natura.

XCI.

Essa aguia viste, como decahida,
 Não podendo beber a Phebo ardente;
 Para ter novas pennas, nova vida,
 Em as agoas se banha diligente:
 Lisboa, quando triste, e tão sentida,
 Por ella tens chorado amargamente;
 Outra Phenis, outra aguia com espanto
 Nascerá do seu fogo, e do teu pranto.

XCII.

Muitas vezes rebuça-se a desgraça,
 Enigma escuro sendo da ventura;
 E o que parece estrago, que ameaça,
 Talvez he beneficio, que se apura:
 Das tormentas (22) do Grego a nobre Praça
 Teve origem, que choras amargura;
 Das reliquias de Troia incendiada
 Veio Roma a ter nome, e a ter vida.

(22)
 Ulysses.

XCIII.

Tambem essa verás, Cidade amante,
 Reproduzir das cinzas mais formosa;
 Do pranto nascerá perla brilhante,
 D'entre agudos espinhos será rosa:
 O mesmo estrago seu significante
 Será da sua gloria portentosa;
 Mais não chores, socega a tua queixa,
 Alenta o coração, a mágoa deixa.

XCIV.

Conheço que entre sustos, entre aballos
 Jaz Elisia, e que os seus desmaiios dobra;
 Deixa que o tempo chegue a moderellos,
 Verás como depréssa a vida cobra:
 Amor inspirarei nos seus vassallos
 Para o grande desejo de tal obra;
 E donde resplandece a lealdade,
 Obedecer se vio sempre a vontade.

XCV.

Para este effeito tenho no fentido
 Mercurio diffundir razões discretas;
 Mas porém só não póde sem Cupido,
 Que tem, para vontades render, settas:
 Insinua-o tambem, e não duvido
 Esta empreza ache bases mui selectas;
 Pois sem que amor da Patria não impere,
 O impulso da razão tambem não fere.

XCVI.

Este amor confortou (23) Scevola forte
 Para a mão supportar no fogo ardente,
 E ante os olhos propinqua vendo a morte,
 Ostentou quando réo ser mais valente:
 Em (24) Cloclite accendeo-se de tal forte,
 Que se lança do Tibre na corrente;
 A quem imitou (25) Clelia de igual brio,
 Valerosa passando o mesmo rio.

(23)
 Tit. Liv.
 lib. 2. de
 Urbe con-
 dita.

(24)
 Idem lib. 1.

(25)
 Plin. Jun.
 lib. de Virg.
 illus. cap. 3.

XCVII.

Que outra cousa moveo (26) a Codro invicto
 Pelo sceptro trocar vil ornamento;
 Senão da Patria aquelle ardor restricto,
 Na sua morte tendo o vencimento:
 Disfarçado perece no conflicto,
 Neste tão ponderavel documento:
 Não sirva (diz) na boca do Oraculo
 A tantas huma vida só de obstaculo.

(26)
 Val. Max.
 lib. 5. c. 6.
 de Pietat.
 erga Pa-
 triam.

XCVIII.

Em a praça de Roma abrio-se a terra
 Com tão profundo fosso, que notado,
 Da vista o lume foge, e se desterra,
 Da mesma luz do dia despojado:
 Que aquella grande boca se não cerra
 (Abrindo a sua Apollo consultado) (ma
 Sem que a hum dos mancebos, em quem Ro-
 Sua esperança estriba, voraz coma.

XCIX.

(27)
 S. Aug. lib.
 4. de Civit.
 Dei, c. 20.

Attende (27) Curcio á Delfica resposta,
 Desejando livrar o solo amante;
 Animado morrer por elle gosta
 Com egregio valor, brio constante:
 N'um soberbo cavallo bem composta
 Sua nobre figura, com bastante
 Força o bruto picando, este se irrita,
 E na cova veloz se precipita.

C.

Os tres Decios, irmãos os dous Filenos,
 Pai, filho, e neto, que de animo forte
 Não duvidão, nem sentem valor menos
 Para a Patria livrar, beber a morte:
 Quantos logrando estão campos amenos
 De affortunados bosques, feliz forte;
 Porque ao ferro as vidas offerecêrão,
 Pela terra morrendo, em que nascêrão.

Es-

CI.

Estes , como outros muitos , que no templo
 Da fama se recordão sublimados ;
 Hoje vivem , ao mundo dando exemplo ,
 De nobres coroas d'ouro laureados :
 Naquelles inda mais a fé contemplo
 Deste amor , em que são famigerados ;
 Nos fastos proprios , nos annaes alheios
 Se vem de feu louvor estarem cheios.

CII.

Este iman he tão forte , tão valente ,
 Que mais do que (28) a razão maior supera ; (28)
 Dos regalos de Roma descontente Ovid. i. de
 Foge o Scyta ao paiz , que aspero o gera ; Ponto.
 Por Ithaca , (29) escabroso continente , (29)
 Suspira Ulysses , ver queixoso espera ; (ta, Hom. i.
 Desterrado na Persia (30) hum Rei de Espar- Odis.
 A memoria da Patria nunca aparta. (30)
Damaratho
Rei de Es-
parta.

CIII.

Bem soube deste amor , quem de amar soube
 Aquella arte compôr menos pudica ,
 Supposto (31) em sua mente bem não coube , (31)
 Como n'alma este amor se radifica : Ovid. de
 Se coração não ha , a quem não roube Ponto, lib.
 Este amor , q' outro Deos hum douto explica ; i. Eleg. 4.
 Repara bem na força deste affecto ,
 Para ser desta empreza vivo objecto.

Eu

CIV.

Eu mesmo feito pobre jornaleiro
 Gostoso á mesma fabrica me inclino;
 E não fou, como sabes, o primeiro,
 Que para isso deponha o ser divino:
 Já Neptuno (32) de Apollo foi parceiro
 N'outra tal construcção, qual imagino;
 Honra terei sem pensamentos vãos
 De ser obra tambem de minhas mãos.

(32)
 Ovid. Met.
 lib. 11.

CV.

De Jupiter já Venus na proposta
 Ri chorando, contente se entristece;
 Duvidar intentando, do que gosta,
 Duvidando do mesmo, que appetece:
 Mas em fim convencida da resposta,
 E dos agrados, com que a favorece,
 Bella se torna, á dor já dando passe,
 De que attrahido o pai, beija-a na face.

CVI.

Com termos agradaveis Cytherea
 Se despede do summo acatamento;
 E já no coração o fogo atea
 Das promessas do pai, e seu intento:
 Vacillante discorre, e se recrea
 No mesmo, em que vacilla o pensamento;
 Ao terceiro Ceo chega, a quem exalta
 Com sua luz, sombrio em sua falta.

CAN-



CANTO II.

ARGUMENTO.

*Contra Venus as iras conservando,
Oppõe-se Juno ao que Jove desenba;
Que ainda o rancor guarda, desde quando
Preterida ficou na Phrygia brenha:
A anniquilar Elisia, maquinando
Contra ella em traições, toda se empenha;
Raivosa desce ao centro mais immundo,
E nelle aos Deoses volve do profundo.*

I.

DEspedida que foi do summo affento
A Deosa soberana da beldade,
Entrou Jove a riscar no pensamento
O debuxo mais bello da Cidade:
Em taboas, que arrancou do firmamento,
Esta pinta com rara habilidade;
Descubriendo subtis entre seus riscos
Nobres praças, soberbos obeliscos.

Con-

II.

Convocando os mais Deoses a conselho
 Para o voto sem força do respeito,
 Lhes mostra da Cidade o claro espelho,
 Que todos affirmarão estar perfeito:
 Saturno como mais antigo, e velho,
 E tocou ser primeiro por direito,
 Accrescentou que eterna esta seria,
 Pois as chaves do tempo possuia.

III.

De formosura, e rosto soberano
 Elisia se descobre debuxada,
 Qual Pandora esculpida por Vulcano
 Dos Deoses todos foi muito louvada:
 A Venus por obsequio Marte ufano
 Refulgente lhe cinge a propria espada;
 Para, como atéqui, com melhor vida,
 Vencedora assim ser, nunca vencida.

IV.

Das sciencias o dom Pallas lhe infunde
 Para inveja luzir da antiga Athenas;
 Que se escola dos sabios se diffunde,
 Ha de assombro voar nas mesmas pennas;
 Baccho o Tyrso lhe dá, para que abunde
 Em seu fruto, de folhas sempre amenas;
 Que não possa vencello doce, e terno
 Campania, Esmyrna, Creta, Histria, Falerno.

V.

Diadema insigne d'aureas espigas
 Tecido lhe põe Ceres na cabeça ;
 Verdes roupas lhe veste , com que amigas
 Cobertas de esmeralda , o fruto cresça ;
 Com tal valor , que sem muitas fadigas
 Formosa frutifique , e resplandeça ;
 Vendô o mundo que assim se lhe dedica
 Outra fertil Sicilia , Attica rica.

VI.

Por Sceptro o Caduceo , Mercurio dando,
 Na mão lhe põe , que o bem da paz desfruta ;
 E que della feliz sempre gozando ,
 Se augmente o dom , que Ceres lhe tributa ;
 O Tridente aos seus pés o Deos lançando ,
 Que entre as ondas , e ventos doma a luta ;
 Com submissão , que tal respeito pede ,
 Ser senhora dos mares lhe concede.

VII.

Aquella arte , mais natureza , q'arte ,
 De espirito celeste conduzida ,
 Com ella liberal Phebo reparte ,
 A seus Cisnes mortaes tornando a vida :
 Se os que contaste Cisnes , vou contar-te
 (Phebo diz) fora ferie mui comprida ;
 O tempo , se hoje faz as vêas frias ,
 Brotar novas verás Academias.

VIII.

A justiça lhe inspira Astrea bella,
 Para a terra tornando já contente,
 Que desde o seculo d'ouro, que andou nella,
 Nas estrellas se via estar ausente:
 Só Juno se entristece, e com cautella
 Encubriendo o furor, que o peito sente;
 Levantando-se em pé, sem dizer nada,
 Do conclave se aparta exasperada.

IX.

Tanto que triste soube, que do polo
 Crystallina porção, subtil materia
 Roubára Jove, obrando grande dolo
 Contra o dominio seu, da sala aeria:
 Desfeita em pranto, qual do louro Apollo
 Pela irmã transmigrada foi Egeria;
 Dos olhos lumes lança por furaiva,
 Que tambem como a pena chora a raiva.

X.

Este empenho zelosa como inquiria;
 E sabendo que a Venus foi tributo,
 Com as agoas do pranto accende a ira,
 Que o peito lhe consome dissoluto.
 Que ao amor conjugal (diz) se prefira
 Outro mais enganoso, e diminuto!
 Escandalo maior se não comprehende,
 Quando por Venus Jupiter me offende.

XI.

Este sabe mui bem com razão clara,
 Quando laço de amor tanto nos liga;
 Desde o tempo, que o pomo semeára
 A Discordia, ficou minha inimiga.
 Que duro para mim sempre intentára
 Seu filho proteger na maior briga;
 Até o metter em Roma, e de Carthago,
 Cidade minha, ser tão grande estrago.

XII.

Ganimedes por mim tão odiado,
 (Se bem na formosura astro luzido)
 Por ver nas suas vêas circulado
 O sangue dessa prole aborrecido;
 Por seu gosto infiel, por seu mandado,
 Sem meu peito attender tão offendido;
 Ao Ceo levou das aves a rainha,
 Hebe expulsando ingrato, prenda minha.

XIII.

Que pelos fortes luzos amparados
 Delle mesmo, e por Venus soccorridos;
 Por mares nunca d'antes navegados
 Os Padrões de Lyeo forão rendidos:
 Que da sua arrogancia pelos fados
 Se vem hoje entre sustos decahidos;
 E erigir quer seu timbre deste modo,
 Para assim dominar no mundo todo.

Quem

XIV.

Quem as portas quebrou da roxa Aurora,
 Com tão valentes mãos, braços tão duros,
 Em suas próprias casas quem ignora?
 Os astros se não dem por mui seguros:
 Virá tempo, em que assim nos deitem fóra,
 Escalando do Ceo os altos muros;
 S'inda forças lhe dão, sem rebatellas,
 Fortes dominaráõ sobre as estrellas.

XV.

Que Cidade, que Reino esclarecido
 Nas armas, e nas letras florecente,
 O seu nome não tenha já perdido
 A' vista de tão fábia, e forte gente:
 Esparta empenho meu tão applaudido,
 De Lycurgo brazão tão eminente,
 Argos, que minha foi, em fim Mycenas
 A luz escureceo, lembra-se apenas.

XVI.

Suas leis, suas armas decantadas,
 Offuscando-lhe a fama a lusa gloria,
 Se vem hoje no Lethes sepultadas
 Sem culto, sem louvor, e sem memoria:
 E com estas razões justificadas
 De minha offensa grave, e tão notoria,
 Ainda queira de hum Reino destroçado,
 Capital erigir-lhe contra o fado.

Em

XVII.

Em furores me abraço, em iras ardo;
 Que isto soffra meu peito furibundo!
 Como nelle os rancores ainda guardo,
 Ceos! astros! campinas! flores! mundo!
 Como assim na vingança ainda tardo,
 Quando em tantas offensas céga inundo!
 Como assim soffrerei que isto consiga
 A favor d'hum esposo huma inimiga.

XVIII.

Todos no Ceo amparão a formosura,
 O meu designio só sempre se atalha;
 Os confins moverei da terra obscura,
 Já que no Ceo não tenho quem me valha;
 Do cháos romperei negra espessura,
 Donde as sombras a noite eterna espalha;
 A quem cercão, sem ver auras celestes,
 Tristes aemos, funebres cyprestes.

XIX.

Se pois he certo no alto consistorio
 Pelos Deoses estar já decretado
 O ser esta Cidade hum grande emporio,
 Todo o mundo a si vendo subjugado:
 Seu altivo, e soberbo territorio
 Descance, que abatido pelo Fado,
 A quem segunda vez tambem abraço,
 Ficará, como Troya, n'um chão razo.

XX.

As vinganças ordindo resoluta,
 Do Ceo desce, qual raio despedido;
 Nas fauces (1) entra da Tenaria gruta,
 Com que o Malea boceja estremecido:
 Andando, com as mesmas sombras luta,
 Quanto topa desfaz, arde incendiado;
 Québra furiosa a rigida cancella,
 Piza ao Cerbéro, as Furias atropella.

(1)
 Huma das
 tres portas,
 ou entradas
 do inferno,
 apud Poe-
 tas.

XXI.

Aos manes todos move, e incommoda;
 A côr perdeo Plutão do fero vulto;
 O Cocyto parou, parou a roda,
 Que volve de Ixion o grave insulto:
 A imagem desmaiou do inferno toda;
 Todo o centro tremeo da terra occulto;
 E com Eáco, Minos, Rhadamanto,
 Entre si se suspendem com espanto.

XXII.

Com este abalo, e furia desmedida
 Sisifo se espantou, treme de medo;
 Tanto assim, que no meio da subida
 Dos hombros lhe cahio grave o penedo:
 Levantou-se em pé Flegias, que a cahida
 Maior sente, movendo-se o rochedo;
 Muito mais temeroso desfalece,
 O aviso (2) cala, as vozes o emudece.

(2)
 Æneid.
 lib. 6.

XXIII.

Pasma Salmoneo vendo tanto estrondo,
 Tal como o que na torre ao mundo dava;
 Tormento ao seu tormento maior pondo,
 Outro raio julgou Jove lançava:
 Do lago Averno as agoas hediondo
 O lodo com o moto conturbava;
 As Irmans infieis, de Danao filhas,
 Temerofas largarão as vasilhas.

XXIV.

Affim tudo revolve exasperada
 Em total confusão, qual a Cidade
 Se vê dos inimigos assaltada
 Com repentino horror, e mortandade.
 Nisto batendo o pé com força irada
 No duro pavimento, a crueldade
 Dos tormentos cessou, do mesmo modo
 Em silencio se poz o inferno todo.

XXV.

Com a vista coriscos despedia
 Para todas as partes, quando olhava;
 A raiva, que no peito lhe fervia,
 Em escumas á boca se affomava:
 Divindades! ouvi minha agonia,
 (Bem no meio do abyfmo articulava)
 Ouvi da minha dor o fogo interno,
 Se maior póde ser que o mesmo inferno.

Eu

XXVI.

Eu sou Juno, comvosco venho a ver-me;
 O meu nome vos digo, pois parece,
 Que talvez podereis não conhecer-me,
 Como Jupiter já me desconhece:
 Este mesmo prosegue em offender-me,
 Quando minha inimiga favorece;
 Quem do inimigo meu se mostra amigo,
 Meu (3) se julga também ser inimigo.

(3)
 Ex juris
 regula.

XXVII.

A Venus antepõe vil formosura,
 Além de anniquilar o meu respeito;
 Não menos que do thalamo a fé pura,
 Não menos que do sangue o laço estreito:
 Esta pena tyranna, e mágoa dura
 Me não póde caber dentro do peito;
 Vomite contra Venus, contra Jove
 O veneno lethal, que nelle move.

XXVIII.

(4)
 A flor de
 Lis, que
 junto á boa
 faz Lisboa.

A Cidade, que (4) a flor de França arroga;
 Posto boa se siga, o mundo a cante;
 Se no seu mesmo estrago a flor affoga,
 Não he justo também que se levante:
 O Fado sua lei já mais deroga;
 Pois sabei Jove quer tão ignorante,
 Contra o Fado por Venus induzido
 Seu lustre levantar esclarecido.

XXIX.

Como Numes assim na vossa face
 Consentis, que hum mysterio se abandone?
 Fazei que este projecto se embarace,
 E o projecto do Fado só blasfeme:
 Das Tartaréas sombras toda a classe
 O seu grande esplendor inficione;
 Ceda ao vosso poder alto dominio,
 De Jupiter o mesmo vão designio.

XXX.

Se por fogo roubar Prometeo geme
 Do Ceo sublime ao Caucaço ligado;
 Como assim neste roubo, em que o Ceo treme,
 Como então o não vejo conjurado:
 Se por ser soberano a lei não teme,
 Para ser pela culpa castigado;
 Culpa grave a ninguem já mais distingue,
 A offendida eu sou, justo he me vingue.

XXXI.

Disse: e ligeira voando á aula etheria,
 Nos abyssos deixou grande alarido;
 Qual rápido fulgor de vil materia,
 Que raiando, se aparta com ruido:
 A's portas della bate, quando séria
 Com orvalho de argento humedecido
 Do vapor, que o inferno reconcentra,
 Thaumantes a expia, nos Ceos entra.

XXXII.

Melpomene funesta , dá-me agora
 Huma lugubre voz á minha lyra ;
 Qual Cisne , que só canta , quando chora ;
 Pelo mesmo tenor meu canto inspira :
 Ainda vive o horror da acção traidora ,
 No susto o coração inda respira ;
 E bem assim não posso interrompido
 Este horror expressar sem o gemido.

XXXIII.

Com desacordes vozes , mas suaves ,
 Triste Orptheo temperava o instrumento ;
 E estas forão aquellas fortes chaves ,
 Com que abrio de Plutão o aposento :
 Com harmonico som de tristes claves
 Entra nelle tambem meu pensamento ;
 Não a abrandar as Furias doce , e terno ,
 Mas a ver alterado o mesmo inferno.

XXXIV.

(5)
 Pfalm. 10.
 vers. 7.

Alli onde (5) o espirito das procellas
 Revolve hum mar de fogo na tormenta ,
 A quem o Author supremo das estrellas

(6)
 Isai. 30.
 vers. 33.

Com (6) sopros do furor o horror lhe aug-
 Circumdão este golfo sentinellas (menta :
 De tão horrenda fórma , que amedrenta ;
 Pégo em fim tão profundo , para donde
 O Ceo todo se fecha , a luz esconde.

Cho-

XXXV.

Chovem (7) laços, com que maniatados

Se vem da iniquidade os operarios;

De escorpiões, e feras rodeados

Padecem penas, e tormentos varios:

A morte (8) os despedaça, que assaltados

Como ovelhas se vem de seus contrarios,

Infernaes lobos, ardendo incessante,

Eterno (9) fogo, chamma devorante.

XXXVI.

Alli, (10) como na luz, nas trévas anda

A cegueira infeliz, o cégo engano,

E com tremendos écos, voz nefanda

A pena se lamenta atroz do damno:

Debalde a queixa para o Ceo se manda,

Sem refrigerio mal, morso tyranno;

E por mais (11) que exclame, a lingua diga,

Já mais nella o ardor se não mitiga.

XXXVII.

Rios (12) de enxofar, e de pêz fervendo

Impetuosos correm nos despenhos,

E plantados no lago o mais horrendo,

Infructiferos (13) ardem seccos lenhos:

Para o duro rigor, que estão soffrendo,

Não ha memoriaes, não ha empenhos;

Encadeada (14) a dor se multiplica,

O mesmo fogo queima, e vivifica.

(7)
Psalm. *supra*
cit.

(8)
Psalm. 48.
vers. 15.

(9)
Isai. 33.
vers. 14.

(10)
Job 24.
vers. 17.

(11)
Luc. 16.
vers. 24.

(12)
Isai. 34.
vers. 9.

(13)
Matth. 7.
vers. 19.

(14)
Isai. 34.
vers. 10.

XXXVIII.

Neste poço da morte, ultima terra,
 Asqueroso (15) Tophet, torpe (16) Gehenna,
 Bixo eterno, que nunca a boca cerra,
 Sentina univerval, lugar da pena;
 Defengano do mundo de quem erra
 Da verdade o caminho, sombra obscena,
 Reino sem luz, e bem de temor cheio,
 Patria da confusão, dos mortos feio.

(15)
 Isai. c. 30.
 (16)
 Matth. c. 5.

XXXIX.

De todas as maldades presidente
 A soberba (17) domína sublimada,
 Em cadeira de fogo sempre ardente,
 Sobre os astros querendo eitar sentada;
 As linhas della sahem retamente,
 (Impio centro na esfera depravada
 Dos vicios) para toda a redondeza,
 Como estrago do bem, do mal princeza.

(17)
 Lucifer.

XL.

A avareza, que ardor-igual concebe,
 Representa de Cresso a mesma scena,
 Por ministros crueis fordida bebe
 O metal (18) derretido, com que pena:
 Outro Tantalo em sombras se percebe,
 Que a sede infaciavel se condemna;
 No tormento se vê desesperada,
 Do seu mesmo desejo atormentada.

(18)
 Avareza fi-
 gurada em
 Cresso, a
 quem derão
 a beber ou-
 ro derreti-
 do, pela sua
 cobiza.

Esse

XLI.

(gmenta

Esse (19) Rei, em quem finda, e não se au-
 O sceptro dos Assyrios, monstro horrendo,
 Ardendo em seu palacio representa
 A luxuria no inferno sempre ardendo;
 Occupa a cova mais graveolenta,
 Pelo vicio tal pena merecendo;
 Como assim occupou sepulcro immundo
 De Roma (20) o Sardanápalo segundo.

(19)
 Luxuria, de
 quem foi
 monstro
 Sardanapa-
 lo, ultimo
 Rei dos As-
 syrios.

(20)
 Heliogaba-
 lo.

XLII.

Na fórma (21) de dragão fogo lançando
 Pelos olhos, e boca; furiosa
 A ira se manifesta, feroz quando
 A si mesma se morde de raivosa:
 O coração lhe está sempre abrazando
 De Nesso a lethal veste, e venenosa;
 E da forte que Alcides perde a vida,
 Morre sem espirar enfurecida.

(21)
 Ira,

XLIII.

Co' o (22) coração no ventre collocado,
 Qual (23) assello animal entre os marinos,
 Na fornalha infernal se vê guizado
 O glutão nos affectos belluinos:
 Como foi tão voraz, he devorado
 Por abutres crueis, que os intestinos
 Lhe consomem, os mesmos renascendo,
 De outro Ticio tormentos padecendo.

(22)
 Gula.

(23)
 Clemens
 Alex. lib. 2.
 Padagog.
 cap. 1. ex
 Arist.

Em

XLIV.

(24)
Inveja.

Em gruta (24) tenebrosa, que derrama
Ar corrupto com nevoa pestilente
Pelo fumo tecida de atroz chamma,

(25)
Cain.

A inveja (25) mora, e duras penas sente;

(26)

Para o fogo accender-lhe ainda clama

Mortuus

Da terra o sangue puro, e innocente;

est anno

mundi 688,

& usque ad

nostrum eta-

tem nume-

rantur

5088 an.

(27)

Preguiça.

(28)

Allude-se

ao animal

deste no-

me. P. Maf-

sejus lib. 2.

Hist. Ind.

Acaba no tormento, e resuscita, (bita.

Que ha mais (26) de sinco mil annos que ha-

XLV.

A esse (27) monstro, que (28) ao outro se

No nome, e negligente natureza, (compára

De tanta frouxidão, inercia rara,

Que he retrato da languida moleza:

Em accendido leito lhe prepara

Sem socego, e descanso impia fereza;

Como foi para o bem tão frouxo, e lento,

Tambem padece alli sem movimento.

XLVI.

Deste carcere obscuro, em que se vião

Gravemente os delictos castigados;

Apenas parte Juno, conferião

Os Deoses sobre o ponto alvoraçados;

As Furias no proposto consentião,

Os Juizes porém mais moderados,

Que as injustiças rectos abominão;

Nada decidem, nada determinão.

XLVII,

A conselho convoca Dite horrível
 Dos arbitros do Erebo esquadrão fero,
 E presentes lhe diz: Esta sensível
 Queixa, que motivou capricho mero,
 Justa parece ser. Como he possível
 Ao destino, que assim sempre venero;
 Com pasma horrendo, admiração medonha,
 Haja quem atrevido inda se opponha?

XLVIII.

A' terra subi logo furiosos
 Espiritos fataes em corpo obsceno,
 Contra Elisia nos peitos ardilosos,
 E infieis derramai vosso veneno:
 Declinem deste intento os primorosos
 Alicerces, que funda o seu terreno;
 A croa lhe arrancai, sem embaraços
 O corpo se fará todo em pedaços.

XLIX.

Nisto sem mais acordo do profundo
 A sahir começarão Furias tantas,
 Com tão grande tropel, que a ver o mundo
 Do Orco poucas erão as tres gargantas:
 Espalhão-se no ambiente, que jucundo
 De Elisia justa cerca as aras santas;
 Com que aos raios de Phebo manifestas,
 Nos ares se volvião como arestas.

Esta

L.

Essa Esfinge triforme, a Hydra fera
 Das entranhas da terra vem bramindo;
 Lançando fogo vem a atroz Chimera,
 Quando Górgona serpes sacudindo:
 Os Pythones ferozes, e os que gera
 O lago immundo, as fezes attrahindo;
 Monstros feros, e feras monstruosas
 Feias na vista, em tacto venenosas.

LI.

Cornigeras Cerastes, que das frias
 Lagôas inda vem rangendo os dentes;
 Latrantes Scyllas, horridas Arpias,
 Centauros torpes, fetidas serpentes:
 Assim de Elisia sacra as acções pias
 Intentão perturbar tão innocentes;
 Despojalla da croa determinão,
 E sem vida ficar crueis maquinão.

LII.

Suggerindo vassallos seus distintos,
 Que menos fieis são, mais arrogantes;
 De Elisia lhes propõe fossem extintos
 Do diadema os esmaltes rutilantes:
 De rancor lhes infundem labyrinthos,
 E de raiva infernal forças possantes;
 Derramando sobre elles tanta peste,
 Quanta o Orco vomita, Plutão veste.

Tal

LIII.

Tal como a que no célebre litigio,
 De Alcides a maior heroicidade;
 Espalhou sobre a terra o Cão estygio,
 Attrahindo de Phebo a claridade:
 Inficionados seguem o vestigio,
 Que pratica do Averno a atroz maldade;
 Os corações corrompem seus ferinos,
 E de homens se tornão em assassinos.

LIV.

Conciliablos fazem temerario,
 De Cercopes iniquo ajuntamento;
 Em o qual o feroz do amor contrario
 Se propõe contra a fé por fundamento:
 Alli vence a loucura, o furor vário
 Do respeito o mais alto acatamento;
 Blasfemão, dizem, fallão atrevidos,
 Aos favores tapando seus ouvidos.

LV.

Mas oh ingratição! vicio dos vicios!
 Ré de toda a maldade te convences;
 Como não te commovem beneficios?
 Para que no rigor cruel não pences:
 Favores para ti são desperdicios,
 Mercês dividas são, affagos vences;
 Espelho torpe, em que a fazer te apuras,
 Das imagens de amor tristes figuras.

Hor-

LVI.

Horriavel éco faz, que desagrada,
 A voz da ingratição; como buzina
 Depois de tantos annos inda brada
 Contra Octavio o rigor de Lucio Cinna;
 No coração lhe dá mimosa entrada,
 E por paga de amor traições maquina:
 Estranha no mundo és, nelle discorre;
 Se tudo por amor vive, em ti morre.

LVII.

Recebes, e inda crês que mais mereces,
 Favores cobras, e não te anniquilas;
 Do leão de Androdo oh se bem lêstes
 Argumentos de amor, da fé postilas!
 Se emblema do furor o reconheces,
 Se d'iras raio tanto o recopilas;
 Sabe que o ser feroz humano gera,
 Se tu de humano ser te tornas fera.

LVIII.

Mas porque teu rigor o mundo irrita,
 Vem a ser nelle mesmo castigado:
 Saul contra David, q'ancias lhe evita,
 S'arma, Absalão tambem seu filho amado:
 Mas hum acaba ás mãos do Amalecita,
 Outro deixa os alentos pendurado;
 E contra a tyrannia, que assim doma,
 Triunfante a croa cinge, o sceptro toma.

Per-

LIX,

Pergunta aos animaes , que agradecidos
 Te ensinarão a ler de amor a paga ;
 Aos volateis do Ceo , quando esquecidos
 Da prizão , que os retém , seu canto indaga :
 Pelo sustento pagão sustentidos ,
 Humilha-se o cão fiel a quem o affaga ;
 Falla á terra , que doce fructo entrega ,
 Mitigando-lhe a sede , a quem a rega.

LX.

O açor faminto ao debil passarinho
 Lança as garras ; mas não rasgar se atreve
 Seu corpo , que armou d'elle quente ninho
 Na noite de mais frio , e de mais neve :
 Deixa-lhe na manhã livre o caminho ,
 Dilacerar sabendo que não deve
 Com razão natural nativo instinto
 A quem o fomentou , posto faminto.

LXI.

No mar entra , e vê nesta maravilha
 Do delfim gratidão tão portentosa ;
 D'hum homem a ser baixel todo se humilha ,
 Só por ouvir cantar voz saborosa :
 A terra o rumo segue , as ondas trilha
 A falvallo , e se priva do que goza ;
 Acha Arion n'um bruto com ventura ,
 Do q̃ achou entre os homens , mais brandura.

Com

LXII.

Com mysterio recondito aos humanos
 Os mesmos Santos, e Anjos se admirão
 De ver na terra ingratos, que tyrannos
 Em offensas o bem tanto transfirão:
 Delicto atroz, que traz consigo os damnos
 Da ambição, e cobiça: oh se bem virão
 Ao agradecimento sempre mudo
 Horrenda fera, monstro carrancudo.

LXIII.

(29)
 Osee 13.
 vers. 5.

Pela boca (29) de Oseeas a Deos ouve
 Sindicando de hum povo tão amado,
 Que amante mais do que elle nenhum houve,
 Que tanto lhe enlevasse o seu agrado:
 Eu de escravo o tirei, porque me louve,
 No deserto o sustento com cuidado;
 E quando minha mão o favorece,
 Levanta o coração, de mim se esquece.

LXIV.

Mas eu como leôa embravecida,
 Leopardo, a quem ferem, e aggravarão;
 Urça, que se enfurece de sentida
 Dos filhos não achar, que lhe roubarão:
 Serei contra elle. Que ira desmedida!
 Divinas vozes tal nunca exclamarão,
 De feras tão crueis na similhaça
 O castigo deduz, mostra a vingança.

Re-

LXV.

Revolve attentamente as letras fantasmagóricas;
 Não verás que indignada a summa face
 Com tão terrível voz, ferezas tantas
 Em outro algum lugar tanto ameaça:
 Se a ponderar a mente ao Ceo levantas,
 De donde este furor divino nasce;
 Da ingratição nascer, dá bem indícios,
 Que em aggravos commuta benefícios.

LXVI.

Qual soberbo Tifão, a quem rodeão
 Na garganta mil viboras blasfemo,
 E no peito arrogante se lhe ateão
 Taes palavras = a Jupiter não temo:
 De accommetter os impetos o enleão
 Ao polo sublime, ao Ceo supremo;
 E coligado assim com seus irmãos,
 Levantão contra Jove as suas mãos.

LXVII.

Contra Elisia não menos atrevidos
 Levados de soberba furiosa,
 Com perfidia revolvem nos sentidos
 Sua vida roubar religiosa:
 Animão-se, que a Lucios fementidos
 Suspende faz acção tão horrorosa;
 Armas tomão crueis, e no conflito
 Correo a furia toda do Coccyto.

De

LXVIII.

De presumpção Colossos representão,
 De soberba castellos animados;
 Que a quererem elevar-se ao que intentão,
 Só podem ser degrãos estes peccados:
 Instrumentos, que a Lusbel atormentão,
 A dous Gigantes deixão degollados;
 Seu mal torre prostrou, que linguas dicta;
 Aman suspende, Estatua precipita.

LXIX.

Os filhos de Latona os claros vultos
 Encubrião a crime tão nefando;
 Cedendo a noite só, mãe dos insultos;
 Brilhar astros, as luzes suffocando;
 Muda a terra se poz, e assim occultos,
 Mais que as armas as iras fuzilando,
 Descarregão, sahe fogo, e na fereza
 Gera monstros de horror a natureza.

LXX.

Se aquelle infante víra este affacinio,
 Que ao ventre se recolhe temeroso,
 Só por não ver da Patria, vaticinio
 De instante estrago, fim calamitoso:
 De não nascer formára seu designio,
 Por caso não notar mais horroroso,
 Mais atroz, mais cruel que aquella pugna,
 Que a mesma natureza em si repugna.

LXXI.

Este attentado, posto não diffuso,
 Tal a suspensão era, que espalhava,
 Que em silencio se poz tudo confuso,
 Nem a dor hum gemido articulava:
 Olhando para a terra o Ceo obtuso
 De taes monstros crear mais se admirava;
 E a ouvir-se-lhe aquelle horrido estrondo,
 O dragão se escondeo mais hediondo.

LXXII.

Gemendo o ar, as nuvens se rompião,
 Tremeo o polo, as Zonas se abalarão;
 E as aves innocentes, que dormião,
 Batendo com as azas despertarão:
 As estrellas as luzes encubrião,
 Do furor aos fragmentos, que voavão,
 Para o chão toda a planta se debruça,
 Toda a terra estremece, o mar soluça.

LXXIII.

O Ganges commoveo-se internecido,
 E que muito chegasse a Eöa esfera;
 Pois quando Elisia dá qualquer gemido,
 Lá se escutão seus écos, donde impera:
 Com o Téjo do crime fementido
 Murmura, quando na paixão se altera;
 Communição entre si este desdouro,
 Derramando fieis lagrimas d'ouro.

LXXIV.

Chora a fidelidade Portugueza,
 Revestindo de pejo o rosto serio;
 Por ver do seu braço a grande empreza
 Manchada com tão grande vituperio:
 Para desaggravar esta inteireza
 Fervorosa declama ao templo etherio,
 Com seus nomes se abraze tal delicto,
 Em todos os annaes sempre inaudito.

LXXV.

Elisia sente o golpe tão tyranno,
 Mas mais o rigor sente, que a ferida;
 Pois de amor sendo emblema soberano,
 Mais amante sentio, ver-se offendida:
 Alenta o coração, que he mais que humano,
 Posto cadaver he desfalecida; (tião,
 Que dous(30) Genios, que aos lados lhe assis-
 Valor celestiaes lhe diffundião.

LXXVI.

Naturezas subtis, sidereas Mentas,
 E Numes incorporeos ministrantes,
 Da sempiterna luz chammaas ardentes,
 E do Ceo superior astros brilhantes:
 Patronos sacros, Nuncios diligentes,
 Mais na carne, se n'alma semelhantes;
 Que immortal sua vida assim consomem,
 Do homé para Deos, de Deos para o homem.

Pa-

(30)
 Os Anjos
 Custodios,
 o Proprio,
 e o do Rei-
 no.

LXXVII.

Para os corpos formar clara materia
 Recebêrão da esfera crystallina;
 Parece humano ser porção aerea,
 Que engastava substancia tão divina:
 Batendo as azas, lançaõ, qual arteria,
 Vitaes alentos, aura peregrina;
 E debuxando nellas Flora as cores,
 Na fragrancia respirão vivas flores.

LXXVIII.

Dos nús hombros lhes cahe Chlamide rica,
 Que de Cholcos ao vello superava;
 De contextura tal, que a ceder fica
 Phrygia agulha nos ramos, que lavrava:
 Zonas cingem de neve, em que se applica
 Candor sublime; ás quaes remate dava
 Botão de fogo, ou pedra, em que se apura
 Do Sol a imagem bella, e formosura.

LXXIX.

Nos Cothurnos a perna se lhe via,
 Como em partes o corpo puro, e nobre;
 Como entra por crystal, assim sahia,
 A luz do Sol; a luz, que se descobre:
 Em seus rostos brilhava o mesmo dia,
 Nos cabellos o Offir se mostra pobre;
 Reluzindo, coroados de grinaldas,
 Rubins na face, em olhos esmeraldas.

LXXX.

Hum destes superior na dignidade,
 Sendo iguaes no concenso, e natureza;
 Sem que áquella maior authoridade
 A menor invejasse, ou viva preza:
 Ornando sua augusta Magestade
 De bella, e nunca vista gentileza,
 Espirito de luz, Mancebo alado,
 Senhor era de hum grande (31) Principado.

LXXXI.

Tomando em suas mãos as sacras Quinas,
 As quaes das mãos de Elisia quasi morta
 Cahindo estavam, com unções divinas
 De feu grande lethargo elle a conforta:
 As duas Divindades peregrinas
 Alentos lhe conferem, quando absorta;
 A sua chara vida ao Ceo se implora,
 Recobrando o vigor da dor melhora.

LXXXII.

Tanto que melhorada se conhece,
 Mil prazeres o peito concebiam;
 Quando á vista dos Póvos apparece,
 Retumbavão mil vivas de alegria:
 Naquella idade ainda, em que florece
 A innocencia, e que o mal bem não sentia,
 Era tal o prazer, que dizer posso,
 A muitos fez chorar feu alvoroço.

Ape-

(31)
 Do Coro
 dos Princi-
 pados.

LXXXIII.

Apenas morre o Sol, as sombras correm
 A cubrir sua tumba crystallina;
 No corpo sublunar tres almas morrem,
 Como propria, sentindo esta ruina:
 Porém tanto que os raios seus discorrem
 Pela plaga oriental, e matutina,
 Tudo em gosto se banha redivivo,
 Racional, vegetavel, sensitivo.

LXXXIV.

Affim do luso Sol em seu lethargo,
 Nas trévas seus vassallos sepultados;
 E no corpo civil com pranto amargo,
 Estalárão de dor os tres Estados:
 Mas tanto que raiar em campo largo
 Se vírão seus fulgores espalhados,
 Tudo de prazer se enche, e gosto ameno
 Desde o mais grande estado ao mais pequeno.

LXXXV.

Ao Templo se encaminha, agradecido
 Seus votos a render, de Amaro Santo;
 Aquelle que ante Deos servo querido,
 No destroço dos membros póde tanto:
 Espera-o grande povo internecido
 Com lagrimas de gosto, e doce pranto;
 Vai passando, e nas vozes, que se ouvião,
 Chapéos voavão, vivas aturdião.

LXXXVI.

Não concorre maior povo Romano
 A receber os seus Emperadores;
 Tão alegre, gostoso, e tão ufano,
 Subindo ao Capitolio vencedores:
 Como o povo concorre Lusitano
 A ver da Magestade os resplandores;
 Com gosto, e suspensão notando rara,
 Como das mãos da morte se livrará.

LXXXVII.

Gratulações a Deos Omnipotente
 Se tributão com pompa magestosa;
 Por se ver hum milagre tão patente,
 Que sua mão obrou mais poderosa:
 Ao Ceo tributão todos geralmente
 As graças de huma vida portentosa;
 Sendo incenso o favor do beneficio,
 O peito altar, amor o sacrificio.

LXXXVIII.

Os habitantes do Orco, que isto virão,
 Do golpe assim não ter cabal effeito,
 Quando luzes celestes perferirão
 De Elisia defender o alto respeito:
 Raivosos huns aos outros se ferirão,
 Rasgando o coração, rompendo o peito,
 Dos quaes nascem com furias as mais rijas,
 Insectos feios, feias sevandijas.

Qual

LXXXIX.

Qual vento enfurecido o pó revolve,
 Que levantou da terra ao ar, bramindo;
 E com estranha furia se dissolve,
 Quebrando troncos, choças destruindo:
 Assim o esquadrão negro no ar se volve,
 Os orbes de seus eixos sacudindo;
 E co'os males, que causão, e os que incitão,
 Nos abyssos crueis se precipitão.

XC.

Brama Juno, e seus olhos quando bellos
 Na colera, em que assim se suffocavão,
 Parecião ardentes mongibellos,
 Dous Vesuvios no fogo, que lançavão:
 Não tem que se cançarem meus desvelos,
 (Céga diz) pensamentos me enganavão;
 Que não possa este meu furor opposto
 Tirar de huma inimiga, o que he seu gosto!

XCI.

Por hum demente enojo ao Ginde Rio
 Castigar pôde Cyro impaciente;
 Com que o nome perdeo, perdeo o brio,
 Dividida em regatos a corrente:
 E que não possa assim meu desvario
 De Venus castigar tão nobre gente!
 Para que o nome seu tão applaudido
 Acabasse em regatos dividido.

Que

XCII.

Que Potencia no Ceo , que o mundo rege ,
 (Que tanto(32) se disfarça, (33) e se conhece)

A tão illustre Reino assim protege?

A tão preclara gente favorece?

Não cessarei nas furias ; novo elege

Designio meu rancor , e estabelece :

Tirar-lhe-hei vingativa , e furiosa

Aquella doce posse , de que goza.

XCIII.

Esse monstro da mais dura fereza ,

Arrogante , feroz , duro , e implacavel ,

Que inimigo da humana natureza

Se mostra do seu sangue infaciavel :

A guerra , mãe horrivel da impureza ,

Como authora de roubos formidavel ,

Quebrar hade da paz tanto desvelo ,

Para ser da minha ira atroz flagello.

XCIV.

Sinta Ceres perder-se o seu thesouro ,

Searas queime , os campos seus lhe estrague ,

Hum raio seja atroz cada pelouro ,

Com que muros destrua , o Reino alague :

Esgotem-se os canaes , os rios d'ouro ,

A fera bellicosa tudo trague ;

E ficando prostrada , e exaurida ,

Nunca Elisia já mais venha a ter vida.

Hei

(32)
 Exod. 1.
 vers. 14.

(33)
 S. Paul. ad
 Rom. 1.
 vers. 20.

XCV.

Hei de ver se com este movimento
A sua presumpção aqui lhe pára,
Se de Jupiter cessa o grande intento,
Se de Venus tambem a affeição rara:
Hei de ver: . . . Mas q̄ digo! o meu tormento
Como em vozes se occupa, e não prepara
Os venenos lethaes, que nelle encerra,
Para fomites serem desta guerra.

XCVI.

Sopite a queixa a voz, a voz na queixa
Emmudeça, só fallem meus rigores,
Que expressiva não póde, e nunca deixa
A raiva consultar os seus furores:
O coração desfate, quando enfeixa
Tanta dor, pelas vozes só rancores;
O silencio levante mais o lume
Do furor, sendo lingua do queixume.

KEY

Hai de ver se son os movimentos
 A sua natureza e a sua
 Se de fazer e de grande
 Se de fazer e de grande
 Hai de ver se son os movimentos
 Como os seus e os seus
 Os seus e os seus e os seus
 Para fazer e de grande

Sobre a natureza e a sua
 E a sua natureza e a sua
 Os seus e os seus e os seus
 A sua natureza e a sua
 O seu e os seus e os seus
 Para fazer e de grande
 Os seus e os seus e os seus
 Para fazer e de grande

Para fazer e de grande
 Os seus e os seus e os seus
 Para fazer e de grande
 Os seus e os seus e os seus
 Para fazer e de grande
 Os seus e os seus e os seus
 Para fazer e de grande
 Os seus e os seus e os seus



CANTO III.

ARGUMENTO.

*Por mandado do Deos altitonante
 Desce á terra Mercurio diligente,
 A erecção da Cidade flutuante
 O animo do Rei move intercadente:
 Providencias se dão, quando vagante
 Se convoca precisa toda a gente;
 Com efficaz valor, grande energia
 Do mundo a melhor Obra principia.*

I.

DA Cidade, que tanto Venus ama,
 Já por Jove excellente plano feito,
 Sem demora de Atlante ao neto chama,
 Para haver com vigor de ter effeito:
 Este prompto obedece, que se acclama
 Mensageiro veloz ao seu preceito,
 E presente que foi na regia sala,
 O Nume superior assim lhe falla.

II.

Os motivos de dor, que hum terremoto,
 Como incendio, que logo sobreveio
 Ao districto da terra mais remoto,
 A Cypris deo, que era alma de seu seio;
 Me commoveu tambem a fazer voto
 De tão funesto estrago bem no meio
 De edificar contra o fado inimigo
 Novo Padrão, melhor do que o antigo.

III.

Por confiar de ti destreza, e manha,
 A que desças o meu fervor destina
 Ao jucundo Paiz, que o Téjo banha,
 Dando os braços a Thetis peregrina:
 Grande empreza ser julgo, alta façanha,
 Que só a heroicos animos se inclina;
 Mas tambem sei que póde a eloquencia
 Os montes abalar, mas sem violencia.

IV.

Não temas duvidoso, nem regeite
 Esta acção teu temor; gente he polida,
 Que com feras não trata, ou que seu leite
 Nas Hyrcanias bebesse enfurecida:
 Toda cheia de amor, e do deleite,
 Que a razão persuade, commovida:
 Quanto mais corações os mais ferozes,
 Abrandar de amor podem doces vozes.

Nem

V.

Nem he para erigir seu fundamento,
 Qual de (1) Cadmo foi, qual era o Thebano,
 Que á custa de furor sanguinolento,
 He que princípio teve o mais tyranno:
 Meu o conselho he só, meu este intento,
 Não de Pallas cruel, e deshumano;
 Pois he, segundo mostra o triste estado,
 Na razão, e justiça só fundado.

(1)
 Por conse-
 lho de Pal-
 las enter-
 rou Cadmo
 os dentes
 da serpen-
 te, que ma-
 târa, dos
 quaes nas-
 cêrão ho-
 mens arma-
 dos, que pe-
 leijado en-
 tre si, se
 matavão
 mutuamen-
 te; e fican-
 do só finco,
 com elles
 edificou
 Cadmo a
 Cidade de
 Thebas.

VI.

O coração conforta do Monarca
 No destroço infeliz da Patria amada,
 Que o leme vejo ter triste da Barca
 Entre tantas tormentas foçobrada:
 Sem que veja o rigor da dura Parca,
 Seus olhos a verão reedificada,
 E que póde vencer a Magestade
 Os destroços da atroz calamidade.

VII.

Que daqui se origina grande gloria
 Para a serie dos seculos futuros,
 Maior do que a que vive na memoria
 De quem lhe edificou seus nobres muros:
 Seu nome escreverá Real Historia
 Em marmore soberbo, em bronzes duros;
 Por ser não só da Patria Pai, mas della
 Restaurador reger fórma tão bella.

VIII.

Seja de Nino Ninive alta empreza
 De Alexandre a famosa Alexandria,
 E do filho de Antiocho proeza,
 Por honrar a seu Pai, a Antiochia:
 Gravem nellas seus nomes, em que preza
 De eterna fama viva a valentia;
 Que maior destreza he, mais artificio
 Destruído compôr hum edificio.

IX.

(2)
 Tertulian.
 lib. de Spe-
 clac.

Se edificar (2) Pompeo denominado
 O grande por trofeos, que o mundo clama,
 Hum theatro em Roma sublimado,
 Voou mais que seu nome a sua fama:
 De benigno, e piedoso o grande brado
 Por todo o mundo corre, e se derrama,
 Restaurador agora de Lisboa,
 Mais que a fama melhor seu nome voa.

X.

Com Cupido os acertos conferindo,
 (Que constante acharás sempre a teu lado)
 Ao tempo, em que tu fores persuadindo,
 Inspirando lhe vá seu doce agrado:
 Busca a hora, em que esteja deferindo
 Ao regimen de tão afflicto Estado;
 Pois para se alcançar boa fortuna,
 Buscou-se occasião sempre opportuna.

XI.

Esta alma das acções , mái dos successos ,
 Ninfa alada , que corre mais que o vento ,
 Se das mãos foge , em vão são os progressos ,
 Sem remedio deixando o sentimento :
 Pelo rosto os cabellos lança espessos ,
 Difficil de se ver , se no momento ,
 Em que vem , mão sagaz della não lanças ,
 Este empenho seguro não alcanças .

XII.

Com reverente culto ao Soberano ,
 Maior inda que á minha magestade ,
 Patentea a seus olhos este Plano
 Para fórma , e modélo da Cidade :
 E julgo quererá com peito urbano
 Pela minha reger sua vontade ;
 E com isto terá , que certo vejo ,
 Hum exito feliz o meu desejo .

XIII.

Os talares Mercurio nos pés ata ,
 O capacete alado põe rotundo ,
 A vara na mão toma , com que grata
 Infundia aos mortaes somno profundo :
 Desta forte cumprir attento trata
 O mandato do Deos , que rege o mundo ;
 A' meta occidental ligeiro vôa ,
 N'um instante veloz chega a Lisboa .

Era

XIV.

Era o tempo, em que as sombras dominavão
 Pela morte de Phebo refulgente,
 E todas as estrellas lhe fornavão
 Com tóchas funeraes eça decente:
 Porém como em Palacio vigiavão,
 Sem dormir, os cuidados; reverente
 Eis-que entrando no regio gabinete,
 Depõe a vara, tira o capacete.

XV.

Tratando está negocios importantes
 O Magnanimo Rei com seu Ministro;
 E vendo scintillar luzes brilhantes,
 Entendêrão do dia ser registro:
 Das estrellas o influxo (diz) errantes
 Toma a forte ora urbano, ora sinistro;
 E posto fixo fosse em sua esfera,
 Sobre os astros também o forte impera.

XVI.

Tenebroso conspira o Ceo horrores,
 Ameaçando diluvio não pequeno;
 E logo diffundindo resplandores,
 Alegre se descobre, está sereno:
 Fiar convem nos males, que favores
 Em seu lugar o Ceo dar póde ameno,
 Sendo tão proprio d'hum real semblante
 Mostrar-se sempre immovel, e constante.

XVII.

Ao seu carro Sefostre vendo attento
 Para as rodas hum Rei, que traz captivo,
 Admirado do serio pensamento,
 De tanta suspensão pede o motivo:
 Das rodas neste gyro, e movimento
 (Lhe responde) hum retrato julgo vivo
 Da fortuna, repara bem, Sefostre!
 Neste estado a fortuna te não prostre.

XVIII.

Aqui arrastro grilhões, quando cingia
 Na tésta diadema rutilante,
 A forte te abonou, se a mim feria,
 Para agora te veres triunfante:
 Porém também confio, que algum dia
 Na volta de seu gyro me levante,
 E podes descahir na mesma volta:
 Sefostre pasma, o Rei captivo solta.

XIX.

Do fado assim veloz gyra a esfera;
 E se agora de Elisia se desdenha,
 Que abatida se vê, também se espera
 Outro folio melhor a lograr venha:
 Na sua perfeição o Ceo se esmera,
 Com que gloria immortal seu nome tenha;
 Tal ferá, como a que (3) do Ceo descia,
 Por ser d'elle brazão como tão pia.

(3)
 Apoc. 21.
 vers. 2,

XX.

Se se vio padecer este Terreno
 Incendio tão voraz, e penetrante,
 Que o mesmo ferro colmo, as pedras feno
 Se julgava, que ardião nesse instante:
 Foi final evidente, e não pequeno
 De sua chamma ser purificante,
 Como tambem, (4) se diz, seria rara
 No Orbe Roma depois, se se abrazára.

(4)
*Timagenes
 invidēs Ro-
 ma, aiebat
 incendia
 Roma ob id
 unum dolori
 sibi esse,
 quod sciret
 meliora sur-
 rectora, qua
 arfissent.*

XXI.

E castigo não foi, se não me engano,
 Destroço tão fatal, tão vehemente,
 (Bem que a culpa provoca tanto damno,
 Nem nunca o Ceo condemna ao innocente)
 Mas foi traça do Ceo, divino arcano,
 A quem tudo se prostra obediente,
 Com tão estranha causa inda insinua,
 Em melhor renovar cousa tão sua.

XXII.

Se Troia destrocada se não víra,
 E nas chammas crueis não acabára,
 Do forte Heitor o nome não se ouvira,
 Nem a fama seu lustre apregoára:
 Ninguém o mal venceo de que respira,
 Sem que conte que a gloria lhe custára;
 Para o cume chegar desta, foi tida
 A vereda intrincada, ardua a subida.

XXIII.

Está no regio throno fulminante
 Por decreto Celeste definido ,
 Que esta egregia Cidade se levante ,
 Para no mundo dar grande estampido :
 Aquelle amor me mandão pôr diante
 Da Patria tão fiel , e esclarecido ,
 Para que á vista desta potestade
 Mais da sua erecção arda a vontade.

XXIV.

Quando incendio de amor bem te contéplo ,
 Superfluo tal aviso ser confesso ,
 Pôr diante dos olhos este exemplo ,
 A quem no coração o traz impresso :
 Considera , da fama que no templo
 Se descreve seu risco não ter preço ,
 Nem se assombre do mundo a assembléa ,
 Que d'hum Jove nasceo toda a idéa.

XXV.

Nisto com submissão a mais attenta
 N'um pedaço de Ceo , que estrellas veste ,
 Da Cidade o desenho ao Rei presenta ,
 Que bem parece ser cousa celeste :
 Aqui tens , diz , oh Rei ! se te contenta ,
 Este Mappa , que contra a forte agreste ,
 Supposto que de meritos mui falto ,
 Por mim Jove te envia do Ceo alto.

XXVI.

Esta a Praça, em que o nome teu escrito
 Em marmore verás, em bronze duro,
 Alto Padrão, que o mundo ao grande grito
 Da fama ha de ocupar para o futuro:
 Para a fabrica artifice perito,
 E o melhor descobrir eu te asseguro,
 Com que vejas, e veja todo o mundo
 No mesmo não haver outro segundo.

XXVII.

A's ruas, que aqui vês deliniadas,
 Regios nomes impõem pela belleza,
 O Teu, da Espoſa, e Filha tão prezadas,
 Augusta, nova, bella, e da Princeza:
 Feliz Esta, que vodas decretadas
 Com Pedro estão no Ceo, do Ceo empreza,
 Dos quaes hão de nascer, doces amantes,
 Inclyta geração, altos Infantes.

XXVIII.

Verás Principe tanto suspirado
 Na successão do Reino enfraquecido;
 Não tanto por amor, por voto dado,
 Pois pelo Ceo será só conseguido:
 O Teu berço verás mais exaltado,
 Antes que vás ao tumulto, erigido
 Como restaurador da Patria amante
 Simulacro verás, Teu semelhante.

XXIX.

Verás, quasi lutando com a morte,
Pállido o rosto, a voz enfraquecida,
Ser o Neto feliz digno Conforte
Da Filha tão prezada, e tão querida.
Alegra-te, está pois de animo forte,
Que isto ainda verás na mortal vida;
E depois destes gostos successivos,
Voarás á feliz região dos vivos.

XXX.

Infortunios Te cercão, mais Te esperão,
Só coração tão pio tantos sente,
Segredos, que do pólo se venerão,
Mas sempre a Mão te guarda Omnipotente.
Segredos taes os Deoses me disserão
Assim te descobrisse, refulgente
Antes que nas estrellas te eternizes,
Porque com bens os males suavizes.

XXXI.

Romper manda os escolhos da Cidade,
Alicerces abrir com diligencia,
A triste vencerás calamidade,
Acudindo com prompta providencia:
Soccorra tantos damnos a piedade,
De valor se revista a paciencia,
O lucro junte, a quem susto espalhára,
Mãos a obra, Senhor, gente prepara.

XXXII.

Em quanto o Cyleneo razões dictava,
 E foi sua embaixada assim completa,
 Cupido humilde co'os pés se abraçava
 Da sacra Magestade, pia, e recta:
 Assim como menino lamentava
 Attendesse á proposta tão discreta,
 A Lisboa, pedindo com agrado
 Levantasse de tão misero estado.

XXXIII.

Quebrava amor seus olhos na ternura,
 Com que olhava para Elle suspendido,
 Qual amante que roga, e com brandura
 Volve os olhos de amor todo ferido.
 Que pasmo! ver assim nesta figura
 Tão humilde, amoroso, e internecido
 O mesmo, que com forte liberdade
 Governa sobre toda a Divindade.

XXXIV.

Diga Jove, Neptuno tambem diga,
 Raivoso Marte, Baccho estimulado
 O quanto he poderoso, e lhes mitiga
 O furor entre todos alterado:
 Na discordia fatal, naquella briga,
 Com que o Ceo se achou tão perturbado,
 Como das mãos lhes tira mais potente
 O Raio, o Tyrso, a Lança, e o Tridente.

Em

XXXV.

Em traje Ethiope, em candor Britano,
 Pygmeo no corpo, no valor gigante,
 Anjo na fôrma, se no ser humano,
 Lynce sem olhos, Argos vigilante,
 Absoluto Senhor, doce tyranno,
 União do Orbe, setta penetrante,
 Do fogo effeito, e causa, de maneira
 Que só fogo não he, mas pederneira.

XXXVI.

Da aljava, que dos hombros lhe pendia,
 Huma setta de fino ouro tirava,
 Arma o arco, com ella ao Rei feria,
 Com que de amor seu peito traspassava:
 O grande effeito n'alma já sentia,
 Da Cidade a erecção já se firmava,
 Olhando para a Patria, se lastíma,
 E della cresce o amor, que Amor intíma.

XXXVII.

A providencia fábia ao sacro agouro
 Já prompta obedecendo, sempre estavel,
 Manda abrir o commercio, e seu thesouro,
 Com que alenta a despeza incomparavel:
 Abertos já se admirão cofres d'ouro,
 Que o trabalho faz doce, e agradavel;
 E do louro metal a grande fama,
 Em turba numerosa a gente chama.

Do

XXXVIII.

Do Povo Ediles cria em grande soma
A providencia mesma em seus lugares,
Inspectores tambem, (5) a cujos Roma
Honrava com assentos singulares:

(5)
Varro de
Ling. Dion.
lib. 6.

O desvelo efficaz a tudo doma,
De officiaes occupão-se milhares,
Que em numero menor, (6) em menos annos
Obeliscos vencêrão soberanos.

(6)
Allude-se á
fabrica das
finco Pyra-
mides do
Egypto, em
que se oc-
cuparão se-
iscêtos mil
homens em
78 annos,
e 4 mezes.

XXXIX.
O novo já começa alinhamento
No terreno, que espolio foi dos fados,
E só serve de triste monumento
Aos cadaveres nelle sepultados:

Ao cavar-se da terra o pavimento,
Caveiras se encontrão, ossos myrrhados,
Quem dissera, que em tão poucos minutos
Havia a terra dar tão grandes frutos.

XL.

O damno igual se péza co'o proveito,
Segundo logra o prédio seu prospecto;
Pois como se cortava tão direito,
Tudo havia de obrar-se justo, e recto:
O Enfyteuta se dá por satisfeito,
Por satisfeito o que he senhor directo,
Milagre bem patente, e descoberto,
Em tanta confusão tão grande acerto.

Na

XLI.

Na rua, que por todas as mais sobra,
 E de Cesar Augusto o nome cria,
 Para que augusta fosse toda a obra,
 O primeiro edificio principia:
 A' vista deste aos mais já não soçobra
 A sua construcção, que exemplar via,
 Parecendo tão bello o uniforme,
 Que já o antigo estado era deforme.

XLII.

Simples architectura, mas formosa,
 Idéa nobre de igualdade rara,
 Com que faz a Cidade mais vistosa,
 E sem regra o prospecto a afeiára:
 Rua nova de ElRei tão magestosa,
 Que o nome regio bem se lhe applicára,
 Rua Aurea, e refulgente; e na belleza
 A outra, que das mais se diz Princeza.

XLIII.

Rua bella real, que por ser bella,
 Se diz tambem das mais ser a Rainha,
 Em todas grande engenho se desvela,
 Por entr'ellas o assombro se encaminha:
 Medida justa tem, e parallela,
 Para serem iguaes assim convinha;
 A si nomes excelsos adjudicão,
 Que com elles assim mais nobres ficão.

Que

XLIV.

Que grande cabedal se não enterra
 Na factura dos canos, e cloacas,
 Fazer pobre das minas toda a terra
 Já parece, e de Cresso as forças fracas:
 A contar o juizo melhor erra
 De pedras o sem número, e de estacas;
 E (7) Forina gostosa a toda a gente,
 Materiaes aprompta diligente.

(7)
 Deosa tida
 pela genti-
 lidade dos
 canos, e
 cloacas.

XLV.

Para ti, nobre Praça, agora espalha
 A admiração a vista confundida,
 A muita gente vendo, que trabalha
 Por varias estações distribuida:
 Bem como no fervor mais se embaralha
 D'um mellifico enxame a grande lida,
 Huma entra, outra sahe, se aquella fica,
 Huma o succo carrega, outra o fabrica.

XLVI.

Grandes marmores, jaspes estupendos
 Das entranhas da terra o valor tira;
 E na força dos golpes tão tremendos,
 Aglaura geme, (8) Niobe suspira:
 Nas grutas écos se ouvem tão horrendos,
 Que a Narciso movêrão, se os ouvira,
 Polydectes se queixa, (9) Préto estala,
 O rochedo estremece, o monte abala.

(8)
 Ovid. Met.:
 lib. 2. & 6.

(9)
 Ovid. Met.
 lib. 5.

XLVII.

Conduzidas se vem vir em carroças
 Por animaes ao jugo obedientes,
 Aquellas as mais fortes, e mais grossas,
 E estes na robustez os mais valentes:
 O povo se suspende, de que as nossas
 Humanas forças possão decadentes
 Taes máquinas tirar da terra dura,
 A' medida do gosto com ventura.

XLVIII.

Essa Paro de Egeo, notavel Ilha,
 Seus marmores mais bellos não apura,
 Que ao mundo causem tanta maravilha,
 Como destes a sua formosura:
 Clara neve dos Alpes nelles brilha,
 Em si da Albania tem toda a candura;
 E enganar-se bem póde a vista breve,
 Se se vê pedra dura, ou branda neve.

XLIX.

Começão a lavrar no duro jaspe
 Lisipos sabios, sabios Praxiteles,
 Flores, frutos, e ramos, nem Campaspe
 Tão naturaes não fez a mão de Apelles:
 Nem as pedras, que tu, famoso Idaspe,
 Das areias extrahes, do centro expelles,
 As mais finas, brilhantes, preciosas
 No valor se não julgão tão custosas.

L.

Sobre arcada de forte cantaria,
 Que de Roma triunfaes arcos parece,
 Se levanta excellente galaria,
 A quem fauda o Sol, quando amanhece:
 O seu mesmo Palacio se avalia
 Na côr aurea exterior, que inda a guarnece;
 E se nelle (10) esculpio Vulcano a terra,
 Mar, Deoses, que o terraqueo globo encerra:

(10)
 Ovid. Met.
 lib. 2.

LI.

Pelas salas magníficas pasmado
 Entra, e verás não fabulas sonhadas,
 Mas (11) Heróes, q̄ da fama o grande brado
 Nas formas faz viver inanimadas:
 Se foi de eburneo tecto fabricado,
 Verás nas Quinas lufas, e fagradas
 Reluzir melhor luz com melhor arte
 Da nossa Redempção sacro Estandarte.

(11)
 Allude-se à
 Casa dos
 Vinte e
 Quatro.

LII.

Areopagos regios, e supremos,
 E de tapeçarias adornados,
 Em que a justiça entronizada vemos,
 Com Astrea, e Nemesis a seus lados:
 A' paz, a quem por filha sua temos,
 Imprimindo está beijos delicados,
 Offrecendo-lhe cultos, e louvores
 Conciliarios, Juizes, Senadores.

LIII.

Vê do Portico augusto no prospecto
 Columnas fortes sobre fortes bases,
 Que podem sustentar do mundo o tecto,
 Como fingem de Atlante os seus sequazes:
 Para nellas gravar-se o mais discreto
 Lemma desse Tyrinthio são capazes;
 Nem nas que fabricar fez Artemisa,
 Mais bella architectura se divisa.

LIV.

Em o centro da Praça mais vistosa,
 Que seus angulos bella iguaes apanha,
 Com fortissima gala, e portentosa
 Se edifica de pedra huma peanha:
 Como quem sustentar hade vaidosa
 Tão grande Imagem, máquina tamanha,
 Como quem hade ser real assento
 Da nobre Estatua, do maior portento.

LV.

O robusto Scipião, Emiliano,
 Com seu Mestre inda o grãde Heitor unido,
 O forte Achilles Grego, e o Romano,
 Na clava o Heróe famoso, e destemido:
 Perderião o esforço mais que humano,
 Vendo pôr sobre plano tão pullido
 Com idéa gentil, facil destreza
 Pezadas pedras da maior grandeza.

Que

LVI.

Que nobres rasgos o cinzel valente
 Nelles não abre, nelles não imprime,
 O doce pomo, a flor mais excellente,
 O fertil ramo, o tronco mais sublime:
 Os cinco timbres da Fineza ardente,
 Os trinta nummos do protervo crime,
 Brazão de Portugal, com que nos fique
 O penhor, que nos deo Campo d'Ourique.

LVII.

(12)
 A' porta
 caperia em
 Roma se
 chamava
 coroa tri-
 unfal, por
 onde entra-
 vão os ven-
 cedores a
 receber o
 laurel de
 seus triun-
 fos.

De remate lhe serve, e de grandeza
 Diadema excelso, croa magestosa,
 A quem mudou do ferro a subtileza
 De simples pedra em pedra preciosa:
 Os labores lhe ornão a gentileza
 Nos fingidos esmaltes curiosa,
 Sendo (12) croa triunfal d'outra memoria,
 Por onde a vista sóbe a maior gloria.

LVIII.

Que bellas fontes de artificio bello,
 Para o público bem assim servir-se,
 Seu desvelo não fez? soube o seu zelo
 No meio da Cidade introduzir-se:
 De Ezechias (13) mui proprio paralelo,
 Rei tão justo, e piedoso, que ao sentir-se
 Proximo (14) á morte, impetra a Deos saude,
 Do Senhor fortaleza, alta virtude.

(13)
 Eccl. 48.
 vers. 19.

(14)
 Ex lib. 4.
 Reg. c. 20.

LIX.

Não menos affaltado foi da morte,
 Da qual o livra a Mão omnipotente,
 Milagre no outro foi, da mesma forte
 O prodigio se vio neste evidente:
 De valor superior, d'animo forte
 Vestindo o coração, que a morte sente,
 Se observa na caduca natureza
 Respirar sacrosanta fortaleza.

LX.

Navegar junto á terra cousa grata
 Se se diz, como ao mar junto o passeio,
 De portos (15) fio bello as praias ata
 Que fervem de proveito, e de recreio:
 Quão formosa a Cidade se dilata,
 Ao monstro atroz das agoas pondo freio,
 Sua gloria maior, mais nobre infiro,
 Da que tanto opulenta ostentou (16) Tyro.

(15)
 Os novos
 caes.

(16)
 Ezech. 27:
 vers. 3.

LXI.

A Ceres (17) hum palacio se edifica
 Sumptuoso, soberbo, e sublimado,
 Nem outro igual Sicilia lhe dedica,
 Aonde o seu respeito he venerado:
 Esta tão fertil Ilha, como rica,
 Celleiro dos Romanos foi chamado,
 Tambem este geral, como jucundo
 Não menos póde ser de todo o mundo.

(17)
 O Terreiro.

LXII.

Naquelle dia, em que a Igreja Santa
Da Estrella de Jacob o ser primeiro
Com jubilos applaude, e glorias canta,
Mysterio deste Reino Padroeiro:

(18)
O Pelouri-
nho.

O Padrão (18) da Cidade se levanta,
Dando mostras de affecto verdadeiro
A' sua Protectora neste dia,
Para amparo ser seu, sua valia.

LXIII.

(19)
O Paizeio
público.

Prado (19) ameno, vergel culto, e sombrio,
De Thessalia seus bosques emulando,
Ao público se dispõe, que no estio
Recrea, quando ardores mitigando:
Doce arroio com credits de rio
Beija as plantas, que aos ares abraçando,
Centimanos parecem ser gigantes,
Que ao Ceo vão escalar mais arrogantes.

LXIV.

Driades alli crescem inda meninas,
Esperanças de mui formosas dando,
Como de pouca idade entre as boninas
Com regalos assim se vão creando:
Napeas na beldade peregrinas,
Alli tambem se vão alimentando;
Que tendo á proporção igual figura,
Assombro causarão na formosura.

Alli

LXV.

Alli frondosas arvores, que o fruto
 De Piramo o sangue unta denigrado,
 Desde o tempo, em que amante, e resoluta
 O peito traipassou de amor ferido:
 Na côr conserva ainda o triste luto,
 A causa no seu nome a dor tem lido;
 Mas posto triste seja, tem doçura,
 Effeitos de amor são, que ambos mistura.

LXVI.

A planta Herculea, que nas cores duas
 Mudou do fogo Averno espesso fumo,
 Em fórma formosea varias ruas,
 Alegria inculcando, e prazer summo:
 De marmore polido em meias luas
 Assentos tem por hum, e outro ruino,
 Aonde subtil tece o arvoreda
 Labyrintho intrincado, alegre enredo.

LXVII.

O freixo, que na selva, e na espessura
 Ostentando sublime a sua rama,
 Entre os arbustos logra formosura,
 Deleitavel, e fresco mais se acclama:
 A umbrosa faia, verde cobertura,
 Que mitiga de Phebo a ardente chamma,
 Qual choupo, que na mente idéas cinge,
 Com que ao somno provoca, e sonhos finge.

Da-

LXVIII.

Dafne a todas circunda mais formosa
 De aprazível verdor, e louçania,
 Empreza de Mavorte gloriosa,
 Ornamento de Apollo, alta valia
 Do Cesar, que na acção mysteriosa
 Desta Ninfa a perpétua galhardia,
 Cingir parece com mil croas d'ouro,
 Este grato Pensil cinge de louro.

LXIX.

Edificação-se templos sumptuosos,
 Olimpos de alabastro em varias cores,
 Mais sublimes do que antes, mais famosos,
 Nos quaes a arte deduz os seus primores:
 Frontespicios se elevão primorosos,
 Dourados tectos vibrão resplandores,
 Que estão vencendo d'Efeso ao profano,
 Assombros competindo ao Vaticano.

LXX.

D'um para outro terreno transferido;
 Mas o mesmo, que encheo gente d'Armada,
 Donde seu General por Deos trazido
 Os Mouros expellio com longa espada:
 Com maior pompa, e risco mais subido
 O templo (20) se edifica, em que a sagrada
 Imagem de Varões seus se respeita,
 Que o sangue derão contra infame feita.

(20)
 N. Senhora
 dos Marty-
 res.

LXXI.

O templo, (21) que mysterio excelso grava,
 Quanto tem de abatido, he mais brilhante,
 Pois conserva huma Virgem, que de Escrava
 Sóbe humilde a ser Mãi de Deos amante:
 Dando lustre melhor, do que illustrava,
 Com tal primor começa, e arte elegante;
 Que o pouco, que descobre na factura,
 He dedo, que demonstra alta extructura.

(21)
 A Fregue-
 zia da En-
 carnção.

LXXII.

Do lyrio (22) Portuguez, lusa assucena,
 A casa, em que nasceo, nobre aposento;
 A quem batendo o fogo na atroz scena,
 Livre deixa, seu Dono deixa izento:
 Mas se a tudo vencer o Ceo lhe ordena,
 Que muito lhe obedeça este elemento!
 Que muito, que se admirem taes vestigios!
 Em quem sempre luzio Sol dos prodigios.

(22)
 A Casa de
 Santo An-
 tonio.

LXXIII.

Com vista nobre, bella architectura
 Se refórma interior, e exteriormente,
 Adonde, equivocando-se a pintura,
 Fóрма a pedra debuxo preeminente:
 No sublime esplendor, na formosura,
 No vistoso matiz, gosto excellente,
 Bem mostra ser em casa tão divina
 Dos Cidadãos empreza peregrina.

LXXIV.

Se o ver-se o Ceo de estrellas matizado,
 Suas luzes ferindo o pensamento,
 Reconhece em rascunhos debuxado,
 Qual he no interior seu luzimento:
 Esse templo quem vir, quando acabado,
 De fóra, sem pizar seu pavimento,
 Vendo o prospecto só, terá por certo
 Que por dentro hade ser hum Ceo aberto.

LXXV.

(23)
 S. João da
 Praça.

Do que (23) nasceo maior entre os nascidos,
 Das maternas prizões santificado,
 Voz, que clama dos bosques escondidos,
 De Christo Precursor, Anjo mandado:
 Mais que Profeta, luz dos escolhidos,
 Que primeiros o Ceo tinha guardado,
 Do Divino Cordeiro dando indício,
 Da verdade Celeste sacrificio.

LXXVI.

Sua Igreja edifica em tempo breve
 Devoção fervorosa, nobre vista
 Seu tecto descobrindo, alli descreve
 Pincel valente a vida do Baptista:
 De huma parte se vê mandato aleve
 Cabeça emmudecer, que almas conquista;
 De outra com forte voz, éco vehemente,
 Penitencia prégar hum Penitente.

Era

LXXVII.

Era grande o fervor, grande o desvelo
De quem administrava esta obra pia;
Pois da Casa de Deos o santo zelo,
Qual como outro David, o consumia:
Vence a obra a materia, e do flagello
Do antigo estrago já nem sombra havia,
Com soccorro de esmolas, pouca gente,
Que foi senão fervor mais diligente.

LXXVIII.

Do Esposo, (24) que no thalamo fragrancias
Com a Esposa percebe tambem Santa,
Qual leito florecente d'outra, que ancias
De puro amor sentir a voz levanta:
Inquirindo-se entre ambos com instancias
Donde nasça este cheiro, que alma encanta;
E sabendo nascer de hum puro lyrio,
Castos vivem, e morrem no martyrio.

(24)
S. Julião.

LXXIX.

Em sitio muito mais desaffogado
Com desenho melhor, nobre artificio,
Do que d'antes estava collocado,
Principio augusto tem seu edificio:
Quasi occulto, dos olhos retirado,
O Templo antigo tinha o frontespicio;
Talvez por se julgar de jaspes pobre,
Já melhor delles rico se descobre.

LXXX.

(25)
S. Paulo.

Desse (25) Perseguidor, que o Ceo conquista,
Quando lobo voraz iras boceja;
E então cégo mais vê, do que com vista,
E já com vista ver, quem vio, deseja:
Desse, que desde o Ceo sahio aulista,
E já Doutor formado, aprendiz beija
Santas mãos de Ananias, que o baptiza,
Os pés de Gamaliel, que o cathequiza.

LXXXI.

A Capella maior nobre se ostenta
Com pedras de labores peregrinos,
E com duas columnas se sustenta
Variaveis na côr, Opalos finos:
Negros Pramnios nas faces representa,
Que espelhos se figurão crystallinos,
Roubando assim os tymbres Indianos,
Os jaspes de Numidia soberanos.

LXXXII.

(tárão

(26)
Santa Justa,
e Santa Ru-
fina.

Das Santas (26) Virgens, Virgens que esmal-
Com purpura o candor, que em si cingião,
E dos idolos falsos motejarão,
Tão futeis como o barro, que vendião:
Seu Templo se edifica, em que aportarão
Os dous nautas, que o corpo defendião
De Vicente invencivel, quando algozes
Dos cadayeres são os mais ferozes.

Das

LXXXIII.

Das (27) cinco Fontes do jardim Celeste, ⁽²⁷⁾
 Fontes mananciaes de toda a graça, ^{As Chagas.}
 Que como as que nascião do terrestre,
 Seu Caudal precioso o mundo abraça:
 Espinhos só brotava a terra agreste,
 Que d'hum pomo espalhou corrupta massa;
 Por donde vão regando, esses caminhos
 Em flores se transformão dos espinhos.

LXXXIV.

O Templo se edifica sacrosanto,
 Adonde na pintura do seu tecto
 Bem mostra d'huma triste Mãe o pranto
 Do que nos braços tem chagado objecto:
 Mas como a Fé a dor lhe alenta tanto,
 Venerando do Ceo este Decreto;
 Ao Pai entre as mulheres a Bemdita,
 Para o perdão da culpa mostra afflicta.

LXXXV.

Destas Portas, que amor abriu patentes,
 Mais do que a tyrannia como cega,
 Para entrarem Nações, todas as gentes
 As chaves, seu Pastor, a Pedro entrega:
 E bem vio nesse vaso de serpentes,
 E d'outros animaes, que tragar nega,
 Que patentes de entrar erão tão boas,
 Que accepção não julgavão de pessoas.

D'a-

LXXXVI.

(28)
A Magda-
lena.

D'aquella (28) Phenis, que buscando as casas
Do Fariseo, renova o seu destino;
Cabellos soltos sendo soltas azas,
Levando aromas, busca o Sol Divino:
Suas lagrimas são ardentes brazas,
Que se accendem em chammas de amor fino;
Dando da contrição bastante prova,
Para a graça da culpa se renova.

LXXXVII.

D'aquella Phenis, que já renascida,
E das galas antigas despojada,
Solitaria levou restante a vida,
Qual outra só nos bosques habitada:
Não com menor grandeza esclarecida
Sua Igreja tambem he renovada
Das mesmas cinzas, do lugar da pyra,
Em que o fogo voraz a consumira.

LXXXVIII.

(29)
Conceição
Velha.

Para (29) os Freires se erige a menos custo
Em terreno já santo Igreja bella,
Que occupasse, parece que foi justo,
Mãe de Misericordia a Casa della.
Com marmores, que dão a Paro fusto,
Aquella, (30) que he no nome parallela,
No Mysterio; que inculca, desta, ingente
Muito mais se construe, mais excellente.

(30)
Conceição
Nova.

Def-

LXXXIX.

Deſſa Filha de Adão, que he ſempre pura,
 E foi immaculada concebida,
 Perdendo o Templo a antiga formoſura,
 Máquina excelfa a cinzas reduzida:
 Muda até de lugar, e de figura,
 Por não ver-ſe a materia confundida
 Com a que maculada ſe deſmancha, (cha.
 Que Ella não póde entrar onde houver man-

XC.

Novo Templo fabrica o zelo puro
 De magníficos marmores cuberto,
 Que tem para firmar-ſe mais ſeguro
 Por fundamento a Pedra do deſerto.
 De pedras ſantas elevando o muro,
 Medido em quadro, mostra o Ceo aberto,
 Novo deſenho a pura idéa approva,
 Para ſe venerar Conceição nova.

XCI.

Do Serafim de Aſſís, (31) da Tocha acceza,
 Eſpiritos de amor mais inflammados,
 Já os veſtigios moſtrão de grandeza
 Os marmores primeiros levantados:
 No Templo entra riquiſſima a pobreza,
 Sem quebrantar os votos mais ſagrados;
 Os dous, que em vida ſe unem nos exemplos,
 Unem-ſe n'ara, e na erecção dos Templos.

Não

(31)
 S. Francis-
 co, e S. Do-
 mingos.

XCII.

(32)
Carmo.

Não (32) do fogo do Ceo, que mais devora
A victima, onde Elias mostra o zelo,
Sahe o fumo da chamma abrazadora,
Que as glorias escurece do Carmelo:
Se o grande Nuno revivesse agora,
Com dobrado valor, forte desvelo,
Restauraria o sacro Domicilio,
A quem lhe deo valor, e deo auxilio.

XCIII.

(33)
A Patriar-
cal. No fi-
tio da Co-
zovia, e feu
incendio.

Para (33) o Templo maior, alma da Corte
O desenho se expõe n'alta Cidade,
Onde o barbaro insulto, e incendio forte
Escurece o esplendor, e magestade:
Novos riscos dispõe em parte a forte,
Porém nenhum de igual commodidade,
Já debuxado está no archivo etherio,
Mas o Templo, e o lugar inda he mysterio.

XCIV.

(34)
A Graça.

O Templo (34) de Agostinho se levanta
Com nobre vista, nobre architectura,
Ficando com tal graça, e gloria tanta,
Que mostra mais do que antes formosura:
Sacro Templo, em que cerimonia santa
Com grandeza se faz, devoção pura,
Para os ritos solemnes opportunas
Maior largueza foi, forão tribunas.

Em

XCV.

Em terreno mais amplo, area mais clara,
 Se vota Igreja (35) ao Santo, que se entrega
 Menino ao jejum tanto, coufa rara!
 Que não mais de huma vez no peito péga:
 Já principio lhe dão, obra preclara
 No desenho descobre, em que se emprega;
 Para o septentrião, de donde espira
 O filho de Latona, a face víra.

(35)
 S. Nicoláo.

XCVI.

Já nesta mutação melhora muito;
 Tinha a face escondida, sem offensa
 Della agora, não vendo hum Sol defunto,
 Sete (36) estrellas lhe dão em recompensa:
 Com mais alegre vista em seu transumpto
 O dia liberal luz lhe dispensa;
 E fica no prospecto relevante,
 Em vez de hum busto, ver carro brilhante.

(36)
 He o Sep-
 tētrião hu-
 ma cōstel-
 lação for-
 mada de sete
 estrellas,
 e represēta
 hum carro
 tirado por
 huma junta
 de bois.

(37)
 O Loreto:

(38)
 He o Loreto
 Cidade de
 Italia, assim
 chamada,
 por ser an-
 tes hú bos-
 que de lou-
 reiros o fi-
 tio, em que
 foi edifica-
 da; ou co-
 mo escreve
 Prisciano,
 por ser nel-
 le achado
 hú lourei-
 ro, em qua-
 to Pico a
 edificava.

XCVII.

Do Templo, (37) que da Casa Lauretana
 O nome toma, e por Numes etherios
 Na laurea (38) selva poz Mão soberana,
 De alinhos pobre, rica de Mysterios:
 Do tymbre da Nação Italiana,
 Vencendo do estrago os vituperios,
 Co'a mesma nobre idéa, a mesma norma,
 A magnífica planta se refórma.

Nem

XCVIII.

Nem mudar-se devia o seu prospecto,
 Por ter á vista o Templo consagrado
 A' Encarnação do Verbo todo affecto,
 Com que por nós se fez Deos humanado:
 Da memoria da casa aquelle objecto,
 Em que este alto Mysterio fora obrado;
 E face a face foi intelligencia,
 Templos, que entre si tem correspondencia.

XCIX.

(39)
 Santa Maria
 Maior.

A Basilica (39) Santa, a Santa Igreja,
 Honra da Corte, gloria da Cidade,
 Que para braço seu, basta se veja
 A memoria da sua antiguidade:
 Hum Templo, que aos maiores causa inveja,
 Nesta sua refórma persuade
 Do mundo agora em toda a redondeza,
 Dos grandes Templos ser com mais clareza.

C.

Outros Templos famosos, e inda Ermidas,
 Nobres indicios dão de Magestade;
 Huns mais sumptuosos, outras mais luzidas
 Se edificação da atroz calamidade:
 Quem visse tantas aras destruidas,
 Seja honrada de Deos tanta bondade!
 Diria, que offendido pelos vicios,
 Já não queria o Ceo mais sacrificios.

Fez

CI.

Fez que o Templo se abraze, fabricado
Pela planta de Deos, Deos offendido;
Permittio que se visse profanado,
Cuberto de hervas vís, todo abatido:
Dos estragos porém sempre lembrado,
E de piedade sempre commovido,
Guarda Zorobabeis, que o reedifiquem,
Valentes Macabeos, que o purifiquem.

LUCIA

Fer que o Templo de Júpiter, fabricado
 Pela planta de Deus, Deus assistido;
 Perminha que de velle profanado,
 Coberto de herbas, todo abaido;
 Dos estirpes herem de Júpiter
 E de trilha sempre comovido,
 Guarda Xovobair, que o redigim,
 Valuado ~~de Júpiter~~





CANTO IV.

ARGUMENTO.

*Suggerido por Juno Marte horrivel
 Ao luso, estando em paz, guerra declara;
 As armas se manejão, quanto he crivel;
 As munições se apromptão, a obra pára:
 Na ausencia a dor se mostra mais sensivel,
 Com que a lusa cohorte se prepara;
 Unidos com prizões de amor constantes,
 Vem-se dous corações arder amantes.*

I.

COm incrível prazer, doce alegria,
 Parabens Citherea aos Deoses dava,
 De tão pomposa ver a galhardia
 Do desejo, que o peito lhe abrazava:
 Assim se edificava, e se erigia
 A Cidade, que o mundo respeitava
 Com sábias direcções, projectos novos,
 Por Senhora das gentes, Mãi dos póvos.

II.

Investigava a Juno tal grandeza ;
 E de assim ver a Venus tão ovante ,
 Em inveja inflammada , em ira acceza
 O Deos buscou das armas arrogante :
 Imitando do vento a ligeireza ,
 Entra na quinta sala rutilante ,
 Que cuberta de lanças , e de escudos ,
 Aos olhos propunhão horrores mudos.

III.

Das paredes pendião crystallinas
 Fortes armas , luzindo sempre ardentes ;
 Peitos d'aço , de malha faias finas ,
 Capacetes com fórmãs de serpentes :
 De plumas outros , vasos de boninas ,
 Arnezes duros de metaes luzentes ,
 De couro cravejado outros arnezes ,
 Como o de Ajax , involto sete vezes.

IV.

Bem no meio de todos mais honrado
 O de Pallas se via rutilante ,
 Pelo célebre Fidias fabricado ,
 Em que a guerra se expõe mais arrogante :
 O grande atrevimento conjurado
 Contra o Ceo , contra o Nume fulminante ,
 Que então a arte reluz , o engenho sobra ,
 Quando he breve o espaço , grande a obra.

V.

Vê-se a bésta de Assyrios maravilha,
 Da Amazona Princeza a maça vê-se,
 A Cota do Nisseno Midas brilha,
 Como de Etholo o dardo resplandece:
 Só da polvora alli, do raio filha,
 Instrumento feroz não apparece,
 Só debaixo da terra se concentra,
 Que invenção infernal no Ceo não entra.

VI.

Bellicos instrumentos, que sonoros
 Os animos irritão na contenda,
 Quando aos fracos infundem pelos póros
 Humor frio, do medo triste offenda:
 Pelas salas soavão em varios córos,
 Aos quaes sobre puxava a clara prenda
 De Miseno, clarim de sons ferozes,
 Como a voz de Estentor entre outras vozes.

VII.

Em lanças estandartes despregados,
 Nas cores emulando a primavera,
 De todas as Nações, nelles lavrados
 Seus tymbres, a Nação mostrão qual era:
 Armamentos de membros esforçados,
 Clavas duras; entre estas a que dera,
 Collocada no mais sublime assento,
 Aos monstros da terra vencimento.

Def-

VIII.

Deste Heróe os trabalhos se numerão,
 A feu retrato juntos debuxados,
 E com grande respeito se venerão
 Entre luzes brilhantes exaltados:
 Do berço, em que dragões crueis se gerão,
 E com mãos tenras vio despedaçados,
 O valor invencivel já se via,
 Ainda quando no berço adormecia.

IX.

Ante o Rei, que ás emprezas o convoca,
 Com a mais viva idéa representa,
 O como ao Cleoneo leão suffoca,
 O Porco mata, a Hydra defalenta:
 Como a porta infernal sem medo emboca,
 O cão Cerbero arrastra, e no orbe ostenta,
 Acção, que em fim obrou mais portentosa,
 Com que gloria immortal feu nome gofa.

X.

De Perseo valentias generosas
 Se retratão com tintas excellentes,
 A cabeça cortando, que formosas
 Tranças vio, e se espalhão de serpentes:
 As prizões desatando rigorosas,
 Que claras mãos prendião innocentes;
 Com alteradas ondas mostra o porto,
 O monstro a seus pés jazendo morto.

XI.

A repulsa de Atlante, que provoca
 A mostrar-lhe a cabeça colubrina,
 De outra parte se vê, que monte toca
 Com o cume a esfera crystallina:
 N'outro quadro chorando o Ceo invoca,
 Do pezar, que mortal o contamina,
 No qual tambem com penna delicada
 Entre os astros estrella se traslada.

XII.

De Teseo os esforços soberanos
 Pincel nobre tambem alli retrata;
 O valor, com que doma aos tyrannos,
 Os biformes Centauros desbarata:
 A Procustes, a Scinis deshumanos
 Tira a vida, e vorazes feras mata,
 Com que animo se vê, valor distinto,
 Pelas portas entrar do labyrintho.

XIII.

Os caminhos trilhar, mover os passos
 Arrogante, animado, e destemido,
 Sem sustos, sem pavor, sem embarços
 Ao Minotauro vendo, enfurecido
 Como ao mesmo se lança, d'entre os braços,
 Apertando-lhe as fauces, cahe rendido,
 Como o pé sobre o monstro põe com ira,
 Como os membros estende, feio espira.

XIV.

Aos infernos baixar, posto que vario,
 Pizando sombras vans do Reino escuro,
 Ao throno alto subir, e temerario
 A consorte roubar de Plutão duro:
 Do delicto formar-se-lhe summario,
 E mettido em prizões ver-se seguro,
 Das quaes, rompendo invicto o ferreo laço,
 A livrallo se expõe Herculeo braço.

XV.

As acções de Alexandre sublimadas;
 Mas entre estas se pinta por famosa,
 Reprimir as potencias depravadas
 A' mulher de Dario mais formosa:
 As cortinas de fino ouro bordadas
 Da ante-camara corre, o Imperio goza,
 A Syfigambis olha, e conjectura
 Vencedor não prostrar-se á formosura.

XVI.

Retratos de Varões assignalados
 Do grande animo filhos de Mavorte:
 Os dous Scipiões valentes, disparados
 Raios da guerra d'um ardente córte:
 De quarenta, por tres multiplicados,
 Confiectos vencedor Sicinio forte,
 Adonde se vê, dando inveja ao louro,
 Laureados com oito croas d'ouro.

XVII.

O forte Anibal, gloria de Carthago,
Descendente do sangue Lusitano,
Ser de Roma flagello, duro estrago
Ante as aras se vê jurando ufano:
De Cannas a batalha, immenso lago
Corpos mortos affoga deshumano;
E de anneis vendo hum numero tão forte,
De hum anel com veneno bebe a morte.

XVIII.

O grande Epaminondas traspastado
De huma lança inimiga alli se observa,
Que parece seu ferro untou cravado
De Sardenha risonha a lethal herva:
Pois vendo o seu escudo, que guardado
Dos golpes em seu braço se conserva,
No coração prazer tanto concebe,
Que alegre com a morte o riso bebe.

XIX.

Com a espada na mão, escudo d'ago
Arturo está de esforços tão distintos,
Que sómente ao impulso do seu braço
Em sangue immensos corpos jazem tintos:
Não dá para as batalhas hum só passo,
Nem se mette da guerra aos labyrinthos,
Sem que beije o arnez, que nelle bella
Por tymbre se retrata huma donzella.

XX.

Arcilio, que de sangue fontes vendo
 Emanarem do pulso, a mão cortada,
 Com a esquerda animado suspendendo
 O baixel, patentea aos seus entrada.
 O magnanimo Heróe, que invicto tendo
 A defeza melhor despedaçada;
 Alli se vê, de cuja boca soa:
 Meu escudo perdi, Cesar perdoa.

XXI.

O Tessalo Ceneo, que o privilegio,
 Mais que ao filho de Thetis concedido,
 Seu esforço logrou, valor egregio,
 Sem em tantas batalhas ser ferido.
 Temistocles tambem de animo regio,
 Que da Patria expulsado, e offendido;
 Mais move contra si neste desterro
 O veneno, do que contra ella o ferro.

XXII.

Belisario de esforços destemidos,
 Abraçado se vê co'a propria lança,
 Sem luz, descalço, pobres os vestidos,
 Por notavel exemplo da privança:
 Mas entre resplandores mui luzidos
 Sobre fama immortal alli descança;
 Que pública, levado no seu hombro,
 Ser nas armas de todo o mundo assombro.

XXIII.

O Luso Viriato, que robusto
 Recostando-se ao tronco do cajado,
 Se apresenta aos Romanos dando susto
 Com semblante feroz, com rosto irado:
 Com letras d'ouro tem no peito augusto
 Das mesmas (1) forças nome derivado;
 E com negra pintura, em triste espelho
 A nefanda traição, o vil conselho.

(1)
Viriatuſ a
viribus.

XXIV.

Junto d'elle Sertorio, a quem succede
 Segundo Capitão dos Lusitanos,
 Valeroſo com Roma as armas mede,
 Seu orgulho abatendo por dez annos:
 A forte mais troféos contar lhe impede,
 Do cruel Perpena ás mãos, d'outros tyrannos
 Acabando ſe vê, ſe acabar deve
 Quem ſeu nome immortal no polo eſcreve.

XXV.

O Villalva Heſpanhol, mancebo forte,
 Vestido d'armas brancas refulgentes,
 Ao ſoberbo inimigo dando a morte,
 Caſtigando palavras insolentes:
 Medindo eſtá de França alta cohorte
 Em pouca idade forças tão valentes;
 No duro eſcudo tem por brazão raro,
 Duas aguias luzindo em campo claro.

XXVI.

Gama, Cunha, e Pacheco separados,
 Os doze de Inglaterra todos juntos,
 Os grandes Albuquerque esforçados,
 Que aos feitos d'armas derão mil assumptos:
 Só do Cid, e de Nuno sublimados,
 E d'Affonso o primeiro, e d'outros muitos
 As imagens não tem; que quem quer vellas,
 Hade os olhos lançar sobre as estrellas.

XXVII.

Eburneo folio, que leões sustentão
 Do metal louro, de lavor custoso;
 Raiando luzes, sombras affugentão,
 Donde Marte se senta furioso:
 Ao seu grande terror maior augmentão
 As armas, que aos seus pés tem bellicoso;
 E de que o seu valor tanto se adorna,
 De Cyclopes forjadas na bigorna.

XXVIII.

Finos elmos, espadas fulminantes,
 Que Vulcano em caverna fez ardente,
 Retratos são de sustos trepidantes,
 Vidros de informe côr, que o rosto sente:
 Do peito adamantino scintillantes
 Vibra raios o Nume armipotente;
 A quem fervem de guardas n'acção d'ira
 O temor d'huma parte, d'outra a ira.

Ver-

XXIX.

Vermelhas plumas do elmo lhe tremolão,
 De duro aço nascendo altas favillas;
 E parecem nos ares, que se enrolão
 Coriscos vãos, accezas (2) rubicillas:
 Na fronte, em que os furores mais se assolão,
 Dous carbunculos rasga por pupillas;
 E cahida a viseira, fica sendo
 Funesto enigma de pavor horrendo.

(2)
 Serpentes
 da Índia de
 côr de fo-
 go.

XXX.

Furibundo, soberbo, e carregado,
 A vista aguda volve, e furiosa;
 E na côr do semblante affogueado
 A chamma se retrata bellicosa:
 No braço esquerdo tem arnez curvado,
 A framea no direito rigorosa;
 E dando nelle assim a luz Phebea,
 Reflectindo em si raios, mais se atea.

XXXI.

Estava a ira encoitada ao seu lado,
 Que enferma de si mesma, a si se opprime;
 E do figado o sangue requeimado,
 Em a cute exterior da face imprime:
 Hum verdugo na mão tinha apertado,
 Que com elle tyranna sempre esgrime;
 Nestas furias crueis, raivosas lidas,
 Seu desejo se occupa em tirar vidas.

Ape-

XXXII.

Apenas sente em si pena adversaria,
 Quando logo alterada, e nunca mança,
 Solícita, inquieta, e temeraria
 Até a não referir, já mais descança:
 Já louca sem razão, sem razão vária
 Ao furor, que he seu filho, na vingança
 Busca só para allivio deste fogo,
 Que só della o furor he desaffogo.

XXXIII.

As armas lhe ministra a raiva ardente,
 Corrompe o coração, mundo pequeno;
 Que as veias empestando, outra serpente,
 Tumescida se vê toda em veneno:
 Nada ouve, nada diz, e nada sente;
 Respirar apressado, olhar obsceno;
 Tudo piza cruel, tudo amedrenta
 Com os olhos fanguineos, côr cruenta.

XXXIV.

He fogo crepitante, e sempre accezo;
 He mar sempre agitado, e procelloso;
 He terra, que se alenta do seu pezo;
 Ar em fim fulminante, e tenebroso:
 Princípio da loucura, vil desprezo,
 Inutil facto, escandalo horroroso;
 Imagem, que com grande carga em terra
 O semblante decahe, os olhos cerra.

Não

XXXV.

Não assim o temor, que triste goza
Da debil cobardia, perde o brio;
Pois se a ira se accende furiosa,
Suspensivo o temor desmaia frio:
Do rosto aquella côr, que a côr da rosa
Com mudança veloz, veloz desvio
Antiga arrebatou, e deixa triste,
Parece a mesma morte nelle assiste.

XXXVI.

O coração lhe bate sem alento,
Frio o corpo lhe deixa o sangue quente;
Sendo tal este impulso, e tão violento,
Que bem se deixa ver exteriormente:
Nesta angustia cruel, neste tormento
Ao coração sentindo diligente;
Para assim defendello, e que não perca
O seu grande valor, o sangue cerca.

XXXVII.

As mais partes do corpo faltas gemem
Do nativo calor, que o sangue presta;
A mente se perturba, os membros tremem,
Com que o fusto interior se manifesta:
Os cabellos se enrijão, quando temem;
Liga a voz, cala a lingua, ás fauces esta
Secca se apega, sem que humor lhe acuda;
Com que se ostenta assim estatua muda.

XXXVIII.

Assim ira, e temor, como alliança,
 O Nume recoitava no seu peito;
 Para d'ira vestir-se na vingança,
 E nascer do temor o seu respeito.
 Apenas chegou Juno, quando a lança
 Brandindo com galhardo, e subtil geito;
 (Militar cortezia) desta forte
 A Deosa recebeu o Deos Mavorte.

XXXIX.

Em seus braços levando-a respeitoso,
 Por hum pouco suspenso em sua vinda;
 Turbado assim lhe diz: Caso he forçoso
 Este excesso, que crer não posso ainda:
 He caso (torna a Deosa) o mais penoso,
 Que meu peito embarça, e nunca finda;
 Porque neste intrincado labyrintho
 Dar sahida não sei ao mal que sinto.

XL.

Dos raios esse Pai, a Mãe das fétas,
 O Deos do Olympo, a Deosa dos amores
 Exercitando acções menos discretas,
 A meu peito cumulão mais furores:
 Em Elisia se vem bases erectas,
 Que me aggravão, de Jove pundonores;
 E devendo-me agrados, me he opposto,
 A Venus dando gloria, a mim desgosto.

Não

XLI.

Não tanto contra mim se oppõe tyranno,
 Como as maximas québra do Destino;
 E sendo respeitavel este arcano,
 Rasga a ordem do seu poder divino:
 As justas leis do Fado soberano
 O edificio queimárão Neptunino;
 Se a sua construcção vence os obstaclos,
 Desmentidos ficavão os Oraclos.

XLII.

Se enganofos se crem nossos arcanos,
 Se os decretos se dão insubsistentes;
 Dos Deoses não farão caso os humanos,
 Ludibrio ficaremos entre as gentes:
 Ter-nos-hão por corruptos, por insanos,
 Declamando convicios indecentes;
 Lugar damos ao mundo, a que se afoite
 Contra nós, outros filhos dando (3) a noite.

(3)
 Allude-se a
 Momo, es-
 carnicador
 dos Deoses.

XLIII.

Defendamos a causa inevitavel
 Da eterna lei, que os Fados exercitão;
 Se a Cidade ficou tão deploravel,
 Para que seus alentos resuscitão?
 Para crer-se no mundo supperavel
 O prescripto celeste? iras me incitão!
 As portas abre do bifronte Jano,
 Duro occorre, Mavorte, a este damno.

Eli-

XLIV.

Elisia d'outro ser perca esperanças,
 Alterando tyranno o seu socego;
 As espadas affia, affia as lanças,
 Entre as armas não cuide d'outro emprego:
 Em mares se desate de vinganças
 A parte, que a tratar da forte chego;
 Por hum cuidado deixe outro cuidado,
 Reduzindo a peor o seu estado.

XLV.

Com estrago fatal, damno cruento,
 Quando mais bravo o coração respiras,
 Hum (4) Cyro seja o teu furor sedento,
 Leões, (5) que bebem sangue, as tuas iras:
 Espire suffocada nesse alento,
 Com que quer renascer de ardentes pyras;
 Apresta-te, que o meu furor já tarda,
 No fogo de huma guerra outra vez arda.

XLVI.

Ouvio Marte, que em tanto estava mudo;
 A cada voz porém, que lhe dizia,
 O semblante estreitando carrancudo,
 Suspenso de mil cores se fazia:
 Estimo essa Nação; porém com tudo,
 Vista (lhe torna o Deos) sua ousadia,
 Pelos meios, que diz tua vontade,
 Castigar te prometto tal maldade.

(4)
 Allude-se a
 Cyro, met-
 tido por
 Tomirise
 hum couro
 cheio de sa-
 gue, para q
 se fizesse
 delle.

(5)
 Allude-se
 aos leões
 de Thera-
 damonte,
 sustentados
 com sangue
 humano.

XLVII.

Delle se aparta Juno na certeza
 De cumprir-lhe a palavra, e se despede;
 Soberana ostentando mais belleza,
 Que he carta de favor para quem pede:
 Bem conhece que offende nesta empreza
 A de Venus, que muito mais lhe excede;
 Contra toda a razão, contra vontade,
 Vencer se deixa assim da authoridade.

XLVIII.

Fogosas entre si belligeravão
 Tres Potencias; porém na lusa indemnes
 Systemas, e neutraes se vinculavão
 Por fangue, por amor, pactos solemnes:
 Entre as armas os Lusos descancavão,
 Da doce paz bebendo agoas perennes;
 Pelas portas, que Jano assim lhes cerra,
 Entra Marte a mover injusta guerra.

XLIX.

Este logo entre sombras vans de engano
 Baixando de-esplendores rodeado;
 Combate as jubas do Leão Hispano,
 Co'o liligero Reino colligado:
 A que o Luso se opponha ao Britano,
 Contra o qual seu furor se vê armado;
 Quando apenas lhe intíma este interesse,
 Desperta o Rei, o Deos desapparece.

Que

L.

Que aviso me conferes? Deos Gradivo!
 (O Monarca rompeo do sceptro Ibero)
 Na razão, que me expões, bem certo vivo;
 Teus dictames seguir gostoso quero:
 Da guerra, que está ardendo em fogo activo,
 Por esta via fim lograr espero;
 De Inglezes, tendo os Lusos por amantes,
 Sahiráo minhas armas triunfantes.

LI.

Com frivolas razões, posto suaves,
 Já manifesta á Elisia o seu projecto;
 Cujas dando-lhe n'alma oppressões graves,
 Declinar nunca soube o fiel recto: (ves
 Que os portos feche, quebrando aureas cha-
 Do commercio, da paz, da lei, do affecto;
 Por dissolver os laços da amizade,
 Lhe offerece as prizões da afinidade.

LII.

Soltando Elisia a voz do peito immoto,
 O seu zelo indiscreto combatia:
 Não ser justo entregar vidas a Cloto,
 Quando assim a razão o não pedia:
 Que o funesto rigor do terremoto,
 A sacrilega acção da aleivosia
 Grande impressão fazia em seus vassallos,
 A lhes dar que sentir novos aballos.

Quan-

LIII.

Quanto mais contra as leis da humanidade
 Infringir era tão firme alliança,
 Tão forte pundonor da lealdade,
 E sem aggravo haver, haver vingança:
 Que da sua efficaz neutralidade
 Não tinha que esperar outra mudança;
 Até ver (se vontade for Divina)
 Na propria casa a ultima ruina.

LIV.

Não convencem razões tão ajustadas,
 Porque sempre a paixão enfurecida
 Em iras se accumula duplicadas,
 Quando dellas se vê mais convencida:
 Investidas se vem, e bloqueadas
 De Elisia as praças todas, que offendida
 Neste forçoso caso, que a dispensa,
 As armas levantou para a defenfa.

LV.

De aprestos militares defraudada;
 Porém não que o valor turbado veja;
 Porque sempre a razão justificada,
 Inerme ainda assim forte peleija:
 Do seu confederado auxiliada,
 Por quem a vida amante expôr deseja;
 A cobrar entra as forças diminutas,
 Trópas se erigem, feryem as reclutas.

As

LVI.

As armas, que inclinadas descancavão,
 Do socego despertão somnolento,
 Daquelle grande vício se alimpavão,
 Que a paz tinha creado ferrugento:
 Fabriles obras de metal soavão,
 A quem accezo tinha solto em vento
 Recluso ar, e com golpes do martello
 Se fórma para a guerra atroz flagello.

LVII.

Em rios corre o bronze derretido
 A fundir invenção cruel no mundo;
 Em quem sulfureo fogo comprimido
 Exaspera, sahindo furibundo:

(6)
 Os Suiços.

O numero (6) se augmenta foragido,
 Nos Campos de Mavorte vagabundo;
 A quem cobiça grande, e soldo atea,
 E sem paixão do brio assim guerreia.

LVIII.

Volantes trópas, trópas que volantes
 Dos inimigos furcão as campinas;
 Dous batalhões se erigem arrogantes,
 Destes, que vivem só pelas rapinas:
 Da Britania Esquadras navegantes
 Do Téjo entrão as ondas Neptuninas;
 Onde a próvida industria assim convoca
 Bastantes munições de guerra, e boca.

Com

LIX.

Com estes apparatus se suspende
A grande obra; porque isto mesmo intenta
A fereza de Juno, que pertende
A Elisia submeter, quando se augmenta:
Na mágoa minorando, que comprehende,
Grande allivio no rosto representa;
E de assim ver cumprido, o que intentava,
Comsigo mesma atroz se gratulava.

LX.

Para embarcarem já Lusas Cohortes,
Exhortão os clarins a brevidade;
Despedem-se os esposos das confortes
Com lagrimas de amor, e de saudade:
Quebrão outros grilhões não menos fortes,
Os brios antepondo á liberdade;
A pais deixão; amigos, e parentes,
Em seus olhos levando outras correntes.

LXI.

Com os meus vendo estive humedecidos
A dous finos amantes abraçados;
No affecto conjugal recém-unidos,
Nos esforços do amor agigantados:
Ella tinha perdidos os sentidos,
Elle triste ganhado mais cuidados;
Pois não tinha mais posse de ser sua,
Que o que vai de huma Lua a outra Lua.

LXII.

Parecia huma filha da Belleza,
 Ou das tres Graças ser alguma Graça;
 E se pródiga andou a natureza,
 A fortuna tambem lhe foi escaça:
 Hum suspiro arrancando d'alma preza,
 Quando a voz na garganta lhe embarça;
 Desfeito o coração lhe tem a mágoa,
 Pelos olhos sahindo em rios d'agoa.

LXIII.

Nos braços feu esposo a suspendia,
 Augmentando tambem sua corrente;
 No pranto, que em seu rosto diffundia,
 Lhe abrandava o calor deste accidente:
 Entre perolas, donde amor se cria,
 Que cercão muros de coral vivente;
 Doce alento sahindo, com esta aura
 Espiritos creou, novos restaura.

LXIV.

Que pouco (diz chorosa) á forte deve
 Meu amor infeliz ser pouco affavel;
 Se por ser extremofo, foi tão breve;
 Se amára menos, fora mais duravel:
 Que o nobre fangue, que o valor te leve,
 Do brio póde ser acção louvavel;
 Mas deixar-me por essa fantasia,
 Não só louvavel he, mas tyrannia.

LXV.

A tua vida arriscas, mais a minha;
Quando ambas minhas são, se divididas;
Por huma gloria vã, sempre mesquinha,
O preço queres dar de duas vidas!
Se o desejo de ter mais te encaminha
A vaidades seguires fementidas;
Da fortuna não queiras arduo empenho,
Que em ter-te, amor, presente, tudo tenho.

LXVI.

A meu fiel coração, que aqui suspira,
Para extremos de amor desempenhares,
Tua fé protestou na ardente pyra
De nunca em tua vida me deixares:
Oh como agora vejo ser mentira
O que então me juravas! militares
Fadigas deixa; e se estas não recusas,
Não só me offendes, mas falso te accusas.

LXVII.

Sem queimares a mão no fogo a punhas,
Signal da tua fé, cri no portento;
Desde então de meu peito já dispunhas
Té ligar a vontade a teu intento:
As estrellas do Ceo são testemunhas
A seus olhos qual foi teu juramento;
No fogo a torna a pôr, se em ir-te teimas,
Verás se assim perjuro a mão não queimas.

LXVIII.

Com desvelo efficaz, doce ternura
 Finos laços de amor arremataste;
 Se para ter não era esta ventura,
 Para que minha mão aprizionaste?
 Fosse de amor razão, fosse loucura;
 Ponderáras, meu bem, no que intentaste;
 Ah! que se nunca para Marte olháras,
 Nunca offendêras de Cupido as aras.

LXIX.

Se este bem teu amor não permittira,
 Por desdita tomára o desengano;
 Teu desdem tão cruel não me ferira,
 Como a falta da fé ás leis de humano:
 A pena supportára, o mal sentira
 Com motivo menor, menos tyranno;
 Desculpa dando a teu repudio forte,
 Ser movido da minha infeliz forte.

LXX.

Se este impulso do meu pranto amoroso
 Assim te não commove internecido,
 Acção não he de peito generoso
 Ouvir, sem soccorrer, triste gemido:
 Se acaso (posto o não creio) aleivoso
 Te vês já com a posse aborrecido;
 Co'as lagrimas, que choro, bem não lavo
 A mancha, que me faz o teu aggravo.

LXXI.

Para onde me arrebata o pensamento?
 Perdoa, esposo meu, o desvario,
 Que não sabe o que diga no tormento,
 Sentindo hum coração qualquer desvio:
 Eu mesma a causa sou do meu lamento,
 Que em ti triunfa amor, excede o brio;
 Já te não culpo, culpo minha estrella,
 Desgraçada me fez, se me fez bella.

LXXII.

Se menos bella fora, outra ventura
 Minha estrella talvez me offerecesse;
 Que não fei o que tem a formosura,
 Que pecca de infeliz, se bem parece:
 Mas como em mim medêa esta pintura,
 Que o Zenith de formosa não merece;
 Tambem comigo a sorte igual reparte,
 Já de perder-te, amor, já de lograr-te.

LXXIII.

Para a guerra de Troya clarim rouco
 Gregos Principes chama na partida;
 Ulysses de prudente se faz louco,
 Por não deixar a esposa tão querida:
 Bem mostra ser o teu amor tão pouco,
 Que se aparta com gosto; a minha vida
 Deixando ao desamparo; aquelle vario
 Violento partio, tu voluntario.

LXXIV.

Dá-me os braços , não fujas : ah que a morte
 Pelos teus passos mede a minha vida ;
 Que perdendo da tua vista o norte ,
 Ponderar-me bem pódes falecida :
 Favor não dês á minha triste sorte ,
 Gozar te quero ; amor , prenda querida :
 Que se te vás , e eu fico , em mortal ancia
 Primeiro amor me mata , que a distancia.

LXXV.

Se com tudo partir teu brio intenta ,
 Por milagre de amor sem ti vivendo ;
 Tua vida será , que a minha alenta ,
 Quem alentos me dê , illos-hei tendo :
 Esse halito vital , que nos fomenta ;
 Se em deliquio mortal fores perdendo ,
 O mesmo beberei ; e nesta lida ,
 Em quanto tu viveres , terei vida.

LXXVI.

Lamentando faudosa , assim dizia ;
 E nas queixas que amante articulava ,
 Cada voz huma setta despedia
 No peito , que os gemidos lhe escutava :
 O esposo , a que a mágoa mais feria ,
 Limitados alentos respirava ;
 Alentado porém , força precisa ,
 Seu pranto embarga , a pena suavisa.

Não

LXXVII.

Não chores mais, meu bem, a tua queixa
Suspende em occasião tão opportuna;
Bem sabes que se o meu amor te deixa,
He fazer-te formosa com fortuna:
A porta, que avarenta assim nos fecha,
Não se abre, sem que assim nos não defuna:
Só não ficas, nem só vou; se contigo
Amante fico, amante vás comigo.

LXXVIII.

As honras não se ganhão sem trabalho,
Nem com ocio venturas se adquirem;
A sorte se me expõe, della me valho,
Nas acções do valor os Ceos me inspirem:
Da fortuna busquemos este atalho,
Não importa que damnos se conspirem;
A gloria militar, ao Rei devidas,
Conta os creditos só pelas feridas.

LXXIX.

O valor, que no coração se encerra,
Na paz não se conhece desejada;
Se proveito nenhum concebe a guerra,
Póde ser que o consiga a minha espada:
Deixar d'ir á campanha, o valor erra,
He gloria defender a Patria amada;
O brio me estimula, o nobre estado,
Sou soldado escolhido, não comprado.

Em

LXXX.

(7)
Hom. Iliad.
lib. 10.

Em lagrimas (7) banhada Hecuba triste,
Os peitos nus mostrava ao filho amante;
E por elles lhe roga, afflicta insiste
Deixe a briga de Achilles arrogante:
A tanta compaixão Heitor resiste;
Posto n'alma lhe fere penetrante,
A' ternura da Mãi vence o seu brio,
Veste as armas, expõe-se ao desafio.

LXXXI.

Pela Lei, pela Patria sempre as vêas
Devem promptas estar a se romperem;
Pullão de sangue illustre, e fervem chéas,
Em quanto exhaustas d'elle não estiverem:
Hum successo infeliz triste recêas!
Pois basta de justiça carecerem
Os inimigos só, para que possa
A victoria assim ser sem damno nossa.

LXXXII.

Porém se pela Patria deleitosa
A vida der, que o corpo tanto affaga;
Feliz morte terei, e venturosa,
Nem della ficarás sem teres paga:
Collocado ferei nessa formosa
Dos astros região, brilhante Plaga;
Aonde entre os Heróes também me assente,
Que esta dita tiverão preeminente.

LXXXIII.

O teu animo seja tal, qual era
 D'huma (8) certa Espartana a valentia;
 Que a morte de seu filho ouvindo, dera
 (Na guerra morto) mostras de alegria:
 Que em seu ventre feliz certo trouxera,
 Por filho verdadeiro conhecia;
 Quem com brio eficaz, fineza rara,
 Pela Patria morrer não duvidára.

(8)
 Apud Cic.
 1. Tusc.

LXXXIV.

Bem sei teu coração tanta licença
 Não admitte, perdendo o amado objecto;
 Quando vês haver mais esta differença,
 Ou do sangue ser filho, ou ser do affecto:
 Será valor heroico, acção immensa
 Essa; (dirias tu) mas meu projecto
 Tão duro não se encontra; em fogo quando
 Amor meu peito fez a golpes brando.

LXXXV.

Aprendeo do Padrao o grave officio
 Para as almas, que são a isenções dadas;
 Que accendendo-lhe o fogo deste vicio,
 Duro assim mollifica as martelladas:
 Com inflexivel peito algum indicio
 Já mais dei de render-me: já passadas
 Minhas durezas são, condição féra;
 Outra sou, já não sou quem d'antes era.

LXXXVI.

Isto tudo conheço, e que dirias;
 Como quem tentou já os teus rigores,
 Que excessos me custou de muitos dias
 A dita de alcançar os teus favores:
 Agora que em meus braços assistias,
 Aprendendo de amor doces candores;
 Não se podem unir, se assim te crêra,
 Alma de pedra, coração de cêra.

LXXXVII.

(9)
 Mahomete II, que degollou Irene, a quem muito amava, para mostrar nelle vençia mais o brio, do que a paixão amorosa.

Se as leis entre as armas emmudecem,
 Bem que aquellas a estas predominão;
 Tambem as leis de amor não permanecem,
 Quando as armas tomar outras ensinão:
 Oh quanto nas historias resplandecem
 Os brios (9) de Mahomete, e se illuminão!
 Poito barbaro foi, ha quem discorra,
 Donde a honra periga, o amor morra.

LXXXVIII.

Perdoa, amores meus, que nesta calma
 Das paixões, que me enleão, mais me obriga
 Os affectos cortar, que prendem a alma,
 Do que aquelles cortar, que a honra liga:
 Gozarei mais triumpho, e maior palma
 De vencer-me a mim mesmo em tal fadiga;
 E já leva o partido, quando o pence,
 Do inimigo vencer, quem a si vence.

Não

LXXXIX.

Não me affustão da guerra os males diros,
 Já levo o coração exercitado;
 Bem póde rebater de Marte os tiros,
 Quem os golpes de amor tem supportado:
 Que balas ha maiores que os suspiros,
 Com que me tens o peito traspassado?
 Mais ferem, pelo menos outro tanto,
 Que os fios d'huma espada, os do teu pranto.

XC.

Teus dous olhos a Ethiopes semelhas,
 E bem dous negros são, e se comparão;
 Que por arcos tomando as sobrancelhas,
 Muitas fléchas de amor sempre disparão:
 Teus cabellos já fei correm parelhas
 Com as armas de Jove, e me assombrarão;
 Já o corpo não sente, quando enfermo,
 Na doença enfaiado, o final termo.

XCI.

Hade Amor proteger, para que eu viva,
 O meu peito com animo dobrado;
 Que estou por brio, e lei, força nativa
 A amparar duas vidas obrigado:
 Pois se em meu coração, prenda excessiva,
 Te confervo, e heide ter, bem adorado;
 A vida, com que a minha só respira,
 Guardarei, porque o golpe te não fira.

Já

XCII.

Já levo n'alma o esforço duplicado;
 Hade muito custar na Marcia lida,
 Assim de duas vidas animado,
 Ao inimigo cruel tirar-me a vida:
 E quando d'elle mesmo rodeado,
 Minha furia se veja combatida,
 Render-te saberá meu duro córte
 Muitas mortes tambem com minha morte.

XCIII.

Para cantar das armas o ruido,
 A lyra Anacreonte temperava;
 Ferindo as cordas, penetrando o ouvido,
 Em vez de horror soar, amor soava:
 Torna a pôr igual ponto, igual sonido
 N'harmonia das vozes, que intentava;
 Torna o plectro a ferir, porém a lyra
 Arrogante não sahe, doce respira.

XCIV.

Entre as armas por mais que me embaralhe,
 Ouvindo o horror das balas, do lamento,
 Não temas que hum só ponto de amor falhe,
 Teu agrado affinando o pensamento:
 Ao inimigo cruel por mais que talhe
 Hum feroz coração meu ardimento,
 Nas lembranças da tua formosura
 Do forte hade nascer sempre a doçura.

XCV.

Verás nascer primeiro d'alto Oceano
 Esse claro Titão, a luz brilhante
 Ausentar-se de nós, fim dando ao anno,
 Em Cancro hum passo dar mais adiante:
 Volver-se o mundo, e neste louco engano
 As cinco Zonas ver em hum instante;
 Do que vejas, meu bem, nestes retiros
 Faltarem a faudar-te os meus suspiros.

XCVI.

Verás correr Tritão do Téjo ao Indo
 Para a noticia dar da forte empreza;
 E me hade ir teu desejo suggerindo
 Em tanto ardor impulso, e fortaleza:
 Se os extremos de amor me estão ferindo,
 Se vence a Marte a Deosa da belleza;
 Verás : . . . porém que digo ! a Deos amada,
 Deixou a Esposa, e foi cingindo a espada.

XCVI

Versa mactet primario d'ho Oceanu
 Elle clare d'ho, a sua d'ho
 Aulenta-se de nos, em dando no anno,
 Em Canco ham casto dar mais adiante;
 Volver-se o branco, e n'ho souo engano
 As fino d'ho, em ham d'ho
 Da que vejar, meo bem, n'ho vejar
 Ralenta-se d'ho, e meo d'ho

XCVII

Versa corer d'ho do d'ho do d'ho
 Para a noicia dar de d'ho d'ho
 E m'ho de d'ho d'ho d'ho
 Em m'ho d'ho d'ho d'ho
 Se d'ho d'ho de d'ho me d'ho d'ho
 Se v'ho a d'ho a d'ho de d'ho
 Versa e a d'ho que digo, a d'ho d'ho
 D'ho a d'ho, e d'ho d'ho d'ho

XCVIII

Versa d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho
 D'ho d'ho d'ho d'ho d'ho



CANTO V.

ARGUMENTO.

*Embarcão-se as esquadras Lusitanas,
 Concorre o povo a ver o movimento;
 E constantes rompendo ondas Taganas,
 Jove se altera, offusca o firmamento.
 Com tristes queixas Venus, quando ilhanas,
 A Marte expõe seu juſto sentimento;
 Vencido eſte, que amante ſe confessa,
 Torna a obra a surgir, a guerra cessa.*

I.

O Mez era, em que á bella Cytherea
 Applaudião com festas os Romanos;
 E sobre ſuas aras Amalthea,
 Os ſeus dons eſpalhava ſoberanos:
 Amantes dedicando á meſma Dea
 Eſte aprazivel mez todos os annos;
 Que traz (1) o nome, onde abre viridante
 As portas de eſmeralda á flor brilhante.

(1)
 Ovid. Faſt.
 lib. 4.

II.

Enchendo de alegria o campo ameno,
 Morava o Sol no fulgido Carneiro;
 Que (2) influxos deo ao barro Damasceno,
 Do Zodiaco matiz, Signo primeiro:
 O ar espalha as sombras mais sereno,
 Augmenta-se de Phebo o seu luzeiro;
 E já quasi apanhando o vélo louro,
 Lançallo ás pontas quer do feroz Touro.

III.

Aquelle vélo, digo, astro fecundo,
 Amante singular da natureza,
 Com que o pólo se alegra, ri-se o mundo,
 As estrellas descobrem mais belleza:
 O triforme semblante mais jucundo
 Circunda na mais baixa redondeza;
 Os favonios respirão doce graça,
 Brandas ondas limosa a praia abraça.

IV.

Aquelle, em cuja barca naufragando
 Heles, que com seu nome o Ponto augmenta,
 Tal como ao outro deo Icaro, quando
 Os muros penetrar do Olympo intenta:
 Aquelle, que com guardas vigiando,
 Sempre teve, e fechou mão avarenta;
 Com benigno favor, destreza rara,
 A Phryxo transportou, Jason roubára.

Com

(2)
 S. Athanas.
 lib. de va-
 riis quaest.
 Sacrae Scri-
 ptur. ad An-
 tioch.

V.

Com Delio rutilante ao tempo vário
 As medidas tomando, já se via
 Para a planta o vestido necessario,
 Do que a noite maior crescer o dia:
 Do calor generante esse contrario
 Suas forças crueis diminua;
 Quando Damas mais nobres nos alinhos
 Volantes vestem, despem os arminhos.

VI.

Rubicundos se vem os horizontes,
 Os rios correm já menos turbados,
 Mais liquido crystal manão as fontes,
 Luxurião de amor os brandos gados:
 Pastando a relva, os ubros pelos montes
 Vão distillando o lacteo humor d'inchados;
 Salta o cordeiro, e logo descontente
 Ballando vai buscar a mãe ausente.

VII.

As Ninfas de outra parte sem cuidados
 Os dias entretém, as horas passão;
 Danças fórmão em ternos separados,
 Quando com passo igual as mãos enlação:
 Com Venabulos outras affiados
 As feras pela brenha inculta cafsão;
 Lindas flores do prado aquella apanha,
 No rio crystallino esta se banha.

VIII.

Das cavernas os Faunos se levantão,
 Correndo atrás das Ninfas por officio;
 Humas se deixão ver, outras se encantão,
 Dos affectos fazendo desperdicio:
 Amantes Coplas os pastores cantão
 Por divertirem grave o exercicio;
 E na flauta sonora espaços largos
 Farão adormecer ao mesmo Argos.

IX.

A musica das aves dividida
 Em côros, as paixões d'alma recrea;
 Então sua garganta mais subida,
 Quando o fogo de amor nellas se atea:
 Na voz a Filomela internecida,
 Dom pela maior parte da que he fea;
 Quando na triste côr, de que se veste,
 Parece seu cantar canto celeste.

X.

Ave digna de ser mais admirada,
 Em debil corpo espirito tão forte;
 Se com igual se vê desafiada,
 O fim he da vencida a mesma morte:
 A contenda sustentão dilatada,
 Qual dellas na Canção tem melhor sorte;
 A tal excesso puxa o brio tanto,
 Que alentos faltaráõ, mas não o canto.

Nef-

XI.

Neste tempo melhor do tempo verno
 O seu canto suave a abrir começa;
 Ora com alto tom, ora com terno
 Muitos dias, e noites já mais cessa:
 O seu mal desgraçado, e o fraterno
 Alli fatal expõe, tyranno expressa,
 Com accento sem arte, e sem estudo
 Já pleno, logo grave, em fim agudo.

XII.

Apenas rompem raios matutinos,
 As mais todas saudão ao novo dia;
 Com o bico enfeitando as azas, finos
 Ecos fóbem de doce melodia:
 Já contentes de verem que divinos
 Orvalhos distribue a Aurora fria;
 As campinas se vestem d'alta relva,
 Denso o bosque se enlaça, umbrosa a selva.

XIII.

Alli de alegre falta a tenaz era
 Com tal prazer, que a quantos topa abraça;
 A giesta na flor, em que se esmera,
 Ao luzido metal lá faz negaça:
 A murta, que da Deosa de Cithera
 He mimo especial, mimosa graça,
 Formosa cresce, alli cresce (3) o dictamno,
 Que livrou de seu filho o fatal damno.

(3)
 Æneid.
 lib. 12.

XIV.

A sylva de progenie generosa,
 De espinhos posto seja atroz producto,
 A todos patentea carinhosa
 Na folha o coração, amor no fructo:
 Só fim a experimenta rigorosa,
 Quem se atreve a tocalla dissoluto:
 Florece o trevo, florido o tomilho,
 De quem se préza o favo de ser filho:

XV.

Sahe o pavão das covas escondido,
 Donde estava sem gala envergonhado;
 Agora dos cem olhos revestido
 A competir com Flora entra no prado:
 Entre as flores se ostenta mais luzido,
 Passeando soberbo, e todo inchado;
 E contraposto ao Sol do fausto norma,
 Reflectindo-lhe a luz mil iris fórma.

XVI.

Sahia do tyranno Inverno occulta
 Ao prado Flora já com suas filhas;
 Que quando huma se vê, na idade adulta,
 Outras irmans embala nas mantilhas:
 O tronco, que na terra se sepulta,
 Mostrando vem a face das familias;
 E nesta acção, que assim tyranno trata,
 Por dar vida a Pomona, a Flora mata.

De

XVII.

De Venus fresco o fangue alli florece
 Na flor mais engraçada que se admira ;
 E tanto entre as boninas resplandece ,
 Que dos raios do Sol purpuras tira :
 A candida assucena , que parece ,
 Que dos peitos de Juno inda respira ;
 A flor tambem , em cuja folha breve ,
 Apollo com a penna os ais descreve.

XVIII.

Com a flor de seu nome alli se encobre
 Narciso , que do amor proprio figura ;
 Manifesta aparente , e vã descobre
 No crystal fementido a formosura :
 A angelica celeste , o lirio nobre
 De tão rica , e tão bella vestidura ;
 Que venceo , posto mais breve se rompa ,
 Do mais ditoso Rei a grande pompa.

XIX.

As violetas de nobres se perfilhão
 Não tanto pela côr , pela humildade ;
 Assim como com ella aquelles brilhão ,
 Que vestem da sua côr a dignidade :
 Entre as boninas quanto mais se humilhão ,
 Mais amenas respirão na beldade ;
 Desatão-se da pompa triste em riso ,
 Com que alegrão de Flora o paraíso.

Alli

XX.

Alli Smilas exhala cheiro activo,
 Tambem Crocon amantes desgraçados,
 A quem amor castiga vingativo
 Em duas tristes flores transformados:
 Do seu ser racional vegetativo
 Toma Clicie, que affectos mal logrados
 Não podendo acabar mesma comfigo,
 Hum ingrato inda busca, hum inimigo.

XXI.

A linda flor do vento assim descrita
 Pelos Gregos, anemona chamada;
 Pois para abrir do vento necessita,
 Nem se mostra sem auras engraçada:
 Adonis representa, que a desdita
 Sua Venus chorando magoada;
 Cada lagrima tem virtude tanta,
 Que apenas no chão cahe, flor se levanta.

XXII.

Bordava em fim os campos de boninas
 A formosa estação da primavera;
 Que cubertos se vião de cortinas,
 Que para a festejar verdes lhes dera:
 De Glicera com mãos destras, e finas
 A muitas imitando dessa esfera,
 Debuxava subtil nestes tapizes
 Varias em cores, varias em matizes.

XXIII.

Já vem raiando o dia, (4) esse, em que a morte
 Vencida se prostrou á mesma vida;
 E com duras cadeas, grilhão forte,
 A culpa se prendeo tambem vencida.
 As tubas resonavão de Mavorte
 O rouco tom da marcha, e da partida;
 Regimentos se embarcão, corre gente
 A ver este apparatus tão luzente.

(4)
 Dia de Pas-
 coa da Re-
 surreição.

XXIV.

Mas hum Velho de aspecto venerando,
 Que a ver chegou tambem, no caes sentado;
 A tésta sobre os olhos carregando,
 Estas vozes profere meio irado:
 Ah Monarca! que tens de Iberia o mando,
 Como agora te vejo allucinado;
 Quando vejo huma guerra, que se atija
 Sem razão, sem direito, e sem justiça.

XXV.

Oh mal haja de Belo o nome horrivel,
 Que o proprio nome impoz á dura guerra;
 Sendo quem com fereza a mais incrivel
 D'entre os homens a paz doce desterra:
 A ambição de seu filho aborrecivel,
 Que d'Asia, e Egypto, a quem feroz aterra,
 Os póvos subjugando, ergueo guerreiro
 O Imperio, que no orbe houye primeiro.

Re-

XXVI.

Reparte o mundo o Povoador da gente,
 De familias o pai mais opulento,
 Por todos os seus filhos igualmente,
 Levado só d'um recto, e santo intento:
 Com sua parte estando assim contente,
 Viveisse cada qual do alheio isento;
 Porém desta concordia, que imagina,
 A inveja nasce, a guerra se origina.

XXVII.

Os rios se dividem, e enfraquece
 Nos partidos regatos a corrente;
 Apartando-se o fogo, desfalece
 No pabulo disjunto a chamma ardente:
 Em bandos a Cidade não florece,
 O esquadrão defunido perdas sente;
 Essa pedra Thirrêa ao mar lançada,
 Partida ao fundo vai, inteira nada.

XXVIII.

Este foi o algoz da sociedade,
 O mundo sendo hum só, dar-se distinto;
 Fieis agoas, figuras da verdade,
 Por muitas partes trocem labyrintho:
 Como alimento falta á caridade,
 Este fogo de amor se vê extinto;
 Porque assim dividido todo o mundo,
 Do mal se precipita no profundo.

XXIX.

Cortar-se este nó Gordio de vontades,
 Que o confenſo commum tanto ligava ;
 De tantas guerras foi , de mortandades
 A cauſa , com que o mundo ſe abrazava :
 Só da ambição verdugo ſociedades
 Defatou , que ninguem mais defatava ;
 E como ainda reina eſta inimiga ,
 Os laços de amor corta , que amor liga.

XXX.

Perverteo vil inveja a lei Divina ,
 Que poz a natureza nos viventes ;
 De Reinos , e de Imperios he ruina ,
 Quando ſe armão as gentes contra gentes :
 Mordendo o coração , toda ſe inclina
 A querer deſtruir os mais potentes ;
 O amor de ter mais , della a crueldade
 Quebrárão a humana ſociedade.

XXXI.

Atraveſſa-lhe o peito duro eſpinho ,
 Feroz monſtro primeiro em ſi ſe ceva ;
 Tanto creſce a fortuna do vizinho ,
 Quanto mais no rancor maior ſe eleva :
 Torpe vicio de ſi meſmo meſquinho ,
 Que do bem ſe entriſtece , o mal fó leva ;
 Bixo tão roedor , que certo creio ,
 He maior o ſeu mal , que o bem alheio.

XXXII.

Daqui nasce a penuria triste, e fea,
 Da penuria a cubiça, desta a guerra;
 Que tyranna se faz, e senhorea
 A livre doação de toda a terra:
 Foge Astrea, que tanto lisonjea;
 Dos homens para o Ceo, nelle se encerra;
 A verdade, e a razão se não cortejão,
 A justiça, e a paz já se não beijão.

XXXIII.

Do concerto do mundo estudar devem
 Os homens a tratar boa harmonia;
 Que elementos discordes não se atrevem
 A romper sua bella endelechia:
 Em nós diversos genios se descrevem,
 Mundo o homem se diz, tratar devia
 Huma doce união, huma vontade,
 Qual fez dos Geriões a antiguidade.

XXXIV.

Que fera cruel ha, que não venere
 A fórma de si mesma? e com fereza
 A figura devore, e dilacere
 De sua mesma prole, e natureza?
 Que javali feroz javali fere?
 Que leão de leão já mais fez preza?
 Sómente mais que feras os humanos
 Se matão entre si, ferem tyrannos.

Que

XXXV.

Que proveito na guerra se consegue?
 Se na guerra não póde haver proveito:
 Da guerra a paz se firma; e ha quem negue
 Nascer de dura causa doce effeito:
 E inda ha quem te appetença! quẽ te entregue
 Nas mãos hũ bem do mundo o mais perfeito!
 Quando nesta ficção, nestes enganos,
 Pelas mesmas victorias contas damnos.

XXXVI.

Oh quanto Agesiláo bem ponderavel
 De teus triunfos fez a falsa gloria!
 Pois foubes com a dor mais entranhavel
 O damno regular pela victoria:
 De tantas vidas perda irreparavel,
 O custo como igual traz á memoria;
 E quando da victoria mais ufano,
 Lamenta a perda, chora o desengano.

XXXVII.

Algumas justas são, que Deos lhe presta,
 Senhor dos esquadrões, sua licença;
 E seu poder bem nellas manifesta,
 Ou seja em offender, ou na defenfa:
 A Judas Macabeo valor empresta,
 Fomenta a Josué, para que vença;
 Mas oh quantas se vem no mundo ordidas
 Pela céga ambição bem conhecidas!

XXXVIII.

Esta porção de terra por Deos dada,
 Não sei que tem? nem que ella unica fora!
 Que foi por seu valor sempre invejada
 De tantos Reinos, sendo assim senhora:
 Oh ambição nefanda, e depravada!
 Do focego inimiga a mais traidora!
 Detem da guerra a rápida corrente,
 Não perturbes a paz da lusa gente.

XXXIX.

Deves desenganar-te, que este Imperio
 Não ha quem resistir-lhe já mais possa?
 Que o protege o favor do Nume etherio?
 Se algum tempo o castiga, a culpa he nossa?
 A Mão, que rege todo este hemisferio
 Despregada o defende, ella destroça
 Das inimigas armas os litigios,
 E não te desenganas com prodigios?

XL.

Não viste, como unir certo Rei trata
 Nossas Quinas ás armas Castelhanas;
 Como vento feroz as arreбата,
 Quando então se julgavão mais ufanas?
 Teus exercitos como desbarata
 Hum valor, que de forças mais que humanas
 Ser, o Ceo sinaes dá, mostra vestigios?
 E não te desenganas com prodigios?

Por

XLI.

Por veres este Reino empobrecido,
 Com tantos infortunios dissipado;
 Então o teu orgulho fementido
 O quer accommetter, quando assolado:
 Acção he de cobarde, e não duvido
 Que por debil te anime o seu estado;
 Porém has de advertir com razão justa,
 Nem o ouro falta, nem a guerra assusta.

XLII.

Contra os Romanos vem Lolio Samnite,
 Quando summa pobreza padecião;
 Consulta a Juno Pyrrho sobre a lite,
 Que pobres sustentalla não podião:
 E foi-lhe respondido a não evite,
 Que seu proprio direito defendião;
 Se com justiça as armas se jogassem,
 Não temessem dinheiros lhes faltaísem.

XLIII.

Apura, cruel, apura as tuas lanças
 Em teu mesmo rancor já convertidas;
 Que diante de Deos, Deos das vinganças;
 Responsavel ferás por tantas vidas.
 E vós, Lusos, parti nas esperanças
 De alcançardes victorias repetidas;
 Que para serdes Martes na campanha,
 Na justiça o valor vos acompanha.

XLIV.

Já se vem sustentar delfins de pinho
 Esquadras, e falanges mui luzidas;
 E cortando crystaes doce caminho,
 Fortalezas nadarem guarnecidas.
 Vendo Jove isto, diz: Por certo advinho
 Traições serem crueis por Juno ordidas;
 Ser não póde beber furor tyranno,
 Quem de Pallas o ramo brinda ufano.

XLV.

Estranho caso foi, caso forçoso
 Mover guerra, quem he da paz espanto:
 Nisto o pólo volvendo tenebroso,
 Em raios (5) se desfaz, desfaz-se em pranto:
 Que outrem seja do que eu mais poderoso?
 Que haja poder maior, q' o meu? nem tanto!
 Disse; e de Juno a furia nesse instante,
 Pela Styge jurou não ir ávante.

(5)
 Choveo, e
 trovejou
 muito nesse
 dia.

XLVI.

Fenomenos descobrem denigrados,
 Tristes nuvens, os ares se condensão;
 Raios fuzilão taes, tão repetidos,
 Que abrazarem-se os Ceos os homés pensão:
 Os vapores da terra comprimidos
 Com perfume sulfureo a mesma incensão;
 Com effeito por ver neste embarço,
 Se póde reprimir aquelle passo.

Com

XLVII.

Com veloz curso as ondas dividião
 Os baixéis, sem aos Lufos dar desmaiões;
 Por mostrar que aos contrarios não temião,
 Ostentárão aqui não temer raios:
 Estes mesmos bombardas parecião,
 E se julgão da guerra como ensaios;
 Mas delles sem temor de quando em quando,
 Instrumentos sonoros vão tocando.

XLVIII.

Mas Venus, que da empreza não desmaia,
 Observando estes passos, que regista,
 Sentinella fiel, prompta atalaia,
 Como quem o inimigo tem á vista:
 A ver-se com Mavorte amor se ensaia,
 Até contar triunfos na conquista,
 Veste alva transparente, se ao vestilla
 Ou quer cubrir a neve, ou descubrilla.

XLIX.

Despida até os peitos, frágoa amante,
 Hum golfo crystallino representa,
 No qual amor padece naufragante
 Com duas ondas só grande tormenta:
 Da concha, em que nasceo mimo nadante,
 A côr roubou, nas faces outra alenta,
 Como perola nasce, o ostro a cria,
 Candor espalha, se carmin vertia.

L.

Os cabellos compõe, sendo seu aio
 Seu proprio filho, enleio do alvedrio;
 E quando lhos entrança, ardente raio
 Reflectia brilhante em cada fio:
 Para ver era, o como neste ensaio
 O amor toucava da belleza o brio;
 Que a belleza, supposto muito póde,
 Nada vence, se amor lhe não acode.

LI.

Collar de margaritas põe mui finas,
 Que concha produzio mais nobre, e pura;
 Cinto de neve, alparcas crystallinas
 Calça nos pés, envolve na cintura;
 Fragrante ambar respira de boninas,
 Com que faz attractiva a formosura;
 E de tão bella a ver, como deseja,
 O mesmo amor se prostra, a mão lhe beija.

LII.

Não satisfeito amor no rosto lindo,
 Hum osculo lhe imprime desattento;
 De travessura tal se ficou rindo,
 Desculpando este grande atrevimento:
 Que era effeito da acção (doce arguindo)
 Da belleza efficaz tanto portento;
 De que Venus gostosa amor affaga
 Com caricias de mãe, amante paga.

LIII.

Se a vira esse Mancebo, que deleite
 Sentia na figura, posto rara;
 Venenoso bebendo tanto leite,
 Primeiro que o preceito o acabára:
 Que joias não daria a este enfeite?
 Que finezas amante não dictára?
 Que incendios n'alma então não sentiria?
 Quando a dar-lhos chegou Estatua fria.

LIV.

Bella assim parte; e quando assim caminha;
 As esferas pizando o breve tacto,
 A celeste harmonia se detinha,
 Para lograr de amor o doce trato:
 Os signos repicavão, que a Rainha
 Das estrellas passava, assombro grato;
 A vèlla os astros correm, que benignos
 Das plantas lhe beijar se crem indignos.

LV.

Os nobres atrios do Monarca augusto,
 Das estrellas tutor, alma do dia,
 De cujo resplendor ouro combusto
 Nas esferas safiras incendia:
 Veloz passa, movida de algum susto,
 Que daquelle Planeta amor temia;
 Pois já fôra do seu cuidado amante,
 A Vulcano traidor denunciante.

LVI.

Ao Palacio chegando de Mavorte
 De tres muros cercado, que convexos
 Encerrão sua luz nocturna, e forte
 No excessivo calor dos seus reflexos:
 Apenas nelle entrou, renova o corte
 Na cicatriz antiga amor; perplexos
 Com a força da dor ao golpe agudo,
 Venus muda ficou, Mavorte mudo.

LVII.

Com amante desdem, riso fingido,
 Que em cofre de rubins perlas concebe;
 (A Deosa diz; e Marte amortecido,
 Em cópos de crystal venenos bebe)
 Já de ti meu amor vive esquecido,
 Nem nas cinzas calor já se percebe;
 Quem o pino te deo, dize tyranno?
 Que doce esquece, e brinda com engano.

LVIII.

Terás, cruel, terás outros cuidados,
 Quaes os de Rhéa forão encubertos;
 Que os descuidos, que tens dos meus agrados,
 Estimulão fazer meus zelos certos:
 Finezas minhas já te dão enfados,
 Teus affectos dos meus se vem libertos;
 Esta a paga, que tem minha belleza,
 Por tua causa ter já sido preza.

Ora

LIX.

Ora goza esse amor feliz, que eu cedo
 A' custa do meu mal o meu constante;
 Firme a serve, que mais do que eu concedo
 Venturosa será, não mais amante:
 O peito me descobre, este segredo
 Da mão, que o golpe deo tão penetrante;
 Para servilla quero conhecella,
 Quem assim tem do que eu melhor estrella.

LX.

Aquelle Povo teu tão estimado,
 A quem tua (6) luz domina inflammada;
 (Não quero dizer meu, hum só cuidado
 Já vejo te não move, o que me agrada)
 Como assim o perturbas soçobrado
 Entre as armas na paz tão desejada?
 Nem digas, para pôr á queixa pausa,
 Que effeitos d'outrem são, tu mesmo és causa.

(6)
 Lisboa he
 huma das
 Cidades,
 sobre que
 domina
 Marte.

LXI.

Quem senão tu? ingrato; quem, tyranno,
 Senão tu? por empenho, que enfeitiga,
 Duas caras mostrando como Jano,
 Suas portas abrio sem ter justiça:
 Mas que muito se mostre deshumano,
 Quem as minhas caricias desperdiça;
 A quem tanto maltrata a formosura,
 Linda flor não gerou, sim pedra dura.

LXII.

Juno tem mais poder, eu sem ventura,
 Sua belleza excede muito á minha;
 He justo que se attenda á formosura,
 Que cumpras petições de huma Rainha:
 Arranca-se essa espada, alça a mão dura,
 Da garganta lhe tira a grave espinha;
 Eu ferei a primeira em furia tanta,
 Que offreça ao seu rancor minha garganta.

LXIII.

(mno;

Não te affustes, que he meu do Luso o da-
 Juno te manda, o golpe em mim emprega;
 Para não ver o ferro deshumano,
 Não precisa de véo quem viveo céga:
 Hum decreto efficaz, tão soberano,
 Vagarosa cumprir tua mão nega!
 Não tema nesta acção tanta fereza,
 Que mais póde de Juno a gentileza.

LXIV.

Póde ser que valor para ferir-me
 Assim tenhas feroz, que não duvido;
 Por não te criminar de pouco firme,
 Tirar-me a vida queiras fementido:
 Acaba já, não queiras mais ouvir-me;
 Porém o golpe vibra com fentido,
 Em mim vives, supposto me maltrates,
 A mim só tira a vida, a ti não mates.

Se

LXV.

Se assim já te aborrece a minha vista,
Tira do teu rancor tanto motivo;
Abre o meu coração, e na revista
Verás nelle sem ti, cruel, não vivo:
Verás que no meu peito só se alista
O teu nome, a pezar desse odio activo;
Com tua ingratição meu soffrimento,
Ainda te conserva em meu alento.

LXVI.

Que te suspende ser meu homicida?
A's tuas mãos me entrego, a morte espero;
Tira a minha, e defende a tua vida,
Que tão pouco não he quanto te quero:
E se não tens valor para a ferida,
Essa espada me dá, verdugo fero;
Que eu mesma abrindo o peito sem piedade,
De ambos satisfazer quero a vontade.

LXVII.

Sem piedade disse! ao teu respeito,
Perdoa, era aggravar, se o golpe dêsse;
Não me lembrei que estavas no meu peito,
Alguma vez na queixa amor se esquece:
Deixa-me te riscar, se com effeito
Riscar se póde: oh quem bem pudesse!
De minha alma; verás com que seguro
A meu peito traspassa o ferro duro.

LXVIII.

A' Maxima das Deofas, á mais alta
 Conforte singular d'hum grande Esposo
 Como se hade dizer que Marte falta,
 Que se préza de muito attencioso?
 Hum throno, que assim sobre o teu se exalta,
 He digno de respeito; furioso
 A lança contra o luso atroz maneja,
 Satisfeito em seu sangue o furor veja.

LXIX.

Não tira d'um Pastor ser desprezada,
 Nos montes acção foi de quem vivia;
 Para tambem de ti ser reculada,
 Que sabes exercer mais cortezia:
 Bem conheço a sentença foi mal dada,
 Foi juizo de quem mais não sabia;
 As armas despir podés, veste a tóga,
 A' tua mão chegou, esta revoga.

LXX.

Seu agrado antepões ao meu agrado;
 Contra mim a sentença já se escreve;
 Nem he muito quem está tão empenhado,
 Assim falte á justiça, que me deve:
 Para donde appellar não tem meu fado,
 Que o mesmo que me estima, esse se atreve
 A proferilla ingrato, e no que ordena
 Não menos he de morte a minha pena.

Não

LXXI.

Não temo a guerra ; pois quando se oppunha
 Ibero contra o luso , a quem affago ,
 Ocular és tu mesmo testemunha
 Delle ver tantas vezes seu estrago.
 Sinto sim, que huma tal obra, em q̄ eu punha
 O meu desvelo todo , em quem eu trago
 O meu gosto enlevado , nesta guerra
 Seu fervor incansavel se desterra.

LXXII.

Já não seja por mim , que extintas chammias
 Vejo do teu amor , que outras se accendem ;
 Por quem mais te arreбата , por quem amas ,
 Suspende armas, que alivios meus suspendem:
 Se em reliquias de amor teu peito inflammas,
 Se algum inda me tens , se estas te rendem ,
 Tua vontade á minha satisfaça ,
 Seja do teu favor ultima graça.

LXXIII.

Por ti mesma me rogas , que eu não tenho
 (Mavorte diz) objecto que mais ame ;
 Nem presumas em mim maior empenho ,
 Por mais que teu rigor contra mim clame.
 Ah ingrata ! a dizer-te o mesmo venho ,
 Desculpa-me , que ingrata assim te chame ;
 Que quem zelos suppõe sem serem rectos ,
 He querer eximir-se dos affectos.

Hum

LXXIV.

Hum bem , que per si só se faz amavel ,
 Não heide amar ? a quem d'alma faz preza ?
 E que força não tem , mais agradavel
 Quem fer Deosa se mostra da belleza :
 Culpar a meu amor ! dor entranhavel
 Me confere , meu bem , tua fereza ;
 Não me queiras já mais , antes me deixa ,
 Que vibres contra mim de falso a queixa.

LXXV.

Volve a luz da razão aos teus sentidos ,
 Dá ao teu coração mais defaffogo ;
 Que na queixa , em que estão adormecidos ,
 Levantão fumo , sem observar fogo :
 Póde haver entre todos os nascidos
 Empenho algum maior do que o teu rogo ?
 Quem maior attracção tenha entre os sabios ,
 Que o menor movimento dos teus labios ?

LXXVI.

Com que queixas assim vens arguir-me ?
 A mim ! que na razão de lealdade
 Tenho por pundonor o ser-te firme ,
 Desde que te entreguei minha vontade :
 D'outra sorte , cruel queiras ferir-me ;
 Antes dize , que já tua amizade
 Acabou , que acabou este amor nosso ;
 Mas culpar-me infiel , soffrer não posso.
 Abor-

LXXVII.

Aborrece-me em fim, odio conspira,
 Mas na fé meu amor se não offenda;
 Nasça do teu desdem a cruel ira,
 Não do meu coração tal queixa penda:
 Constante te idolatro, enganos tira,
 Se a teus olhos não qués que a vida renda;
 Pois não póde, se insistes dessa forte,
 Mais tyranno verdugo dar-me a morte.

LXXVIII.

Para amar-te, responde a Ninfa, Marte
 Em seu éco de amor já consumida;
 Que maior testemunha de adorar-te,
 Do que quem deste mal se vê ferida.
 Repergunta outra vez: Amor reparte?
 Parte, diz, que não tem, prenda querida,
 Minha alma, nem q̄ em mim também se veja,
 Que toda, amores meus, tua não seja.

LXXIX.

Tão alheio de mim chego a querer-te,
 Que outra cousa não sei senão amar-te;
 Como quem se alimenta só de ver-te,
 E que louco não sabe de si parte:
 Quem amante chegou a alma a render-te,
 Como póde teu gosto assim negar-te?
 Manda-me, sem pedir, o que quizeres;
 Porém sem me ferir, como me feres?

Não

LXXX.

Não passes adiante; pois te jura
 Quem amante extremo se confessa,
 De vencer sempre a tua formosura,
 É quem moveo a guerra, as pazes peça:
 Nem esta firme fé, que em mim seapura,
 Impossível será della me esqueça;
 Que posto meu amor não fertilizes,
 Para sempre te amar deixou raizes.

LXXXI.

O contrario crescia atrevimento,
 Quando o nosso furor pouco se atea;
 Como quem apurando o soffrimento,
 Só por se defender neutral guerrea:
 Mostra o valor fraqueza; o nobre alento
 Perder do coração nunca recea;
 Porém se o inimigo atroz conspira,
 Duplicada em seu braço encontra a ira.

LXXXII.

Dão-se choques por huma, e outra parte,
 Com que ás leis da razão se satisfaça;
 Miranda se tomou, sem ser de Marte
 A força, foi a força da desgraça:
 De seus muros rebenta hum baluarte,
 Que grande brexa abriu na mesma praça;
 Com que assim sem soccorro, e sem abrigo,
 Por ella a salvo entrou logo o inimigo.

De

LXXXIII.

De fumo se levanta nuvem crassa,
 Medonha corre, os ares faz obscuros,
 Estrondo horrivel se ouve, treme a Praça,
 Abalando-se o chão, tremem seus muros:
 Com fatal violencia despedaça
 Tudo o que se lhe oppõe; penedos duros
 Pelos ares voavão como palhas,
 Grande parte rompendo das muralhas.

LXXXIV.

Temor grande, mudança repentina
 No inimigo se vê, côr desmaiada,
 Julgando que seria alguma mina
 Posto em cerco contra elle disparada:
 Lamenta-se com gritos a ruina,
 Gemendo nella gente sepultada;
 Tristes écos exhalão, tristes brados,
 Huns feridos, os outros suffocados.

LXXXV.

Reboante trovão com tal bramido,
 Azul chamma brotou, filha do raio,
 Que inda além da Comarca foi ouvido,
 Com o fulto empregando atroz desmaio:
 Canhão soberbo arroja enfurecido
 Braços, pernas, da guerra qual ensaio;
 Tanto mais perigoso, o damno certo,
 Quanto tem o inimigo de encuberto.

Não

LXXXVI.

Não se sabe a razão desta desgraça,
 Só se chora successo tão infaulto;
 Os mortos, que de grande copia passa,
 São da sorte infeliz triste holocausto:
 GyRANDO a morte, aos vivos ameaça,
 O corpo sem calor de sangue exhausto,
 Que acode ao coração, d'aura resumo,
 Ao Ceo vendo subir nuvem de fumo.

LXXXVII.

Mas inda assim intrepido, e animoso
 Na defeza da brexa o peito entrega
 Hum forte Portuguez, e valeroso
 Munição incendida descarrega:
 O delastre porém mais furioso
 As iras lhe abateo, favor lhe nega;
 Que quando forte adversa nos influe,
 Emprezas québra, forças diminue.

LXXXVIII.

Fica o mesmo inimigo afsás pasinado
 De ver tão pouca gente de batalha;
 Como balas não ha, ter-se arrancado
 Para a guerra penedos da muralha:
 Pois o estrago a não fer do duro fado,
 Que tanto os brios do valor atalha,
 No cerco da Cidade então verião,
 Como poucos a muitos resistião.

LXXXIX.

Apparece ao Monarca o Deos guerreiro
 Outra vez, e lhe diz: Que já da empresa
 Desista, posto della foi terceiro,
 Que he contra as leis da fé, e natureza:
 Que do luso fiel, e verdadeiro
 Não tem com que encontrar tanta firmeza;
 Seus estragos em tanto lhe insinúa,
 Se tão injusta guerra continúa.

XC.

Com este aviso perde a esperança
 O Rei, que a Marte falla, e lho condemna:
 Que queira sua voz, firme fiança,
 Mudar de condição, mudar de scena.
 Não he, responde o Nume, em mim mudança,
 A justiça he quem obra, quem o ordena;
 Nem mácula defaire algum meus labios,
 Que o mudar de conselho, he só dos sabios.

XCI.

Este foi mui veloz, mui apressado;
 E antes que o pezar chegue, he bem se mude,
 Que sempre andou com elle acompanhado,
 E bem he que o futuro assim se estude:
 Pois o ser no rancor precipitado,
 Nem inculca valor, nem he virtude;
 Que a justiça constante, no que alcança,
 Primeiro as armas veste, que a vingança.

XCII.

Movido de razões tão efficazes,
 Quando a vista de Marte horror lhe infunde,
 Tratados se compõem, celebrão pazes
 As Potencias, por quem rancor diffunde:
 Insubistentes vendo aquellas bases
 Da razão sua, que o furor confunde,
 A melhor segue no melhor sentido,
 Que o fim das armas deve ser temido.

XCIII.

A Corte de París, a alta Lutecia,
 De Paris fundação fertil, e amena,
 Nova Athenas, assombro a toda a Grecia,
 Magnífico esplendor do vago senna:
 O vigor fez quebrar da furia nescia,
 Quando as portas fechar de Jano ordena;
 Da concordia entre os Reis guerreiros qua-
 Foi assento feliz, da paz theatro. (tro,

XCIV.

Accedido o Monarca Lusitano
 A tão justa união, da paz assigna
 Os Artigos, que Deos, Bem soberano,
 Foi servido espalhar com mão benigna:
 Concordia universal sem algum dainno,
 Paz christã, amizade de fé digna,
 As mais Croas, os Altos Contratantes
 Assignarão fieis, firmão constantes.

XCV.

Outra vez com fervor mais excessivo
 As obras se adiantão; de madeira,
 Que fingindo se vê marmore vivo,
 Pelas faltas se fecha a Praça inteira:
 Caminhando em triunfo o mais festivo,
 Vem a Estatua por inclyta, e primeira;
 Ao Sol (7) não serve a nuvem de embaraço,
 Os vivas lhe acclamão a cada passo.

(7)
 Lemma,
 que trazia.

XCVI.

Em carro caminhava triunfante,
 Que sonoros clarins acompanhavão;
 E quando se movia, o povo ovante
 Applausos concitava, écos soavão:
 Não ha quem de tal pezo não se espante,
 Forças de amor ás mãos o abalavão;
 Tão grãde, que ao seu moto o plauastro geme,
 Abala-se o cimento, a terra treme.

XCVII.

A gente pelas ruas se reparte
 Para ver esta máquina, que brilha,
 Sem engano; porém com maior arte
 Que esta, que expoz Sinon por maravilha:
 Se por dar-lhe Cassandra culto em parte,
 Hum prodigio de Palas a perfilha;
 Que faria no novo movimento,
 Rasgando a nuvem, vendo tal Portento?

Rom-

XCVIII.

Rompem-se muros, e entra na Cidade
 A máquina real, na Praça a vejo;
 Tanto obsequio recebe a Magestade,
 Que adoração parece o que he cortejo:
 Grande concurso admira a novidade,
 Maior que Troya vio no seu festejo;
 Que em incendio acabou, com pompa tanta
 Troya se abate, Elisia se levanta.

XCIX.

Se aquella foi indicio da ruina,
 Com que se vio de todo destrocada;
 Nesta se diz Imagem genuina,
 Do destroço, por quem foi levantada:
 Engenho raro d'arte peregrina
 A levanta ao lugar, donde assentada
 Sobre pedestal nobre, ao som, que toca
 Clarim forte, arrogante se colloca.

C.

Aos quatro lustros quasi, excelso arcano!
 Que vio Elisia a quéda repetida;
 Essa Praça, que vio o maior damno,
 He theatro da gloria mais crescida:
 De sua perfeição se mostra o plano,
 Em que a gente dispersa anda embebida;
 Final (8) sinco lhe deo penas notorias,
 Outro (9) sinco final lhe canta as glorias.

CAN-



CANTO VI.

ARGUMENTO.

*Bem no meio dos Orbes, em que habita
A Deosa Gygantea, o clarim toca;
Por todas as Nações sonora grita,
Para Elisia applaudir todas convoca:
Com Jove Apollo desce a ver a dita
Do Luso na Memoria, que colloca;
Culto os Deoses lhe dão, que o mar encerra,
Co'as Princezas, que regem toda a terra.*

I.

JÁ dos filhos de Leda o Sol fugia
Para o Signo, animal retrocedente;
Que sendo producção da esfera fria,
No globo luminar he fogo ardente:
Decimo sexto já contava o dia,
Com que nesta passagem diligente
Caminhava, depois que com agrado
Dos amantes Irmãos fora hospedado.

II.

Brilhava Ceres no dourado fruto,
 Pomona com o pezo se alegrava,
 Que da grata estação doce estatuto
 Liberal seus desejos faciava:

Era (1) o mez dos mancebos, que tributo
 Risonho ao tempo dão, que risos dava;

Contando (2) de Editaes Gregorianos
 Dous seculos então, menos sete annos.

III.

O dia genial se celebrava

Do mesmo Luso Rei, no mesmo dia

Seu proprio simulacro se exaltava

Com solemne prazer, doce alegria:

Toda a corte attenções lhe tributava,

Oblequios todo o Povo lhe rendia;

Assim toda a nobreza, toda a gente

Em júbilos se enleva de contente.

IV.

N'um lugar entre o Ceo, terra, agoa mista,

Em que se vê dos ares a ampla Praça,

Mora a Fama, sem que lhe turbe a vista

Denso vapor, ou nuvem a mais crassa:

Atalaia do mundo alli regista

O que nelle se diz, e o que se passa,

Porque applicando está sempre os sentidos,

Toda cuberta de olhos, e de ouyidos.

Dão-

(1)
 Ovid. Fast.
 6.

(2)
 Do anno
 de 1582,
 em q prin-
 cipiou a
 correccão
 do S. Padre
 Greg. XIII,
 faz até o de
 1775, 193
 annos.

V.

Dão-lhe berço na terra, inda que occulto,
 Vagando cresce, tal que em hum instante
 Ao principio com ter pequeno vulto,
 Logo fórma estatura de gigante:
 Não ha caso, successo, acção, insulto,
 De que não seja prompta syndicante;
 De tudo veloz toma, igual ao vento,
 Juiz universal conhecimento.

VI.

Horrendo monstro assim de azas ligeiras
 Pergunta, inquire, ouve, falla, espreita;
 Testemunhas já falsas, verdadeiras
 Em devassa geral a tudo acceita:
 As segundas não dizem co'as primeiras,
 Por verdade se tem a vil suspeita;
 Author ha, que no que sagaz discorre,
 Muitas vezes sem réo processo corre.

VII.

Occupa de metal fino edificio,
 Tão alto, que ao Thessalo Olympo excede;
 De Chronista tomando o grave officio,
 As acções dos humanos todas mede:
 He feito com tal ordem, e artificio,
 Que do mesmo metal fino procede;
 Que qualquer debil voz, que apenas soa,
 O seu tecto ferindo, o mundo atroa.

VIII.

Ter não póde o silencio nelle entrada,
 Nem de noite, e de dia se descança;
 A conversa se faz muito estimada,
 O somno descortez fóra se lança:
 A nova, tanto que se vê gerada,
 Já caminha no rosto com mudança;
 Tanto se muda, desfigura, e cresce,
 Que o proprio pai apenas a conhece.

IX.

Innumeraveis portas, e janellas
 Seu prospecto compõem sempre patentes;
 De dia do Sol logra as luzes bellas,
 De noite faróes tem resplandecentes:
 Vigilante não dorme nas cautelas
 De sempre ouvir, e ver todas as gentes;
 Com capa da verdade ouve a mentira,
 Conhecida porém esta lhe tira.

X.

Vigilante, desperta, e cuidadosa,
 Por Lisboa seus olhos apascenta;
 E vendo a lusa gente tão gostosa,
 Algum festejo ser consigo assenta:
 Torna a applicar a vista curiosa,
 E he maior o prazer que se lhe augmenta,
 Vendo erigir Colosso soberano
 Mais que ao Sol, ao Monarca Lusitano.

Ad-

XI.

Admira na grandeza a valentia
Deste Artifice, egregia constructura,
Que entre outras maravilhas fer devia
A primeira, ás mais dando sepultura:
Toda cheia de gozto, e de alegria
Por verdade já tendo a conjectura;
A tuba na mão toma, á boca applica,
Solemniza o prazer, vivas pública.

XII.

Sua voz pelos ares vociféra
Triplicado Estentor no grande estrondo,
Desde o gelido pólo á quente esfera,
E por donde o Sol nasce, e se vai pondo:
Na ardente Lybia se ouve, e Scytia fera,
No Tartaro cruel, no Cafre hediondo;
O Partho cahe de medo, o Medo espira,
A Europa se assombra, a Asia se admira.

XIII.

Em altas vozes clama pregoeira
A grandeza de Elisia portentosa,
Que Europa fer devia a que primeira
O culto lhe rendesse obsequiosa:
Como mais cortezã, e lisongeira,
Sobre todas mais grata, e mais formosa,
A' mão direita tinha nobre assento,
Para a gloria cantar deste portento.

XIV.

A grande Asia, que tem lugar segundo,
 Chama; e quer que obsequios execute,
 Pela parte maior, que tem do mundo,
 Para as glorias contar, tambem escute:
 Como de aromas rico, e mais fecundo
 O seu clima, os incensos lhe tribute;
 Navegando de hum pólo a outro pólo,
 Para o Téjo as correntes do Pactolo.

XV.

Aos filhos de Ismael, que a fortaleza
 Do leão os seus campos fertiliza;
 Na cabeça trazendo por empreza,
 O que Arcades nos pés tem por diviza:
 Convoca alli tambem com a viveza
 Da sua voz sonora, e os aviza
 A que rendão com cultos relevantes
 Alfanges finos, tremulos turbantes.

XVI.

Ao novo mundo chega o grande brado,
 E com elle se exulta o Americano,
 De troféo por servir áquelle Estado
 Mais hum novo Padrão do soberano.
 Com isto todo o mundo alvoroçado,
 Portugal consultando tão ufano;
 Cada qual das Princezas se prepara
 De ornatos ricos, de equipagem rara.

XVII.

Para ver anciosas o Monarca,
 Trazem guardas reaes, nobres falanges;
 No Pará logo a America se embarca,
 No Zaire Africa, em fim Asia no Ganges:
 Das agoas buscão a infondavel arca,
 Com q̃ tu, Padre Oceano, o mundo abranges;
 Vendo porém Tritão fausto tamanho,
 A Neptuno depõe o caso estranho.

XVIII.

Altas náos de petrechos singulares
 Do falso argento furcão o dominio;
 Póde ser que infestar venhão teus mares,
 E deve-se obviar este designio:
 Será bem para mais te acautelares,
 Que se ouça de Protheo o vaticinio;
 Pois factos, que entre dúvidas foçobráo,
 Sem maduro conselho se não obráo.

XIX.

Neptuno ouve a seu filho; e em continente
 Chamallo, como aos Deoses todos, manda;
 Tritão parte, inquirindo diligente
 Em que parte o marinho pastor anda:
 Quando sobre huns penhascos; eminente,
 Depois de correr huma, e outra banda,
 Pelo (3) roncar das focas, o vê posto
 Com o braço encostado, a mão no rosto.

(3)
 Plin. 9.
 cap. 7.

Le-

XX.

Levanta-te (lhe diz) Carpathio velho,
 Augureiro feliz, Vate estimado;
 Levanta-te ligeiro, que a conselho
 Pelo Principe nosso hoje és chamado:
 Conheço que das agoas neste espelho
 Estás vendo a razão do meu mandado;
 Mas com tudo ante o throno do Tridente,
 Farás teu pensamento mais patente.

XXI.

Apenas disse, quando o instrumento
 Assoprando da concha retrocida,
 Chama os Deoses do líquido elemento
 Aos passos de Amphitrite esclarecida:
 Confusos, sem saber para que intento,
 Hum affirma o motivo, outro o duvida;
 Não ha quem desta ordem a causa atine,
 Todos fallão, porém nenhum define.

XXII.

Caminhando, este caso repentino
 Com desiguaes discursos revolvião;
 O palacio buscando Neptunino,
 Com Protheo vem os mais, a quem seguião:
 E como só conhece este destino,
 Entre os marinos animaes, que o vião,
 Se transforma, por não ser conhecido,
 Nem do caso tambem ser inquirido.

Nas

XXIII.

Nas salas regias entrão, que a materia
 Cedia no esplendor ao artefacto;
 Pois em si trasladando a sala etheria,
 Copiava seus astros por ornato:
 Com submissão profunda, acção mais séria
 Ante o throno se humilhão, cujo extracto
 Era huma grande concha, que podia
 Lições dar na candura á luz do dia.

XXIV.

Com o fino coral se matizava
 Por fórma de cadeira fabricada,
 Aonde o Deos das agoas se sentava
 Com a bella Amphitrite, esposa amada:
 Os undantes cabellos lhe toucava
 Aljofar fino, perola engraçada,
 Com que formosa assim estava dando
 Na concha, inveja a Venus, navegando.

XXV.

Sentadas as marinhas Divindades,
 Segundo o posto seu, por ordem postas,
 Entrou Protheo, dando ante as Magestades,
 Sem perguntas ouvir, estas respostas:
 Não te assustem, ó Rei, taes novidades
 De assim veres furcar occiduas costas
 Embarcações não vistas nestes mares,
 Que prazeres inculcão, não pezares.

XXVI.

O susto de teu peito atroz desterra,
 Nem ao medo entregar teu valor queiras;
 Descança, que não vem publicar guerra
 Essas náos, que assim vês, posto guerreiras:
 Nellas o grande fausto, que se encerra,
 Flamulas, galhardetes, e bandeiras,
 Demonstrações são gratas, e festivas,
 Com que vem tributar ao Téjo vivas.

XXVII.

Na Praça, que com ouro fino esmalta,
 E com prata matiza clara, e pura,
 Huma Estatua do Lusó Rei se exalta,
 Maravilha, que em bronze se figura:
 Do Orbe as Rainhas vem, nenhuma falta
 A festejar a gloria, que procura;
 He justo, pois lhe rendes vassallagem,
 Com ellas sigas leal esta viagem.

XXVIII.

Assim fallou Protheo; quando approvado
 Seu dito por Neptuno, logo ordena
 Aos Deoses, que habitão o mar salgado,
 Caminhem para a foz do Téjo amena:
 Que elle de sua esposa acompanhado
 Ver deseja tambem a bella scena
 De huma tal maravilha, qual se falla,
 Com que assim o universo todo abala.

XXIX.

Preparar manda o carro, em que elle os ceios
 Do pélagó discorre, o mar passeia;
 Nos marinos cavalloos se põem freios,
 Que dispersos andavão pela arêa:
 Telizes lustrão, brilhão os arreios,
 Que o gelado crystal nelles radêa;
 E junta-se á carroça transparente
 A magnífica pompa do Tridente.

XXX.

Logo as sincoenta Irmans, que verdejantes
 Cabellos soltão, quando formoseão
 De Nereo as correntes fluctuantes,
 Como aos campos as relvas lisonjeão:
 Formão-se em duas alas mais brilhantes,
 A carroça real bellas rodeão;
 Os hombros descubertos, e as papillas
 Montes de neve são, de amor favillas.

XXXI.

A estas Egle se une em formosura
 Entre as Nayades bella, e graciosa,
 Como quem do Sol filha alta ventura
 Teve, como entre as flores tem a rosa:
 Deyopea tambem, em quem se apura
 Eximia face, e foi por tão mimosa
 Entre (4) quatorze Damas escolhida,
 Por mais bem figurada, e parecida.

(4)
 Æneid. lib.

Cor-

XXXII.

Correndo vem das fontes Sicilianas
 Arethusa, e Cyane com porfia,
 Mediterraneas Ninfas soberanas
 Ajuntar-se em tão grave companhia:
 Galatea de prendas mais que humanas,
 Quaes (5) em tosca Canção, rude harmonia
 O Cyclope cantára enamorado,
 Para o pai se aggregou, poz-se ao seu lado.

(5)
 Met. lib. 13.

XXXIII.

Com outras filhas mais Nereo presago
 A Dorida acompanha, esposa amada,
 A quem com mil affectos, brando affago
 Quasi a leva em seus braços enlaçada:
 Nésea, Cydippe, Ephire do mar vago
 Immortal honra, gloria decantada,
 Encubriendo com pelles seus candores
 De aquosos animaes de muitas cores.

XXXIV.

Ambar (6) todas exhalão, cuja maça
 Os rochedos do mar crear costumão,
 Aonde se endurece, e se faz crassa,
 E com ella mimosas se perfumão.
 O murice lhe dá nas faces graça,
 Ferindo as agoas de candor escumão
 Seus braços, quando o collo de infinitas
 Enleão de excellentes margaritas.

(6)
 P. Sebast.
 Berectarius
 in Vit. Jos.
 Anch. lib. 1.

Com

XXXV.

Com brincos de coral fino se enfeitão,
De que muito seu grande brio gosta;
Prendas, que de Tritões rivaes acceitão,
Qual mais ha de brilhar na acção opposta:
As que mais feias são, e se rejeitão,
Como pobres os põem só de lagosta;
E seus lizos cabellos mal toucados,
De branca arêa são apolvilhados.

XXXVI.

Melicerta concorre, tambem Ino,
Filho, e Mãi, que do Pai fugindo irado,
Alcançárão do Deos foro divino,
Que do pélago tem o principado:
Honra a Mãi, dando ao filho, que destino
Encontrou na desgraça avantajado,
As chaves dos seus portos, e temido
Dos navegantes se vê obedecido.

XXXVII.

De gramma a fronte cinge Glauco ufano
Ao applauso, e feliz solemnidade,
Por ser quem o despio do ser humano,
Para lograr nas agoas divindade:
A bella Thetis com o Padre Oceano
As mãos ligão de amor, e sociedade;
E as musicas Sereas, dando alentos
Aos mais Deoses, ferem os instrumentos.

Com

XXXVIII.

Com o buzio na mão, guia da guarda,
 Montado em hum delfim Tritão se ostenta;
 De huma pelle escamosa veste a farda,
 Que fera do mar deo sanguinolenta:
 O rosto verdenegro, a face parda
 Cobre a grenha, que limos alimenta;
 De menores Tritões acompanhado,
 Espera o Rei, que abranda o mar irado.

XXXIX.

Este chega; e subindo respeitoso
 Ao carro, e Amphitrite peregrina,
 Caminhão pelo pélago brumoso
 Com os Deoses da limpha crystallina:
 Tritão toca, ao final logo estrondoso
 As Sereas levantão voz divina;
 Ante as regias Deidades as Napeas,
 Formando alegres vão doces choreas.

XL.

As náos avistão, vão correndo a ellas
 Com tal chufma, que o pégo todo treme;
 Já ligeiros Tritões, já Ninfas bellas,
 Huns se agarrão á quilha, outras ao leme:
 Os mais pelas antenas largão vélas
 Com tão grande celeuma, que o ar geme;
 E desta forte as levão assim guiando,
 As Tagides formosas procurando.

XLI.

Europa só, lembrada do passado
 Transe, (7) que padeceo, o golfo undoso
 Temendo, ricamente jaezado
 Se monta em hum cavallo generoso:
 Traz nobre comitiva por estado,
 Soldados fortes fazem corpo honroso;
 Vestidos d'armas, lanças empunhando,
 Tocão caixas, bandeiras arrastrando.

(7)
 Allude-se
 ao seu rou-
 bo por Ju-
 piter.

XLII.

Pelo mar, pela terra assim caminhão
 As Princezas do mundo soberanas;
 Alegres, e contentes tanto vinhão,
 Que ainda se não vírão mais ufanas:
 Apenas chegão, e aportado tinhão
 As correntes do Téjo, ás Lusitanas
 Praias, as Ninfas todas n'um momento
 As náos escondem no humido elemento.

XLIII.

As quaes mudou Neptuno em Ninfas bellas,
 Das náos (8) Troyanas outra maravilha;
 Do casco o corpo fórma, as brancas vélas
 Em cute, que o cobre, e clara brilha:
 Os troncos das cavernas são costellas,
 Dorso, ou columna ossea a grossa quilha;
 As vergas braços são, a que se arrimão;
 Os calabres tendões, Ninfas se animão.

(8)
 Met. lib. 14.
 vers. 550.

Nes-

XLIV.

Neste applauso se faz parte empenhada,
 Como fora nas obras da Cidade;
 Jove, (9) e baixa com pompa sublimada,
 Para assistir á tal solemnidade:
 Em carroça de nuvens fabricada
 Se sentava, inculcando a Magestade
 Nesse tymbre real, brazão de imperios,
 Como senhor, que rege os hemisferios.

(9)
 Carro tri-
 unfante de
 Jupiter.

XLV.

O diadema cinge, o sceptro aperta,
 Como Rei do alto Olympo, Omnipotente;
 E a purpura real toda cuberta
 De esmaltes, faz hum misto refulgente:
 Ouro tanto se espalha, que bem certa
 Sua magnificencia põe patente;
 Para attrahir de Danae a gentileza,
 Não ostentou seu fausto mais riqueza.

XLVI.

A' terra já chegando, necessarias
 Chama as Ninfas, que seu amor pública;
 Fontes, selvas deixando solitarias,
 Cada qual ao festejo se dedica:
 Entrão no carro, donde emprezas varias
 Jove louvão, que author se justifica;
 E sentado no solio, dando themes,
 Descrevião as Ninfas seus emblemas.

N'ou-

XLVII.

N'outro (10) throno de luzes, que agradavão
 Com sua linda vista, rutilantes,
 Carroça luminosa, a quem puxavão
 Fogosos animaes quadrupedantes:
 Apollo tambem vinha, e lhe cercavão
 A fronte aquellas ramas viridantes,
 Com que em paga de amor a mais esquivava
 Brinda o desdem da Ninfa fugitiva.

(10)
 Carru tri-
 unfante de
 Apollo.

XLVIII.

Constellação suave, a clara Lyra
 Do Ceo traz, sua d'estra mão tempera;
 Aquella, que nos campos de safira
 Brilha luz, se instrumento d'antes era:
 Melodia tão alta assim respira,
 Como luz scintillante reverbera;
 Baixa á terra tocando, e sem demora
 Com o supremo Nume se incorpora.

XLIX.

Affim entrão na Praça triunfantes,
 Qual d'uma grande guerra vencedores;
 Prezos trazem os vicios, que reinantes
 De innocencias manchavão os candores:
 Alli manietados, de arrogantes
 Escravos já se vem, se erão senhores;
 Donde o que derrisorio mais se via,
 Era a simulação da hypocrisia.

L.

Desse trifulco fogo o Deos potente,
 Em quanto se enlevavão os sentidos,
 Ao regio simulacro reverente
 O despojo lhe offrece dos vencidos:
 Fería Apollo os ares docemente,
 Deixando os corações de amor feridos,
 Os ares suspendendo em seus accentos
 Clarins sonoros, bellos instrumentos.

LI.

Bmois suaves, sustenidos brandos,
 Que despertando ao gosto inflecções gratas,
 Discordes litigando em varios bandos,
 Concordão em bellissimas sonatas:
 Alceo, Amphion, e Lino venerandos,
 Terpander com Eunomio, Orptheo, q̄ as ma-
 Com seu canto movia, alli se ouvião, (tas
 A Celeste harmonia desafião.

LII.

Entravão n'alma pelos dous sentidos,
 Que extatica se via, altos affectos;
 Já d'harmonicos écos repetidos,
 Já de danças bellissimos objectos:
 Gozavão consonancias os ouvidos,
 As potencias visivas dons selectos;
 Fere a musica os pontos mais mimosos,
 A dança fórma os passos mais vistosos.

LIII.

Seguindo a melodia no compasso,
 O chão piza, nos ares se suspende,
 Leve pé sem sentir-se, airoso braço,
 Com o pólo abraçar-se assim pertende:
 A cada movimento, a cada passo
 Applicada attenção toda se rende;
 Com applausos, que o gosto alegre brinda,
 As mudanças se acabão, o baile finda.

LIV.

Carroça (11) d'uma concha sublimada,
 Que singular produz o falso argento;
 E perola creou tão estimada, (sento:
 Que (12) rainha entre as mais tem nobre af-
 De entre as agoas sahia aljofarada,
 Esfera de crystal no luzimento;
 E ferida dos raios scintillantes,
 Hum tumulto reluz de diamantes.

(11)
 Carro tri-
 unfante de
 Neptuno.

(12)
 Plin. lib. 9.
 cap. 35.

LV.

Nella Neptuno entrou acompanhado
 Sómente de Amphitrite, e Ninfas bellas;
 As mais nobres, que gera o mar salgado,
 E os furores dominão das procellas:
 O Tridente aos seus pés rende prostrado,
 E das agoas seu sceptro, por ser d'ellas
 Arbitro singular, Rei soberano,
 Pois assim lhe obedece o vasto Oceano.

LVI.

(13)
Carros tri-
unfantes
das quatro
partes do
Mundo.

Desembarção (13) as tres Princezas, quando
Chegou tambem Europa ao mesmo passo;
De galas ricas veste, trato brando,
A grandes Cortezãos encoستا o braço:
Hum destes de semblante venerando,
Cingido d'armas brancas, peito d'aço,
A coroa imperial lhe traz, decente
Sacerdote a Tiara refulgente.

LVII.

Na Praça entrão, que bellamente ornada
Se via do melhor, que Milão tece,
Aonde bem no meio sublimada
De Portugal a gloria se conhece:
Logo Europa formosa aos pés prostrada
Da Estatua Real, grata lhe offerece
O quadrupede, as armas, os arnezes,
Louvores tributando huma, e mil vezes.

LVIII.

Tambem a Asia rendida alli se humilha,
Suas settas depõe á gloria lusa,
Arrebatada em tanta maravilha,
Que o escudo perde, imagem de Medusa:
Vendo hum Afiano, quando Elisia brilha,
Que suspensa a Rainha está confusa;
Olhando para a causa, e para o escudo
Em pedra transformado, ficou mudo.

Por

LIX.

Por despojo lhe offrece o corpo enorme
Do prudente animal, que a todos sobra;
E quando em pé parece que não dorme,
A ninguém seu joelho já mais dobra:
E como já no seu conceito forme
Nada valer á vista de tal obra;
O symblo, que ornou sua vangloria,
Rendido o deixa já a esta Memoria.

LX.

De Clamide cerulea revestida
Africa chega, cuja fimbria ornavão
Franjas ricas, com cauda tão comprida,
Que mais de Turcos mil nella pegavão:
Com esta capa só meia despida
Na côr bassa seus olhos fuzilavão;
A dextra encosta ao braço d'alto Mouro,
Na esquerda traz espigas feitas d'ouro.

LXI.

E vendo a Magestosa symetria,
Entendendo que a fórma era animada;
Do coração perdendo a valentia,
De pavor aos seus pés cahio prostrada:
Divertida porém com a alegria
Pelo concurso todo derramada,
Tendo n'alma oppressão mais diminuta,
A pavéa de espigas lhe tributa.

Com

LXII.

Com hum cinto gentil, de leves plumas
 Huma croa formando affás bonita;
 America se ostenta, a quem nenhumas
 Galas contenta mais, nem mais incita:
 Daquellas lindas aves são algumas,
 Que á voz humana a sua tanto imita;
 De aves outras, que cria a sua esfera,
 Compendio da mais bella primavera.

LXIII.

Pendente ao nú pescoço amavel ata
 Lamina do metal, que he mais luzido;
 De huma parte (14) o Colon forte retrata,
 E de outra (15) o Magalhães esclarecido:
 Com semblante risonho, e sempre grata
 As duras armas veste de Cupido;
 Desta forte chegando ante a Imagem,
 Fiel jura perpétua vassallagem.

LXIV.

Abrindo liberal o seu thesouro,
 Com respeito lhe offrece, e culto serio
 Das entranhas das minas todo o ouro,
 E mais drogas, que nutre o seu imperio;
 Pois quãdo peleijou (16) da Europa o Touro
 Co'o Tigre, que formou novo hemisferio,
 Bem se vio que leal, firme, e valente
 Foi ao Rei Portuguez sempre obediente.

(14)
 Christovão
 Colon, Ge-
 novez.

(15)
 Fernando
 de Maga-
 lhães, Por-
 tuguez, seus
 descobri-
 dores.

(16)
 Allude-se á
 guerra en-
 tre Portu-
 guezes, e
 Hollande-
 zes na Ame-
 rica, em que
 os America-
 nos obran-
 do grandes
 proezas, se
 portarão fir-
 mes pela
 vassallagem
 de Portu-
 gal.

LXV.

Os Deoses , que no Rio estavam furtos ,
 Em quanto cá na terra isto se passa ,
 As cabeças erguendo d'agoa a furtos ,
 Seus cortejos fazião para a Praça :
 A' vontade porém como erão curtos
 Estes applausos só , com melhor traça
 Determinão nas agoas o festejo ,
 Para dar cumprimento a seu desejo.

LXVI.

As Deidades , que os mares nutrem altos ,
 Bailes fórmaõ de nunca visto enredo ;
 Os Tritões mais ligeiros dando saltos ,
 Rompem da subtil dança o seu segredo :
 Outros quédas , que movem sobrefaltos ,
 Exercendo do mais alto penedo ;
 E fazendo mil voltas , e mudanças ,
 Com as Ninfas acabão entre as danças.

LXVII.

Com rosto alegre as Tagides ufanas ,
 Nos fios d'ouro tidas por formosas ,
 Croas tecem de verdes espadanas ,
 Que nas margens seu Pai cria mimosas :
 Das mesmas colhem flores soberanas ,
 Roxos lirios , azues , murtas viçosas ,
 Com que assim as enleão , e com ellas
 Por toucados se adornão de capellas.

Me-

LXVIII.

Medalhas de crystal, que a Equestre fórma,
 Retratavão com arte relevante,
 Nem Dedalo, que a muitas deo a norma,
 Descubríra engenhoso semelhante:
 Pendem do cólo, e nellas se conforma
 Das Tagides o candido semblante;
 A neve Alpina vencem na candura,
 Riquíssimo fendal cobre a cintura.

LXIX.

Todas loucas de amor, e de alegria,
 As prendas de Pan roubão dos pumares;
 Flautas armão de tanta melodia,
 Que ás dos fatyros vencem singulares:
 Era tudo prazer, tudo harmonia
 Entre as Deosas do Téjo, e as dos mares;
 E em quanto as Ninfas folgão nas arêas,
 Esta letra cantárão as Sereas.

LXX.

De Fideas cale o simulacro rude,
 Que no mundo estendeo tão grande brado,
 Deste bronze, confuso, he bem que estude
 Seu marfim a fallar inanimado:
 Do seu systema Rhodes tambem mude,
 Que outro Sol hoje vê mais exaltado;
 Phebo a este Collosto já se humilha,
 Jove pasma com esta maravilha.

LXXI.

Cessem dos Obeliscos tão notorias
 Declamações, que a fama delles canta;
 Pois do mundo escurecem as memorias,
 Na que hoje Portugal fiel levanta:
 Os Egypcios arrastrem suas glorias,
 Pharo abata de luz máquina tanta,
 Que este Padrão em si mais resplandece,
 As Pyramides todas ennobrece.

LXXII.

Das mais Estatuas cale a energia,
 Qual a de Livio foi, louvor notorio,
 Que co'os dedos na boca isto dizia
 Em Padua sobre as portas do Pretorio:
 Todas cedão a esta alta fantazia,
 Do seu Fidias se jacte o luso emporio;
 A grande Estatua de Pompeo se cale,
 Se no mundo o seu nome tanto vale.

LXXIII.

Não faz tanto admirar sua estrutura
 Na proporção dos membros ajustada,
 (Base, em que se edifica a formosura)
 Como ser de huma vez só fabricada:
 Deste Artifice egregio a fama pura
 Vivirá como o bronze eternizada,
 Entre os Heróes de tão notavel arte,
 Seu nome occupará a melhor parte.

Com

LXXIV.

Com razão, sabio Rei, esta Cidade
 Estatua vos levanta esclarecida,
 Porque se veja na futura idade
 Quem Lisboa instaurou tão destruida:
 Tanta he, Senhor, a gloria, e a magestade,
 Que eterniza nos marmores a vida,
 Onde não chegará a voraz fome
 De Saturno, que tudo, atroz, consome.

LXXV.

Já o concurso harmonico suspende
 O moto das Princezas alterado,
 Partir-se cada qual em fim pertende
 Para os dominios do seu mesmo estado:
 O seu fausto segunda vez se rende
 Com reverente obsequio, humilde agrado;
 E com vozes alegres, e festivas,
 Glorias dão a José, cultos, e vivas.

LXXVI.

Com este movimento outro tumulto
 No mar cresce com esta novidade,
 As Ninfas outra vez tornão o vulto
 Em náos pela maritima Deidade:
 Embarção-se, o pezar levando occulto,
 Titubea em Neptuno a magestade,
 Sentindo o rigoroso apartamento
 Da doce companhia ao falso argento.

As

LXXVII.

As remotas Rainhas golfos árão,
 A confinante o proprio continente;
 E entre os grandes despojos, que deixárão,
 O coração lhes fica docemente:
 Em seus Reinos alegres aportárão,
 Enarrando ao seu povo, e sua gente
 A grande maravilha, que assim virão,
 O Luso emporio todas applaudirão.

LXXVIII.

Negras nuvens dos montes já cahião,
 E as boninas, que aos orbes lustre davão,
 As do Ceo entre sombras renascião,
 As da terra entre trévas enfermavão:
 A noite em dia claro transferião
 Luzes bellas, que a Praça rodeavão,
 Grata illuminação, que ao longe, e ao perto
 Parecia na terra hum Ceo aberto.

LXXIX.

Os navios no Téjo illuminados,
 Que nas agoas as luzes duplicavão,
 De infinitas estrellas matizados,
 Com os signos do Ceo se emparelhavão:
 Nem (17) ao baixel de Heróes famigerados
 Fulgores tantos, tanta luz ornavão,
 Pois o fogo baixando d'alto assento,
 Parecia luzir neste elemento.

(17)
 Allude-se á
 Não Argos,
 constella-
 ção celeste.

LXXX.

Vaidosos disparão a artilheria,
 A quem correspondião as muralhas,
 Com estrepito tal, que parecia
 Romper glorias no susto das batalhas:
 Os corações enchião de alegria,
 Fuzilando faiscas sem metralhas;
 Que assustando-os primeiro o grande grito,
 Real salva compõe, real conflicto.

LXXXI.

O coração em júbilos ardia,
 A' vista da maior solemnidade,
 Que ao Monarca devida se fazia,
 Como Restaurador desta Cidade:
 Por ella toda vozes de alegria
 Linguas de fogo dão; e na verdade
 Tantas não tem a Fama, se quizera
 Esta gloria contar, qual assim era.

LXXXII.

E tu, Patria feliz, a quem eu tanto
 Suspirar vi nas mágoas soçobrada,
 Perpétua reina, dando ao orbe espanto
 Na gloria mais sublime, e decantada:
 Agora que triunfas do teu pranto
 Com maior auge, e forte melhorada,
 Alegra-te ditosa, pois he justo
 O prazer seja igual áquelle susto.

LXXXIII.

Senhora das Nações te acclame a gente,
 Qual outra de Judéa alta Cidade;
 Se esta do feio foi omnipotente,
 Patrimonio és tambem da Divindade:
 Em ti, como em espelho transparente,
 Se revê a immortal fidelidade;
 O mundo te respeita, pois te observa
 Terror de Marte, affombro de Minerva.

LXXXIV.

Sustendo hum hombro a Fé, outro a Justiça,
 Co' o (18) Caduceo na mão sempre jucundo,
 De eterna duração tiras premissa,
 Deposito do Ceo, Brazão do mundo:
 A tua mesma graça, que enfeitiga,
 Inculca inda o respeito mais profundo;
 Que o teu louvor acabe, não receio,
 Porque d'elle se vê já o mundo cheio.

(18)
 Symbolo
 da paz,
 secundum
 Plin.

LXXXV.

De trinta e sete seculos e meio
 Que tens nome, já passa, esclarecido,
 Dos inimigos sempre duro freio,
 Em todo o mundo sempre conhecido:
 O teu grande esplendor agora creio
 Nesses marmores finos construido,
 Com magnifica ordem se dirigem
 A fazerem perpétua a tua origem.

Va-

LXXXVI.

Variaſte no nome , não na gloria ,
 Nobiliffima ſempre , e populofa ,
 De Elifa , Ulyſſes , luſo na memoria
 Por antiga te fazem mais famosa :
 Cresce pois , porque a vida tranſitoria
 O luſtre te não tira de formoſa ;
 Antes na ſucceſſão , que o tempo enſina ,
 Da meſma flor que cahe , nasce bonina.

LXXXVII.

Bonina naſces ſim , mas mais fragrante
 Na pompoſa belleza de tal obra ,
 Qual flor , que de ſingela , rutilante
 Augmenta-ſe na pompa , as folhas dobra :
 Brilhante d'antes eras , mais brilhante
 Tua grandeza ſobre a antiga ſobra ;
 Deſcubriendo-ſe tanta formoſura
 Maior n'arêa , melhor n'arquitectura.

LXXXVIII.

Temido ſempre , ſempre deſtemido
 O teu braço ſe vio gyrar o mundo ,
 De Adamaſtor o corpo deſmedido
 Deſcubriſte das agoas no profundo :
 Novas conſtellações do Ceo luzido
 Obſervaſte , rompendo ao furibundo
 Oceano feliz , forte , e ſem medo ,
 Fazendo ao mundo ver eſte ſegredo.

LXXXIX.

Terror d' Africa foste , e te conhece
 O mundo todo raio do Turbante ;
 Nem he muito que a Lua escurecesse ,
 Quem o Sol desmaiar fez no Levante :
 Ditosa reina , bella resplandece ,
 Tua gloria se augmente relevante ,
 Se augmentar-se mais póde a tua gloria
 Em todos os annaes , em toda a historia.

XC.

Santa paz com descanso nos trabalhos ,
 Qual cerrando-se o templo do Deos Jano ,
 Nuvens chovendo então doces orvalhos ,
 Em seus dias notou Octaviano :
 Cessem revoluções , o Ceo atalhos
 Procurando , impedir queira este damno ,
 Que estou vendo outra vez do golpe antigo
 O sangue apostemar ao inimigo.

XCI.

Raivoso geme , queixa-se ferido ,
 Profunda chaga ! que inda se não cerra ,
 Que menor assim seja appetecido
 O bem da doce paz , que o mal da guerra !
 Mas que novo esplendor , Astro luzido
 Aparece , que as vans sombras desterra ,
 Quando aos ares vapor cobre terreno ,
 O Ceo mais claro faz , torna sereno.

XCII.

Curvas armas as aves preparando,
 Ligeiros esquadrões correm, combatem;
 Os membros entre si dilacerando,
 Com susurro fatal as azas batem:
 Real aguia apparece, logo brando
 O seu rancor se põe, furias rebatem;
 Porque á vista de tão nobre Rainha,
 O furor québra as forças que antes tinha.

XCIII.

Preparo militar, novas reclutas,
 Da guerra o fogo ardendo além da linha;
 Ainda não cessar fazem disputas,
 Que concordia feliz cessado tinha:
 Já pois, ó Portugal, voos escutas
 De huma Aguia imperial, alta Rainha;
 Verás quando sublime se remonte,
 Brotar de doce paz perenne fonte.

XCIV.

Ditosa, e santa Paz, quando a verdade
 Nasceo no mundo, tu vieste á terra,
 Elisia singular, feliz Cidade,
 Em ti novo esplendor da paz se encerra!
 Com reciproco amor, pura amizade
 A razão se decide, e acaba a guerra;
 Se a paz te abre limite soberano,
 Já o templo se fecha do Deos Jano.



CANTO VII.

ARGUMENTO.

*Ao mesmo tempo, em que se celebrava
 No templo de Hymeneo consorcio justo
 De Maria, e José, fove baixava
 Ao lugar das Irmans, que causão susto:
 Sentido falla, triste decretava
 Do primeiro José, Monarca augusto,
 Com palavras de dor, que a dor exhorta,
 A vida se cortasse, em fim se corta.*

I.

NO semestre da Lua, com que dado
 Duas voltas já tinha ao firmamento,
 Correndo o anno então, em que cifrado
 Com tres setes se vem dez vezes cento:
 O Teucro Aquario o vaso transtornado
 Da mão depõe, fazendo d'elle assento,
 Quando de Delio as chammas escondidas
 Se accendião no Ceo mais divididas.

II.

INVERNO.

Hum velho enregelado, a cuja testa
 Cabello hirsuto cobre, cans de neve,
 E por onde os pés põe, as plantas cresta,
 De seu caminho o fim vendo já breve:
 Em secco corpo fibras manifesta,
 Pezado no ferir, no correr leve;
 Caminhando assim com pressa, espera
 Cedo ás portas bater da primavera.

III.

Do tempo aviso leva, a que com brios
 Saia alegre de seu recolhimento,
 Que cubrindo-lhe então os membros frios,
 O recolhe no seu mesmo aposento:
 Seu triste rosto banhão brandos fios
 De lagrimas contínuas cento a cento;
 Encoitado ao bordão d'um secco pinho,
 Tiritando por gelos faz caminho.

IV.

Desmaia a terra á vista desta imagem
 Inhumana, deforme, e desabrida;
 Os concertos da paz, doce homenagem,
 Rompe o mar, quebrantando a fé devida:
 O porto abração nautas, a viagem
 Suspendendo, té ser favorecida;
 O rustico se chega ao fogo, quando
 O nobre veste as mãos de castor brando.

Esse

V.

Esse arbitro da terra, que exercita
 Grande força, furor, velocidade,
 Agitado os espiritos agita,
 Que a terra fecha, sahe com liberdade:
 A furia lhe accrescentão, mais se irrita,
 Dissolvendo-se tudo em tempestade;
 Bramão huns, outro clama furioso,
 A terra triste, o pólo tenebroso.

VI.

O Boreas se defata embravecido,
 Com seu halito o ar escurecendo,
 A terra assola, o mar de combatido
 Furioso se oppõe com rosto horrendo:
 A Thetis sem pagar feudo devido
 Os rios com temor, geladas tendo
 As vêas de seu sangue, se demorão,
 As campinas suspirão, penhas chorão.

VII.

Dos Euros o furor em quanto passa,
 Lá do berço da luz raios bramindo,
 A tudo, quanto encontra, despedaça,
 Os corpos com mil lanças vão ferindo:
 O mundo com tormentas ameaça,
 As nuvens de seu pólo sacudindo;
 Terriveis furacões ao ar levanta,
 Medonho o Ceo se faz, aves espanta.

VIII.

Os Austros d'outra parte exasperados;
 Das adustas regiões vindo sedentos,
 Por agoa clamão, dando grandes brados
 Pelos Ceos, alterando aos elementos:
 Sem que bebão, não ficão socegados,
 Respirando ardor em seus alentos,
 Atrás das nuvens correm, com quem brigão,
 Sua sede extinguir por força obrigão.

IX.

Conjurão-se crueis tudo assolarem,
 Por toda a parte ao mundo combatendo;
 Aos ares sobem para os condensarem,
 E rebuça-se o Sol de horror temendo:
 Hamadryades despem, sem deixarem
 A menor veste, nuas padecendo;
 Retumbão, já quebrando tristes troncos,
 Nas toscas penhas, nos penhascos broncos.

X.

A selva toda chora de sentida
 Despojada do bem, de que blasona;
 Queixara-se, se assim como tem vida,
 Tivera voz tambem como em Dodona:
 Ao coração do tronco combatida
 A Ninfa se recolhe, o pejo abona,
 Com que nua se vê na triste faia,
 Desfalece com dor, mortal desmaia.

Aos

XI.

Aos campos abrolhos só povoão,
 Em gelo se convertem os orvalhos,
 Nas arvores sem gala, que magoão,
 Lenços de neve pendem dos esgalhos:
 O rio se despenha, golpes soão,
 Quaes ferem do Cyclope os duros malhos,
 Como bigorna a pedra, em que cahe, trata,
 Formando assim feroz lanças de prata.

XII.

A's cavernas sagaz foge a formiga
 A viver do sustento, que furtivo
 Nas mesmas recolheo, e com fadiga
 O seu celleiro fez no tempo estivo:
 O grão roendo vai por donde espiga,
 A que na terra não produza vivo;
 Pois se em herva se torna assim grelado,
 Da colheita perdeo todo o cuidado.

XIII.

Halçione infeliz dispõe o ninho,
 A quem Thetis no seu regaço toma;
 E com grande afeição, doce carinho,
 Pelo não perturbar as ondás doma:
 Serena lhe prepara com alinho
 Thalamo de crystal, como em redoma;
 E com ser mãe das aves, manifesta
 Seu cuidado empregar sómente nesta.

Pou-

XIV.

Poucas vezes se deixa entre cortinas
 Phebo ver, estas poucas só de ilharga;
 Pois apenas radea nas campinas,
 Já prompto o semilher a luz lhe embarga:
 Dourando montes luzes matutinas,
 Depressa se sepulta em urna amarga:
 Em as covas as feras se recolhem,
 E de frio a tremer todas se encolhem.

XV.

Turvo o Téjo corria, agoas barrentas
 O candor lhe manchavão transparente;
 Dos montes descem, rompem turbulentas
 O socego, em que vem sua corrente:
 Ao encontro lhe sahem tão violentas,
 Que de colera se enche, outro se sente;
 De tantas partes vendo-se atacado,
 Caminha com furor precipitado.

XVI.

Detem-te, digo, ó Rio, não mistures
 Com a furia do mar tua brandura,
 Quando menos o damno conjectures,
 Transformada verás tanta candura:
 Corre, que eu te protesto que não dures
 No líquido crystal, na limpha pura;
 Que se vício da terra por indigno
 Te manchou, o do mar he mais maligno.
 Se

XVII.

Se a tantos campos regas, fertil ornas,
 Vindo alegre, saltando de contente;
 Se te ausentas, a elles mais não tornas
 A ver como se exalta a vil semente:
 De suas verdes plumas se te adornas,
 Com que formosa faz tua corrente;
 Não fujas, porque perdes no desvio
 De tanta galhardia o senhorio.

XVIII.

O teu passo veloz detem, espera;
 Não só livres do mal a teus candores
 Verás, quando assim chegue a primavera,
 Mas também te ornarás de lindas flores:
 O pono então verás como se gera,
 No teu crystal pintando as mesmas cores;
 As terras plantas como se levantão,
 Como os Faunos ás tuas margens cantão.

XIX.

Sei, a nada me attendes, vás correndo,
 Quando o teu precipicio mais apuras;
 E parece que em ti mesmo estou lendo,
 Destes proprios avisos meus murmuras:
 O teu damno fatal estou temendo,
 E bem nelle veloz não conjecturas;
 Antes porque o teu mal exponho brando,
 Raioso contra mim vás espumando.

Com

XX.

Com os olhos no Téjo assim dizia
 Divertido com este pensamento:
 Quando a noite chegando, hum vulto via
 Caminhar para mim com passo lento:
 Assustou-me a figura, e não podia
 Sobresalto sentir mais violento;
 Immovel fico, o pensamento pasma,
 Julgando em sombras ser viva fantasia.

XXI.

Veste escura, que ao vão fumo imitava,
 Até os pés lhe cobre, hum véo o rosto,
 Negras azas nos hombros sustentava,
 Com que o mundo corria ao Sol opposto:
 De dormideiras croa, que esmaltava
 Com meimendros, na tésta tinha posto;
 Como perto de mim fosse chegado,
 Temeroso lhe digo, e meio ousado

XXII.

Quem és fóрма sem corpo? spectro horrêdo?
 Quem apparencia vã? sombra vivente?
 Que supposto meus olhos te estão vendo,
 Nocturna imagem cuidô és apparente:
 Quem és? que com horror te não comprêdo,
 Hum á vista, no ser outro diffrene;
 E bem creio serás em fóрма humana
 Duende enganador, sombra que engana.

Não

XXIII.

Não fei como (me diz) affim ignoras
 Hum amigo fiel , que bem te trata ,
 Que as lagrimas te enxuga , quando choras ,
 Metade d'alma em raptos te arreбата :
 Deshumano não fou , antes me imploras
 Côte a dor , que te move a forte ingrata :
 Socega o coração , sem mais disputa
 Se saber quem eu fou queres , efcuta.

XXIV.

Da fadiga fou filho , e eu sem ella
 Ao mundo vim , e que a mulher primeiro ,
 Na factura intervi de huma donzella ,
 Que de homens fez encher o mundo inteiro :
 Tive berço excellente em sala bella ,
 Entre flores do mais fragrante cheiro ;
 Mas a culpa de grave desventura
 Me faz hoje deitar na terra dura.

Descrip-
 ção do fo-
 mho.

XXV.

Pelo mundo gyrrar he minha lida
 Desterrado daquella dignidade ;
 Passo bem , ora mal , tanto que á vida
 Affim vou usurpando meia idade :
 N'uma pedra me encofto endurecida ,
 Outras vezes em camas de vaidade
 Os membros proftro , sem motim focegão ,
 Huns entrada me dão , outros ma negão.

Pa-

XXVI.

Palacios me recolhem com grandeza,
 Creados a fervir-me, quando venho;
 Outras vezes he tal minha pobreza,
 Que nem onde deitar-me se quer tenho:
 Do tempo as inclemencias, a aspereza
 Já soffrendo me inclino a secco lenho,
 De aposento me serve a tosca ferra,
 De pavilhão o Ceo, de leito a terra.

XXVII.

Do Meotico lago bem na entrada
 D'um crassissimo ar caverna obscura,
 O meu domicilio he, minha morada
 Dos tumultos do mundo a mais segura:
 Não ha quem me perturbe, ou persuada
 A romper meu silencio, não murmura
 O galo do Sol vir, leão se espanta,
 Fera ruge, o cão ladra, ave não canta.

XXVIII.

Sómente lá no fundo, em que eu habito,
 Ouço correr ao Lethes, que appetço;
 E sem insecto vil, rouco mosquito,
 Ao som das suas agoas adormeço:
 O socego me enleva, nunca afflicto
 Cuidados, que me vexam, não conheço,
 Porque em distante pólo, n'outra estancia
 Mora longe de mim a vigilancia.

XXIX.

Mil arvores de Lothos tem a cova
 D'uma fruta tão doce, que encantado
 De si mesmo se esquece, quem a prova,
 Apenas engolio qualquer bocado:
 Outras (1) ha de apparencia sempre nova,
 Por ser o fruto seu falsificado,
 Qual maçã de Sodoma castigada,
 Bella á vista, porém no tacto nada.

(1)
 As que a
 idéa finge
 sonhando.

XXX.

Na boca estevas da terrivel gruta
 Nascem, que opio preparão somnolento;
 Mandragora, herva moura, e a ficuta,
 Que a vigilia destroe com defalento:
 Elles (2) pomos, que chamão de amor fruta,
 Que o mesmo effeito tem ao meu intento,
 E de Adonis a flor, que o sangue tinge,
 E nesta croa brilha, que me cinge.

(2)
 Poma amo-
 ris in Dic-
 cionar. Be-
 nedict. Per.

XXXI.

He tal o meu valor, que n'um instante
 Com forte impulso, esforço vigoroso
 Render faço ao maior feroz gigante,
 Vindo a braços comigo mais forçoso:
 Holofernes venci, Sansão amante;
 Mas com valente ser, sou tão medroso,
 Que ouvindo fallar gente, ao menor rujo,
 E á mais leve pancada, logo fujo.

Quan-

XXXII.

Quando assim pelo mundo movo o passo,
 A meu imperio tudo se sujeita,
 Ao mais forte leão rende o meu braço,
 O touro mais feroz manso se deita:
 Nada ao animo serve de embaraço,
 Magestade, belleza mais perfeita;
 Só famoso me póde fazer menos
 Não só grandes prostrar, tambem pequenos.

XXXIII.

Ao Tyrinthio valor vejo não tira
 O grande nome, a gloria decorosa,
 Que depois de acabar na ardente pyra,
 Entre os Numes do ceo immortal goza:
 De gigantes vencer, a Cerva díra,
 Harpias torpes, Hydra venenosa,
 De vencedor pizar reinos opacos,
 Peleijar com mulheres, Pygmeos fracos.

XXXIV.

Paz do animo, e dos sentidos chave,
 Que para seu proveito muito valho,
 Do descanso alimento sou suave,
 Allivio faboroso do trabalho:
 Destérro a paixão grande, a pena grave,
 Do prezo, e do captivo o golpe atalho,
 A' cabeceira tendo-me presente,
 Ao enfermo consolo, a dor não sente.

XXXV.

Supponho teu discurso não alcança
 Quem eu sou, pois da suspensão não cessas,
 Se te não posso vir inda á lembrança,
 Muito não tardará me não conheças:
 Apenas isto disse, a mim se lança,
 Abraça-se comigo, eu com espessas
 Sombras também me abraço, mais valente
 Entre os braços me aperta estreitamente.

XXXVI.

Ainda assim luçando bem forcejo,
 Por me livrar das suas mãos tyranas;
 Mas elle vendo (diz) o meu desejo,
 Livrar-te qués de mim, como te enganas:
 A falla vou perdendo, pouco vejo,
 De quando em quando fechão-se as pestanas;
 Já debil defender-me não pertendo,
 E rendido aos seus pés mortal me estendo.

XXXVII.

Deixão-me o corpo todo enfraquecido
 Os animaes espiritos: objectos
 A perceber não chego adormecido,
 A lugares fugindo mais secretos:
 Os orgãos parão d'um, e d'outro ouvido,
 A's idéas se lavrão só decretos,
 Para as funções reger, e com presteza
 Se tirão as que exerce a natureza.

Com

XXXVIII.

Com sua propria mão meus olhos cerra
 Com tal brandura a mão, que se não sente;
 Minha alma dentro em si toda se encerra,
 Mostrando n'aura só que sou vivente:
 As externas acções de mim desterra,
 Descachem os membros laços lentamente,
 Perdem-se as sensações, e desta forte
 Hum retrato fiquei da mesma morte.

XXXIX.

Exteriores cessavão os sentidos,
 No socego figuras ideando;
 Que ao sentido interior só recolhidos,
 Vão no lenço da vida debuxando:
 Imagens vivas de pinceis fingidos,
 Scenas de morta côr, que somno brando
 Aviva em sombras, neste ligamento
 Descança o corpo, véla o pensamento.

XL.

Mágoas ao coração meu rodearão,
 Quando desperto, e nellas ponderava;
 Destas mesmas reliquias, que ficarão,
 De sorte melhorar então sonhava:
 Ao coração venturas regalarão,
 Nenhuma porém Tantalo alcançava;
 Pois ainda que o bem nunca se veja,
 Sempre sonha a vontade o que deseja.

Bem

XLI.

Bem do sonho irmã ser se conjectura,
 E despertado sonho, a esperança;
 Que sempre imaginando na ventura,
 Com o gosto entretém, nunca se alcança:
 Como sonho recrea em quanto dura,
 Sem nunca nos pezares ter mudança;
 E com dita infeliz, feliz desgraça,
 Como sonho passou, a vida passa.

XLII.

Dormindo Platão teve alto destino,
 Que hum enxame em seus labios mellifica;
 Sua voz depois tendo dom divino,
 Com que o mundo em sentenças clarifica:
 Com doçuras acorda assim menino,
 Nem a todos o mel na boca fica;
 Que o gosto despertando de contente,
 Em lugar da doçura, o ferrão sente.

XLIII.

Nestas idéas falsas da ventura
 A mente laborava, e se exercia;
 Quando hum templo de bella architectura
 Me parece, sonhando, ao longe via:
 Sua grandeza ver, e formosura
 Desejo grande n'alma me movia;
 Entre arvoredos feito com alinhos
 Os passos movo, a elle me encaminho.

XLIV.

Os campos apraziveis se mostravão
 Na fresca relva, nas subtis boninas,
 A cujas tenras plantas tropeçavão
 Arroios mansos d'agoas crystallinas:
 Pelos ramos mil aves se espalhavão
 Na voz suaves, nas cores peregrinas;
 E attrahido de tão gostoso emprego,
 Hum grande monte subo, ao templo chego.

XLV.

Entro nelle, que as portas tem patentes;
 Mas suspenso fiquei, vendo o que via,
 Todo ornado de luzes refulgentes,
 Como se alli morasse o Pai do dia:
 Em folio, que esplendores lança ardentes,
 Hum mancebo sentado presidia,
 Cujas fontes cingião frescas rosas,
 Verde amaranto, flores olorosas.

XLVI.

Facha ardente na mão sostem direita,
 Na esquerda o flameo tem, que á côr imita
 Desse Numo, que aos olhos mais deleita,
 E que Nume adorallo ao mundo incita:
 Com submissão attenta lhe respeita
 A sua dignidade a minha dita;
 Que era tanta, que nunca presumirão
 Meus olhos de assim ver quem nunca virão.

Hu-

XLVII.

Huma tarja, que d'ouro fino brilha,
 Sobre sua cabeça em listões pende,
 Donde o cinzel abriu com maravilha
 Unidas duas mãos, quaes amor prende:
 Do claro Neto, da formosa Filha
 O magnífico emblema comprehende
 Em círculo com letras scintillantes
 De topasios, rubins, de diamantes.

XLVIII.

Ditosa Filha, venturoso Neto
 Do primeiro José, Rei mais famoso,
 Maria se illumina grande affecto,
 José indica o augmento em ser Esposo:
 Tem presagio feliz, benigno aspecto
 Em seus nomes o Thalamo ditoso,
 Reproduzindo tanta maravilha
 Em José, e Maria, em Neto, e Filha.

XLIX.

No gosto o coração todo se anhella
 Com esta repentina novidade;
 Batendo, me parece que só vella,
 E o que via sonhando, era verdade.
 O Principe augusto, a Infanta bella
 De lindo garbo, airoza Magestade
 Com festivo prazer, gloria excessiva
 Vejo vir entre illustre comitiva.

L.

Os olhos baixos põe, purpureas rosas
 Ao semblante lhe sobem, diligente
 A mão dá, que affucenas tem viçosas,
 Ao sobrinho, que a sua põe patente:
 Com' monstrações de affecto carinhosas
 Apenas as mãos dando, de repente
 (O que então me causou notavel pena)
 As luzes se apagarão, foi-se a scena.

LI.

Nisto, eis-que braço occulto com mão fria
 Em a minha pegando sem defeza,
 Por huns valles fatal me conduzia,
 De horror cheios, cubertos de tristeza:
 Olhava para o vulto, e nada via;
 Olhava para mim, via a mão preza;
 E nesta suspensão, dúvida minha
 Não sei por donde vou, quem me encaminha.

LII.

Por hum espesso bosque, brenha obscura
 Com os pés, sem ver Ceo, timidos entro;
 Bem no meio do qual grande abertura
 Alli fazendo a terra, vi seu centro:
 A minha mão firmando mais segura,
 Com força entrar me faz por ella dentro;
 E deixando-me fumo, que rarefice,
 Quem quer que me guiou, desapparece.

LIII.

Pela cova medonha a vista espalho
 A reflexos de luz amortecida,
 Quando as tres Irmãos vejo no trabalho,
 Com que tecem crueis a mortal vida:
 No susto de valor grande me valho,
 A ver como alli Cloto na lã lida,
 Lachesis fia, e quando mais importa,
 Como Atropos feroz o fio corta.

LIV.

De negras roupas vestem, gésto horrendo,
 Pállido, triste, grave, e carrancudo;
 Rispido feu cabello está-se erguendo
 Sem alinhio, qual outro espinho agudo:
 Ao pé de si, continuamente vendo,
 Hum relógio de arêa corre mudo,
 Atropos fó vendado os olhos tinha
 N'uma mão a tisoura, n'outra a linha.

LV.

Como quem em profundo jaz lethargo,
 Só por não ver dos olhos cerra o lume;
 Pendurada alli tem no alvergue largo
 A curva fouce affiada d'um só gume:
 Inflexivel ao pranto mais amargo,
 A's vozes sempre furda do queixume,
 A toda a compaixão atroz se nega,
 Como céga cortando, tudo séga.

LVI.

Esqueletos sem urnas descarnados,
 Que escolas mostram ser de Anatomia;
 Porém mudos melhor, melhor calados,
 Do defengano são a Academia:
 Hum sem numero d'ossos espalhados,
 Que cubrindo se vem a terra fria;
 Soltas vertebraes, drorsos defunidos,
 Caveiras torpes, craneos carcomidos.

LVII.

Alli se vê, sem côr as faces tendo,
 O moribundo ao vivo retratado,
 As pupillas sem luz, o rosto horrendo,
 Turva a vista, o nariz todo afilado:
 Prostrados sem vigor membros jazendo,
 Aberta a boca, o peito levantado,
 Esperando que faia, subtil vento,
 Do afflicto coração final alento.

LVIII.

(3)
 Todos pagão tributo á morte.

(4)
 Morte voluntaria, e violenta.

(5)
 Morte com veneno.

(6)
 Morte, que por mais q se resguarda, e quando menos se espera, então chega.

Alli Xerxes olhando se retrata
 Sobre grande esquadrão, com pranto indica,
 De tanta (3) gente ver que se dilata,
 Que a cem annos hum só vivo não fica:
 A mulher (4) de Tarquinio a si se mata,
 O veneno (5) Tiberio á boca applica;
 N'outro quadro tambem alli estou vendo
 Meleagro (6) espirando, o tronco ardendo.

LIX.

O Comico Terencio amortecido,
 Alli sem côr debuxa pincel forte;
 Seus rascunhos por ter nescio perdido,
 A paixão (7) lhe motiva triste morte:
 Dos alentos vitaes vê-se exaurido
 Filipides (8) tambem da mesma forte;
 Mas com causa contraria, pois se ordena
 Que o gosto tambem mate, como a pena.

(7)
 Morte oc-
 casionada
 de tristeza.

(8)
 De alegria.

LX.

Com os tres promontorios, fertil prado,
 O paiz de Sicilia se retrata;
 O Vate (9) Eschilo, a quem nelle sentado
 Com o susto sómente huma aguia mata.
 Pelos (10) cães de Archeláo despedaçado
 Euripedes, que honrar seus ossos trata
 O mesmo Rei do caso lastimoso,
 Erigindo-lhe tumulo sumptuoso.

(9)
 Do susto.

(10)
 Do desas-
 tre.

LXI.

Empavonada não mares cortando
 Com a quilha, que finge ao ferro duro,
 Se vê (11) cahir da gavia em somno brando
 Com desgraça fatal a Palinuro:
 O Poeta (12) Tibulo na flor, quando
 De seus annos bebia o licor puro
 Da fonte Aganipea, então o córte
 Viçosa flor sentio das mãos da morte.

(11)
 No somno.

(12)
 Na flor dos
 annos.

Na

LXII.

(13)
Mortes por
debeis inf-
trumentos.

Na mão (13) co'um cacho d'uvas debuxado
Anacreonte espira, nesse instante
Na garganta hum grão tendo atravessado,
De sua morte foi causa bastante:
Nas mãos do Senador Fabio dourado
Vaso de leite cheio, em que nadante
Hum cabello se vê, delle formára
A morte laço, com que o affogára.

LXIII.

(14)
Mortes por
rigorosos
instrumen-
tos.

Porcia (14) brazas bebendo, esposa amante,
Popea a couces morre do tyranno,
Euridice infeliz do penetrante
Morso, casta fugindo ao torpe damno:
Por quanto abrindo está sempre incessante
Immensas portas o fado inhumano;
(Imagens descubriendo mil defuntas)
Que a vida huma só tem, a morte muitas.

LXIV.

Nestes quadros suspenso me enlevava
Não sem medo, de horror todo vestido,
Quando Jupiter vejo que baixava
A lugar tão obscuro, e denigrado:
No triste rosto bem se divisava
De alguma paixão grande estar ferido;
E elhando com grande soberania
Para as Parcas, ouvi que lhes dizia:

In-

LXV.

Inexoraveis Deosas triplicadas,
 Numes sem rogos de justiça plana,
 Do Fado executoras, tristes Fadas,
 E senhoras fataes da vida humana:
 He tempo, Divindades obstinadas,
 Por Decreto do Ceo, lei soberana,
 Que ao Lusitano Rei, ao Rei mais pio
 Se córte de huma vez da vida o fio.

LXVI.

Com esta condição s'entra no mundo,
 Tem de necessidade a mesma morte,
 He gloria despojar o barro immundo,
 Para nunca morrer com melhor sorte:
 Para o fruto crescer, brotar jucundo,
 A planta, que o impede, sente o córte;
 Não ha vida sem morte contrahida,
 Sem ser por mãos da morte, não ha vida.

LXVII.

Com sustos se vio sempre atribulado,
 Infortunios lhe deo fado mesquinho,
 Dos seus mesmos sentio o golpe irado,
 Perturbações o ferem d'um vizinho:
 Para ser ás estrellas elevado,
 Triste estrada pizou, duro caminho;
 A croa sem contenda não se alcança,
 E só quem se fatiga, he que descansa.

LXVIII.

O diamante aos golpes resplandece,
 Animal lança aromas fustigado,
 O Sol mais claro aos olhos apparece
 D'entre nuvens obscuras eclipsado:
 A quem para si rouba, favorece,
 O Ceo sublime do mundo arrancado;
 Na sua graça está, no seu affecto
 Quem o fim de seus males vê completo.

LXIX.

A morte necessaria se avalia;
 Que se não fora assim, só por benigno
 Viver sempre na terra merecia,
 Contra o tempo durar se faz bem digno:
 O dia da morte he ditoso dia,
 Que fatal lhe influio sempre o seu signo;
 He justo do caduco já despido,
 O premio vá gozar esclarecido.

LXX.

As lagrimas aqui quasi vertendo,
 A' sua Magestade tão oppostas;
 Por não mostrar fraqueza, conhecendo
 O seu regio valor, virou as costas:
 Daquelle lugar cégo, abyfmo horrendo,
 Sem mais dizer palavra, ouvir respostas,
 Com gravissima dor, que o sceptro alenta,
 Apreffado se vai, triste se ausenta.

LXXI.

A lidar neste tempo começáráo
 Com estrepito tal as Irmans feas,
 Que os cabellos em mim se arripiáráo,
 Gellado horror me corre pelas veas:
 Nesta empreza não menos se affustáráo,
 Por hum pouco deixando as vitas teas;
 Movendo o golpe ao fio do Monarca,
 A iniqua mão tremeo da mesma Parca.

LXXII.

O golpe reprimio, quer intentallo
 Por trez vezes suspensa, e fementida,
 Até que em fim cortando, ao grande estallo,
 Que ao cortar fez a linha dividida:
 Correspondeo do valle com abalo
 No concavo da cova Eco sentida;
 E neste movimento o sonho incerto,
 Assustado voou, frio desperto.

LXXIII.

Os olhos abro, lustro ao firmamento,
 Que de sombras vestia astros luzidos,
 Enlutada Diana, crespo o vento,
 Que as ondas alterava com ruidos:
 Já o Téjo sem curso, e movimento,
 Retrocedendo os passos impellidos
 Por maior força, como quem queria
 Para o berço tornar donde nascia.

LXXIV.

Outra vez entre trévas dividando
 O refluxo do Rio, lhe pergunto:
 Como assim até agora caminhando,
 Ao ventre infante tornas de Sagunto?
 De Nereo entre os braços espirando
 Me parece que vens quasi defunto;
 Nos encontros, que viste desses mares?
 Que tão mortal te vejo atrás tornares.

LXXV.

As estrellas se encobrem tristemente,
 Quando a Lua se esconde, o Ceo nublado,
 Suspira o vento, todo o mundo sente
 Em confuso silencio sepultado:
 Tu da tristeza na maior enchente,
 E n'um mar de pezares suffocado;
 Ah Rio! que em presagio tão medonho
 Bem julgo certo ser este meu sonho.

LXXVI.

O Ceo todo revolto em roda viva,
 Já subindo, e descendo estrellas puras,
 Que em scena representão successiva
 Terriveis animaes, varias figuras:
 Influindo tristeza tão nociva,
 Que os valles gemem, gemem penhas duras;
 E nesse movimento de teus gyros,
 Bem pareces dar ais, lançar suspiros.

LXXVII.

Entre sombras o Sol já sepultado,
 Entre nuvens a Lua macilenta,
 Para os Tropicós, passo retrogrado,
 Sem socego os Planetas com luz lenta:
 Toda a terra enlutada, o mar irado,
 Já crescendo nas ondas, na tormenta,
 O mundo em confusão, o ar sombrio,
 Que he isto? Ceo! oh terra! oh mar! oh rio!

LXXVIII.

Eu mesmo de terror tanto assaltado,
 Que duvido? que inquirio? que pergunto?
 Se o mundo vejo em sombras sepultado,
 Effeitos tudo são d'um Sol defunto.
 Por isso, oh Rio! sentes magoado,
 Não te apartes de mim, que de mim junto
 Acompanhar-te quero, no que sentes
 Com meu pranto augmentar tuas correntes.

LXXIX.

He justa a tua dor, teu sentimento,
 Se he certo o que imagino, se he verdade
 De clemencia acabar esse portento,
 Que maior se não vio em Magestade:
 Já vejo me descobre o teu tormento
 Da Parca hum Rei sentir a crueldade,
 Mais pio, mais clemente, mais benigno,
 Que Theodosio, que Tito, que Antonino.

Já

LXXX.

Já conheço estalou coração justo,
 Tão largo, qual a Salamão Deos dera,
 Tão de cêra, que ardendo em fogo adusto,
 Tal se derrete, qual de David era.
 Congelado me vejo inda do susto,
 Impressão tão fatal não foi quiméra;
 Não te deixes levar de tantas mágoas,
 Ao meu temor respondão tuas agoas.

LXXXI.

Do Nadir para nós o Sol subia,
 Nos Reinos Nabateos veloz entrando,
 Quando assim nem bem noite, nem bem dia,
 Se vão astros nas luzes suffocando:
 Para o pólo inferior Cinthia descia
 Com os olhos em Delio, nisto quando,
 Os meus n'agoa, depois que a luz faudo,
 Por hum pouco fiquei suspenso, e mudo.

LXXXII.

No crystallino golfo, que ouro gera,
 Como em optico espelho transparente,
 De tão viva apprehensão, que bem pudera
 As manchas descobrir de Phebo ardente:
 Hum túmulo estou vendo, em que se esmera
 Artificio funesto, e refulgente,
 Qual negro jaspe no valor custoso,
 Na côr triste, nos raios luminoso.

LXXXIII.

Sobre elle diadema rutilante
 Descançando em riquissima almofada,
 A quem cupula cobre, Ceo brilhante,
 Em porfidias columnas sustentada:
 Medalhas entre fumos, e volante
 Ser a vida pó, cinza, fombra, e nada,
 Alli mostrava a morte em seus despojos
 Com funebre pavor, funestos nojos.

LXXXIV.

Duro esqueleto, oh sentimento activo!
 Na mão tinha, mostrando feio aborto,
 Bem na frente o retrato do Rei vivo,
 Que era o mesmo, que alli jazia morto.
 Ao pé da urna com pranto successivo
 As Tagides chorando sem conforto;
 Cujá vista movendo-me as entranhas,
 Minhas lagrimas seguem as estranhas.

LXXXV.

Cuberto o Padre Téjo venerando
 Da tristeza maior, todo enlutado;
 Este insulto fatal, golpe execrando
 Bem mostra ter no rosto trasladado:
 Com a cabeça baixa, aos olhos quando
 De véo serve o cabello prateado,
 Entre mágoas crueis, horrores mudos,
 Com dor, e suspensão québra os escudos.

Tur-

LXXXVI.

Turbadas suas agoas correm feas,
 Tão de luto vestindo o crystal puro,
 Que não deixão brilhar louras arêas,
 Como em noite nublada, ou dia escuro:
 Pállido o Sol rompia, e nas aldêas
 Prognostica o pastor não vir seguro;
 De alguma tempestade ameaçado,
 A porta abrir não quer ao manso gado.

LXXXVII.

D'Aurora o rubicundo, e claro vulto,
 Que de lagrimas tristes triste banha;
 Fugindo vai movida deste insulto,
 Penetrada de dor, de dor tamanha:
 O lobo temeroso jaz occulto,
 Quebrantando feroz a furia estranha;
 Soprão Auitros nos ais embravecidos,
 Que ao terror augmentavão seus gemidos.

LXXXVIII.

Quebrão troncos: ameno, e denso arbuſto,
 Quando assim dos despojos se melhora;
 Da gala, que vestio com tanto custo,
 Já sem gala se vê despido agora:
 As nuvens agitadas deste susto,
 Em pranto se desfazem, o Ceo chora,
 Dão ardentes suspiros, mágoas tantas,
 Por bocas de metal duras gargantas.

LXXXIX.

Linguas de bronze dão fataes gemidos,
 Com queixas o Ceo grita, o pólo estala,
 Nem he muito que vãos gemão sentidos,
 Quando assim de sentido o bronze falla:
 Arrastrão-se os pendões regios colhidos,
 Em luto se transforma toda a gala;
 Sem adornos as armas, os tambores
 Referem rouco som, vestem de horrores.

XC.

Já com esta certeza ao Ceo levanto
 Meus olhos, que se vem humedecidos,
 Que o coração abrir, fonte do pranto,
 Me fizeram objectos tão sentidos.
 Veloz, digo, Esquadrão do Coro santo
 Te conduza ao lugar dos escolhidos,
 Dos trabalhos do mundo tanto abono,
 E do throno te leve ante alto throno.

XCI.

De candor essa estrada immortal piza,
 Por onde os Heróes sóbem triunfantes,
 Que de neectar divino se divisa
 Em miudas estrellas scintillantes:
 Nesse pólo teu nome immortaliza,
 Como fica na terra, nos durantes
 De Corintho metaes d'alta memoria,
 Com que a terra te louve, sóbe á gloria.

CAN-

LXXXIX

Lingua de bronze do tempo geniosos
 Com palavras o Coe mais a todo o dia
 Nem he mais que um genio leoninos
 Quando mais de luto e bronze falas
 Ataque de os pendos e as colindos
 Em sua le transtorno tola a galas
 Sem adiver as auras de lamporas
 Rictem como tom, rictem de noites

LXXXX

U cor e a carta do Coe levanta
 Mem e a que se um inuadidos
 Que o corado aum, como do padio
 Na fada objectos do lantidos
 Veloz, dico, fiquadido do Coe lantido
 Te corado no lura das elcolindos
 Dos rictos do mundo tanto aborados
 E do luno e lura e a luno

LXXXXI

De candor e a estra imperial rictos
 Por anda de licoes lantidos rictos
 Que de licoes lantidos rictos
 Em munda estra lantidos rictos
 Nello poe um nome inuadidos rictos
 Como tra na terra, nos dantes rictos
 De Corinho munda lantidos rictos
 Com que a terra se lura e a lura



CANTO VIII.

ARGUMENTO.

*Convoca Jove aos Deoses a consulta,
 Em que Juno concorre, ira execranda;
 O seu grande rancor suave insulta,
 E com brandas razões fiel abranda:
 Detesta a mágoa antiga, a raiva occulta,
 Em que lida feroz, terrivel anda;
 Juramento propõe, vistos seus damnos,
 De mais nunca affligir aos Lusitanos.*

I.

SÓbe Jove ao seu throno, e de tristeza
 Banhado o rosto, os raios se lhe encobrem;
 Manda enlutar do pólo a redondeza,
 Que os signos dem sinaes, q̄ tristes dobrem:
 Nocturno manto arrastrão com presteza
 As estrellas, que as luzes não descobrem;
 E desse azul volume a toda a terra,
 Letras se apagão d'ouro, o livro cerra.

II.

Pelos dias, que Apollo se occultára
 Na morte de seu filho pezaroso,
 Outros tantos o Nume se fechára
 Em seu orbe funesto, e luétuoso:
 De triste aspecto sua luz preclara
 Fenomeno inculcava temeroso;
 Pois na casa, em q' propria logra augmento,
 Descahido se vê sem luzimento.

III.

E bem de tanta mágoa se faz digno,
 Na similhaça amor todo se exalta;
 E como para o mundo astro benigno,
 De tão benigno Rei lamenta a falta:
 Mudo se ostenta, aquatico seu signo,
 Dos olhos tambem mudo o pranto falta;
 Pois quãdo a mágoa he grãde, expressões ca-
 A lingua se comprime, os olhos fallão. (lão,

IV.

Tanto que o triste nojo foi passado,
 Quanto ao regio sentir em razão toca,
 Logo os Deoses do Olympo sublimado
 Ante o folio real todos convoca:
 E juntos que assim forão, com agrado
 A' sua dextra Juno igual colloca,
 Com que toda a assembléa em ordem posta,
 Altivo Jove expõe esta proposta.

Atrás

V.

Atrás corre a ventura da desgraça,
 Que he jogo, em que a fortuna se exercita;
 Outras vezes tambem que adiante passa,
 Vai correndo a desgraça atrás da dita:
 Vira aquella a carreira, a dita escassa
 Tambem logo se volta na desdita;
 Neste jogo descanso nunca tendo,
 Huma sempre apôs d'outra andão correndo.

VI.

Condições dessa Deosa, que volante
 Mais que o vento se muda, ao vento excede;
 Euripo arrebatado, n'um instante,
 Quando apenas caminha, retrocede:
 Mais leve do que a folha, que inconstante
 Se vira a qualquer aura, e facil cede;
 Mostrando-se nos gostos, e desgostos
 Nas figuras Proteu, Jano nos rostos.

VII.

Que venturas Polycrates não goza,
 Que parece a fortuna tem fechada;
 E por nunca mostrar-se rigorosa,
 Até por elle mesmo foi tentada:
 Mas em fim acabou tão venturosa
 Nos extremos fataes de desgraçada;
 Aquella melhor he, mais firme fica,
 Que sobre triste pranto se edifica.

VIII.

Involvem-se as tormentas nas bonanças,
 Também bonanças nascem das tormentas;
 Não ha perder nas mágoas esperanças,
 Que de allívio total não são isentas:
 Com o tempo terminão as mudanças
 Da fortuna as acções fanguinolentas;
 Depois desta mostrar seu vulto fero,
 Também affavel ver agora espero.

IX.

Choveo o Ceo venturas no Reinado
 De João Quinto no nome, Essencia quinta
 Dos quatro, que no mundo derão brado,
 Extracto singular, Cópia succinta:
 Idade d'ouro, seculo dourado
 Esinaltou esta Croa tão distinta;
 Com tanta profusão, que parecia
 Como em Rhodos sobre ella ouro chovia.

X.

Desentranhão-se as minas caudalosas,
 Renascendo outro Phison Rio frio;
 Não só com ouro, com pedras preciosas,
 Seus tributos rendendo ao Patrio rio:
 Descobrem-se em seu tempo outras famosas,
 As quaes são tão fecundas, que com brio
 Os ramos, que encubrião altos montes,
 Patenteão á luz dos horizontes.

XI.

Dão sinaes, que no coração da serra
 As raizes profundão, descoradas
 Hervas na superficie, leve a terra,
 Quando correndo vão agoas pezadas:
 Esses pomos lhe offrecem, quaes encerra
 Nas hortas o dragão, que me são dadas,
 Que tanto o Ceo dotou ao seu reinado
 Com os dons, com que eu mesmo fui dotado.

XII.

Jurado Principe de tenros annos
 No mesmo dia, em que o Avô Augusto
 Acclamado se vio dos Lusitanos,
 Já nesta idade dando ao Orbe lusto:
 Entre as armas d'altivos Soberanos
 Sobre si toma o pezo tão robusto,
 Que mais forte vencendo ao mesmo Atlante,
 Delle cedeo já mais hum só instante.

XIII.

Quando a guerra na Europa se incendia,
 E se vem os Brazis hostilizados,
 Desses mesmos sem medo então partia
 Esquadra de navios carregados:
 De inveja o mar contra elles combatia,
 A tormenta sustentão esforçados;
 Sem ver piratas, livres da derrota,
 Com sincoenta milhões lhe entra esta frota.

En-

XIV.

Entre as armas na sua vizinhança
 O sceptro empunha , e faz-se respeitado ;
 Quebrar nunca já mais quiz a Alliança ,
 Que no Imperio seu Pai tinha tratado :
 Inflexivel se ostenta sem mudança
 A's grandes condições , com que he rogado ;
 Antes sim , porque firme na disputa ,
 Augmenta o militar , cresce a recluta.

XV.

Nos conflictos feliz Carlos blasona ,
 Que feliz Portugal tem por amigo ;
 Das Minas o Marquez em Barcelona ,
 Destroe raio feroz ao inimigo :
 Em Catalunha ao seu lado se abona
 Exercito fiel a todo o prigo ;
 E quando sobre o Segre destacado ,
 O rio passa o Luso sempre ousado.

XVI.

D'Almenara tomar querem o posto ;
 Marcha , que seu contrario tambem leva ;
 E topando-se alli de rosto a rosto ,
 A mais cruenta guerra então se ceva :
 O passo reprimir-lhe quer opposto ,
 O Luso a reprimir-lho o brio enleva ;
 Em rios corre o sangue , ao Segre corre , (re.
 Quando as ondas lhe augméta, o crystal mor-

XVII.

Ambos o mesmo passo occupar querem,
Nenhum retroceder, mas ir ávante;
Que se Lusos não fossem os que ferem,
Ficaria Castella triunfante:
Já como da tardança o furor gerem,
Com tanto valor dão Lusos constante;
Que as esquadras, que fogem das espadas,
Nas correntes acabão suffocadas.

XVIII.

Junto ao monte Pachyno esse conflicto,
Que gloria não tributa ao Lusitano?
Seu grande nome deixa nelle escrito,
Quando assim de Castella escreve o damno:
O mesmo monte treme, geme afflicto
No combate feroz todo o seu plano;
Ao estrondo das armas Arethusa
Se timida sahio, corre confusa.

XIX.

Seis horas dura o braço na peleija
As armas manejando, o mesmo Marte
Se admira do valor, sem que se veja
Conhecido troféo de parte a parte:
Porém como a fortuna sempre esteja
Por quem o Ceo favores seus reparte;
Sem que nella poder algum se pense,
O Castelhana cahe, o Luso vence.

XX.

(1)
O Marquez
de Bay.

Sobre Campo Maior (1) Bay apparece
Com exercito forte, e numerofo;
E da Praça o presidio que a guarnece,
Posto tenue, se armou todo animoso:
Arrogante se acampa, e fortalece;
Abrem trincheiras, sitio rigoroso
Com bateria põe, os sitiados
Dos contrarios se vem logo atacados.

XXI.

Disparão ferreos globos impellidos
Pelo sulfureo pó, voão qual fléxa,
Quando á força dos golpes repetidos
Na muralha fizerão grande bréxa:
Reportavão-se os Luílos destimidos,
Sem a força quebrar, nem ver perplexa
Ao chuveiro das balas, quando via
Disparar oitocentas cada dia.

XXII.

Com incrivel fortuna o grande Conde
Da Ribeira, a pezar de seus contrarios,
Hum foccorro introduz na Praça, donde
Granadeiros sahirão temerarios:
Este corpo nocturna sombra esconde,
Penetrando subtil caminhos varios;
E dentro dos ataques tal se arroja,
Que destroe, fere, mata, e desaloja.

No

XXIII.

No flanco esquerdo a bréxa já se via
 Dando entrada ao assalto praticavel,
 E prompta ao inimigo se offrecia
 A lograr nesta empreza acção notavel:
 Accommette com furia, e valentia
 Intrepido da gloria infaciavel;
 Porém querendo entrar no flanco aberto,
 O passo reprimio fogo encuberto.

XXIV.

Pela boca da bréxa linguas lança,
 Qual fogo vomitando atroz serpente;
 Que dormindo se vê, ou que descansa,
 De inimigo assaltada, de repente
 A grande colla erguendo, na vingança
 Abre a boca, estendendo a lingua ardente;
 E vendo que na féra fogo achára,
 Suspende-se o inimigo, a furia pára.

XXV.

Tal foi o Castelhana arremettendo,
 Que parece dormindo estava o Luso;
 Ao encontro lhe sahe da gruta horrendo
 Fogo; inerte parou, fuge confuso:
 Tres assaltos lhe deo; mas não podendo
 Soffrer tão vivo fogo circumfuso
 Nesse grande meato, qual abríção,
 D'acção exasperados desistirão.

XXVI.

Sahe d'Elvas hum soccorro com cautela,
 A' Praça neste extremo a dar abrigo;
 Enganada a primeira sentinella,
 Com a segunda chocão, que sem prigo
 Valentes, e esforçados entrão nella
 Com a espada na mão d'entre o inimigo;
 Que vendo o seu empenho tão frustrado,
 Se retira do campo inanimado.

XXVII.

Já de sua piedade, e grande zelo
 O (2) Summo Sacerdote annunciado,
 Lhe roga mandar queira soccorrello,
 Por se ver de inimigos assaltado:
 Obedece com gosto, e com desvelo,
 Que obedecer quer mais que ser rogado;
 Porque sabe em sua alta intelligencia,
 Que hum tal rogo conduz obediencia.

XXVIII.

Com promptidão se apresta a Lusã Armada,
 Luzida gente embarca, quando ufanas
 A Corfú se encaminhão sitiada
 Das soberbas bandeiras Otomanas:
 Deste auxilio a noticia promulgada,
 O sitio deixão, fogem as Sultanas;
 Troféos de Cesar no terror que dera,
 Chegou, vio, e venceo, que mais fizera!

Com

XXIX.

Com eclipses na Lua injuriado
 O inimigo ficando, da fraqueza
 Colhe forças do brio estimulado,
 Com que outra vez intenta nova empresa:
 Do grande rio o Conde em peito ousado
 Coração grande tendo, com presteza
 Manda segunda vez com vivo alento
 Largar lenhos ao mar, lenhos ao vento.

XXX.

No mar Mediterraneo se espalhavão
 Vinte e duas Sultanas arrogantes
 Com vinte e seis baixeis, que escolta davão
 Da Alexandria aos barbaros Turbantes:
 Os Estados atrozes infestavão
 Dessa (3) Ponte do Tibre relevantes,
 A tempo que alli tem para a defeza
 Malta só duas náos, huma Veneza.

XXXI.

Entra no golfo a Lusitana Armada,
 A sua linha fórma exposta aos prigos;
 Porém deixando as tres, só foi buscada
 Com positivo ardor dos inimigos:
 Sustenta por dez horas esforçada,
 Sem das mais ter foccorros, nem abrigos,
 O seu fogo cruel, que parecia
 Subomonte Encelado, se movia.

(3)
 Pontifex di-
 ctus, quod in
 Ponte, seu
 ad Pontem
 Tiberis sa-
 cra faceret.

Mas

XXXII.

Mas sem perder a fôrma, valerosos
 Fazem-lhe o vivo fogo que convinha,
 Com os golpes das balas temerosos,
 Os inimigos fogem, rota a linha:
 Estão Venezianos duvidosos
 Admirando o valor, que o Luso tinha;
 E nesta acção tão digna de memoria,
 Testemunhas só forão da victoria.

XXXIII.

Co'o triunfo se exulta a Santa Sede,
 E tanto feu prazer ao Rei intíma,
 Que liberal mil graças lhe concede,
 Aos guerreiros mil dons, que o Ceo estima.
 O grande esforço pela acção se mede,
 Que a soberba sómente o Luso opprima;
 Expectação gostosa, nobre fama
 Dos Lusos pela Europa se derrama.

XXXIV.

Não menos n'Asia seu valor se estende,
 Lá donde Aurora ao Sol pensa nascido;
 O Maratá soberbo se lhe rende,
 Dos Bonfulos seu nome faz temido:
 A obedecer segunda vez aprende
 Aquelle Norte todo já perdido;
 Á força d'um (4) Castello, cuja empreza
 Fez mudar-se d'Alorna em fortaleza.

(4)
 O Marquez
 de Castello
 novo, de-
 pois Mar-
 quez de
 Alorna.

XXXV.

(go,

Porpátane arde ás mãos (5) de Lopo em fo-
 Que (6) fuzilão seus olhos furioso;
 Implora do (7) Saldanha a paz com rogo
 Humilde (8) o Sar-Deffai, quando orgulhoso:
 Arabios se rebellão; porém logo
 Para o jugo os sobmette o vigoroso
 Braço desse (9) Utra nobre, que Almirante
 Sahio das suas armas triunfante.

(5)
 O General
 D. Lopo de
 Almeida
 no anno de
 1717.

(6)
 De Lupo
 sic ait Ovid.
 Met. 2. Ful-
 mineos, ru-
 bra suffusus
 lumina flam-
 ma.

XXXVI.

Do cruel Canará, do fero Sunda
 O nome Portuguez toma o despique;
 Suas náos, porque mais temor lhe infunda,
 Em combate naval forão a pique:
 Em mar vermelho aquelle mar inunda,
 Quando n'Africa ao Sul de Moçambique
 Hum (10) Principe feroz, e destimido
 Em tres batalhas foi sempre vencido.

(7)
 O Vice Rei
 D. João de
 Saldanha.

(8)
 O Regulo
 Sar-Deffai
 de Cuddale.

(9)
 Antonio de
 Figueiredo
 Utra no
 anno de
 1719.

(10)
 O Principe
 Changami-
 ra pelo Te-
 nente Co-
 ronel Ra-
 fael Alvares
 da Silva.

XXXVII.

De victorias croado a paz segura,
 Vencendo, que lhe inspirão astros bellos,
 A Cresso na riqueza, e na ventura
 A Sylla Dictador, aos dous Metellos:
 Se feliz (11) se acclamou a conjectura
 Daquelles, d'elle mesmo parallellos,
 Que as casas descubrio do firmamento,
 Lá (12) feliz elevou seu pensamento.

(11)
 Ovid. Fast.
 1.

(12)
 Eruditissi-
 mo em Ma-
 thematica.

Se-

XXXVIII.

(13)
Assim disse
ao Ministro
Britanico

Milord Ti-
rauli, que
vendo-o 2

noites, e
1 dia sem-
pre desve-

lado, lhe
perguntou
quãdo dor-

miçao que
lhe respon-
deo: Mi-

lord, como
a este des-

velo me
convida o

Leão de
Hespanha,

me revisto
das suas
proprieda-

des, que he
dormir cõ
os olhos a-

bertos pa-
ra credito
da minha

Coroa, e
para soce-
go dos
meus vaf-

fallos.
(14)
Celebrou
com gran-
de pompa
a canoni-
zação de
varies San-
tos.
(15)
Mecenas
célebre de
varias Aca-
demias.

Segura a paz, hum Argos se jaçtava

Nos ajustes assim dos seus acertos,

Que d'Hespanha o Leão o convidava

O seu (13) somno a levar d'olhos abertos:

Os mesmos impossiveis supperava,

Seus juizos se vem dictames certos,

Romana Arcadia illustra soberano

Com seu regio esplendor Pastor Albano.

XXXIX.

Das sciencias foi sempre o mais amante,

Ao grande Orbe illustrando Literato;

Do Divino esplendor hum forte Atlante,

Que o seu culto maior sustentou grato:

De Varões (14) tantos diga a gloria ovante,

E de tantos (15) Lyceos seu regio trato,

A Basilica em fim profusão tanta, (ta.

Com que a Roma assombrou, o mundo espan-

XL.

A mesma profusão serve d'augmento,

Rios d'ouro dispende, taes recebe,

Quaes as agoas se dão desse elemento

Para a terra beber, muitas mais bebe.

Executado vê seu pensamento,

Apenas nas idéas se percebe;

E quantas bem se mostra executado,

Muitas vezes de ser antes sonhado.

Que

XLI.

Que magníficas obras não levanta
 Já com mão liberal, grande estipendio;
 E nenhuma porém, caso que espanta!
 Terremoto sentio, soffreo incendio:
 Ao maior (16) dos nascidos ara santa
 Dedica, que de jaspes he compendio;
 E por dar a João culto devido,
 O seu nome ficou engrandecido.

(16)
 A Capella
 de S. João
 Baptista em
 S. Roque,

XLII.

Que excellente pintor, viva pintura,
 Com as tintas na mão, idéa attenta,
 Delinea subtil, fabio figura
 O que a pedra nas cores representa!
 Com pedaços de jaspe a formosura
 Do mais bello debuxo a mão assenta,
 Em pasmos união tanta redundada,
 Maravilha no mundo sem segunda.

XLIII.

Se a dizer-se qual he, bem se não póde,
 Que não cabe na voz, em si só cabe;
 E se a testemunhar a vista acode,
 Essa mesma se engana, o que he não sabe:
 Por mais que a Fama ao orbe todo rode,
 Com as linguas que tem, seu louvor gabe;
 Inda he mais do que diz, pasmo estupendo,
 Inda mais he do que he, que se está vendo.

Fa-

XLIV.

(17)
O Templo,
e Convento
de Ma-
fra.

Famoso (17) Templo, Ceo de jaspes finos,
Donde engenho preclaro, arte subida
Co' o cinzel abrem rasgos peregrinos,
As Imagens dão alma, ao jaspe vida:
Ornamentos se vem d'ara divinos

(18)
A pedra in-
terior fo-
bre a porta
principal.

No marmore (18) luzir prata brunhida;
A maior maravilha o bronze attinge,
O lavor mais subtil ao ouro finge.

XLV.

Reluzem Balcedonias, Carnelinas,
De quatro cores Orcas, transparente
O marmore Lychneo, que de boninas
Hum prado representão florecente:
Ophites, que se vem nas cores finas
As manchas emular d'uma serpente;
Outros em fim, que á vista dão desmaios,
Quaes pyropos lançando de si raios.

XLVI.

(19)
Igreja, e
Convento
das Neces-
sidades.

Sagrada (19) habitação, nobres herdades,
Com vista sumptuosa, com largueza
Assim dá, que a supprir necessidades,
Foi mais que liberal nesta grandeza:
Adorno singular, preciosidades
Lhe tributa, e compõe sua belleza,
Que bem parece tudo tão vistoso
Obra ser só d'um Rei tão generoso.

Ou-

XLVII.

Outra (20) Igreja consagra ao Soberano
Menino de Deos Filho, Nume etherio;
E que assim não padeção leve damno
No Phenomeno triste, que mysterio!
Arsenaes edifica d'alto plano,
Obeliscos ferindo ao hemisferio
Com mão sempre real, segredo occulto!
Que nenhum padecesse neste insulto.

(20)
A Igreja
do Menino
Deos.

XLVIII.

Entra a reinar José com grande gosto;
Mas logo sem que a mais seu favor passe,
Começou a fortuna a dar de rosto,
Mostrando-lhe contraria a outra face:
Com tantos infortunios lhe he opposto
Seu tyranno rigor da maior classe;
Que a contallos seria já prolixo,
Quando o mal na lembrança está tão fixo.

XLIX.

Sobre isto se lhe oppoz Juno tyranna,
Avivada de aggravos mal fundados;
Causando huma maçã d'ouro, que engana,
Estes rancores seus tão defusados.
Ah pomo! dessa trágica Troyana
Fatal occasião dos tristes fados!
Fizeste que Atalanta se venceffe!
Que com febre Cydippe adoecesse!

R

Mas

L.

Mas que muito se d'ouro ! quando bello
 Em fruto verdadeiro aos olhos vivo,
 Arrancado te viste com desvelo
 Para o mundo chorar todo captivo.
 Porém que d'ouro fosse ! á mente appello
 De Pallas, que decida este motivo :
 Que colera tomou repudiada ?
 Que nella ainda dure inveterada ?

LI.

Acafo em quanto fresca na memoria
 Esta offensa, que pouco radifica,
 Essa máquina causa da victoria,
 Sómente por seu voto se fabrica :
 Vio o damno a paixão foi transitoria,
 Não se lembra do pomo, ou maçã rica,
 Quem de fabio tal qual ella se préza,
 Dos aggravos se esquece, ouro despreza.

LII.

A propor-vos exemplos me compete :
 Essa tripode d'ouro aos fabios dada,
 Corre de mão em mão por todos sete,
 Sem nenhum a querer, foi desprezada :
 Injúrias contra Socrates commette
 Hum inimigo seu: Responde; nada
 Sou do que este me diz; assim prudente
 Offensas disfarçou, seu mal não sente.

Não

LIII.

Não foi ouro, acudio Juno sentida,
 Não podendo ouvir mais já desgostosa,
 Que me fez na paixão enfurecida
 Obrar duras vinganças tão raivosa:
 Foi o ser na belleza convencida,
 Desprezar-me hum Pastor menos formosa;
 No meu sexo o furor que mais se atea,
 He sentir os ultrajes de ser fea.

LIV.

Com as Ninfas do mar rompe ignorante
 Cassiopea, que mais belleza tinha,
 Por cuja presumpção tão arrogante
 O seu Reino assolou fera marinha:
 No mesmo ponto estou, ou semelhante,
 Se maior soberania era a minha,
 Se caso áquellas foi de tanto pezo,
 Não me havia vingar do seu desprezo?

LV.

Contende com Apollo o Lyceo Nume,
 Sendo Midas juiz deste certame;
 E posto a Lyra move ao grande (21) cume,
 A' flauta o voto deo seu nescio exame:
 Soube Apollo vingar este costume
 De sempre julgar mal; meu rancor brame!
 E para desaggravo desta offensa,
 Não hei de castigar tão vil sentença?

(21)
 Scilicet
 Emoli ubi
 certamen
 fuit.

LVI.

A tua liberdade mais não diga
 Sobre ponto ao meu brio tão opposto;
 Sempre hei de perseguir essa inimiga,
 E tudo quanto achar for de seu gosto:
 A tua exposição seus termos siga,
 Passemos adiante no proposto;
 Neste ponto não falles, que ardo, tanto
 Que se ávante passou, já me levanto.

LVII.

Quando o mal na lembrança está tão fixo,
 Por ti, socega amor, isto não digo,
 (A Juno Jove diz) fora prolixo
 Em contar tanto damno; outra vez figo:
 Parece o mesmo fado fez capricho
 De querer-se ostentar tão inimigo,
 Quando sem compaixão tyrannos tratão,
 Da mesma tyrannia até se jactão.

LVIII.

Tal como d'um Sapor a tyrannia
 Ultrajando infeliz sceptro Romano,
 Servindo de degráo, quando subia
 A cavalgar no bruto todo ufano:
 Com vangloria pizou da sorte impia
 Este sceptro infeliz rigor tyranno,
 Vendo-se ao seu imperio escarnecido
 O Reino mais feliz, e obedecido.

Em

LIX.

Em fim ás mãos da sorte deshumana
 Seus dias acabou de mágoas cheio ;
 Mas de tantos trabalhos foberana
 Assistencia de luz , que goza , creio :
 Mostrou-se áquella idade a sorte ilhana,
 Nesta sempre mostrou seu rosto feio ,
 A presente , que alegre o Luso goza ,
 Segundo o gyro seu , ferá ditoza.

LX.

Annúncios são da dita essa alegria
 No povo , com que a successão acclama ;
 Esse gosto interior , com que á porfia
 Rebenta o coração , agoas derrama :
 De ver subir ao throno espera o dia
 Contento o Luso , a quem mui fiel ama ;
 Seus Principes adora , e com sinceras
 Razões a quem amou , amou devéras.

LXI.

Genio desta Nação tão extremosa ,
 O que no peito tem , tem na apparencia ;
 Não qual outra , que amor , arte engenhosa ,
 Só funda como lei da convivencia :
 Razão tem de estimar Venus formosa
 Esta Nação amante , que imprudencia !
 Os Lusos não amar , que amor mesquinho !
 Typos da fé , retratos do carinho.

LXII.

Seu grande esforço admira , o mundo adora ,
 A rendellos só póde a propria vida ;
 Basta por elles ser da roxa Aurora
 A conquista valentes commettida :
 E , qual purpurea rosa , honra de Flora
 De agudas lanças toda defendida ;
 As armas , o valor , guardas discretas ,
 A' formosura forão sempre affectas.

LXIII.

Nada mais prender faz a formosura
 Do que hum grande valor , logo rendida
 Ao esforço verás sua brandura ,
 Para ser dos seus braços defendida :
 Com que justa razão Venus apura
 Para os Lufos amar : se qués ser tida
 Na discreta eleição entre as formosas
 Por formosa , ama acções tão portentosas.

LXIV.

Entra a croar-se bella huma Rainha
 De zelo cheia , cheia de virtude ;
 Agora o rancor , Juno , que assim tinha
 O teu peito , em favor todo se mude :
 Podem seus olhos (crer podes fé minha)
 Commoverem de amor coração rude ;
 E não podem domar tua violencia
 Sexo , virtude , amor , zelo , prudencia !

Bas.

LXV.

Bastão já dessa roda os tristes gyros,
 Meu affecto esta graça humilde intima;
 Se te não movem já tantos suspiros,
 Mova-te o ser mulher, teu sexo estima:
 Abranda, Esposa minha, os crueis tiros,
 Que já tanta oppressão feroz lastima;
 Olha tantos estragos, tantos damnos,
 Não sejas reputada entre os tyrannos.

LXVI.

Todos sabem que ao mundo favoravel
 He minha condição; á natureza
 Humana sempre brando, sempre affavel,
 Enchendo de mil bens a redondeza:
 Estranho he teu rigor bem ponderavel;
 De seres tão cruel quanto me peza!
 Não sei como assim tanto se estimula
 Esse fangue, que em mim mesmo circula.

LXVII.

O sempre fazer bem he piedade,
 Coufa que ao ser divino muito imita;
 Ninguem te obriga a mal, porque a vontade
 Ou não fora, ou que livre se exercita:
 Ter odio, não diz bem n'uma Deidade,
 Que tanto o sceptro teu desacredita;
 Oh quanto desagrada á lei humana
 Ser huma irmã de Jove tão tyranna!

Cruel

LXVIII.

Cruel odio, vingança enfurecida,
 Em peito vil sómente se descobre,
 Em quem só como fera alenta a vida;
 Mas nunca se verão em alma nobre:
 De claríssimo sangue és produzida,
 A purpura real Deosa te cobre;
 Para a sua côr olha sempre attenta,
 Que não deves ser (diz) sanguinolenta.

LXIX.

No silencio, com que Juno escutava,
 Como á rigida pedra o licor puro,
 Parece tão attenta, que mostrava
 Ir-lhe a voz penetrando o peito duro:
 De ternura sinaes seu rosto dava,
 Espelho d'alma firme, e mais seguro;
 Pois nelle, crystal bello, reflectia
 O terno movimento que sentia.

LXX.

Sinaes davão seus olhos de verterem
 Sangue do coração; mas cautelosos
 Por frageis nos deliquios se não verem,
 As lagrimas fustem quando chorosos:
 Passa a Aurora, e dous Soes são a nascerem,
 Qual Ceo sereno, tornão-se formosos;
 Para que suas faces se não molhem,
 O granizo outra vez em si recolhem.

LXXI.

Menos fera se mostra, mais humana
 A' força da razão nesta porfia;
 Alma não ha tão dura, e tão tyranna,
 Que alguma vez não quebre a tyrannia:
 Do coração soltando a voz urbana,
 Só vencer-me (fallou) isso podia;
 Molesta contra os Lusos fui, confesso;
 Mas em fim dos aggravos já me esqueço.

LXXII.

Huma doce oração, supremo Jove,
 He Herculeia prizão, que a idéa arrasta;
 E quando a tudo vence, tudo move;
 Venceo-me aquelle amor, de rigor basta:
 Certo a meu coração muito commove,
 Quem no sexo reluz grande Dynasta;
 Sobre a fé, que meu regio ser professa,
 Mais valida farei minha promessa.

LXXIII.

Chama Thaumantes, Iris apparece,
 Em seu humido Ceo talvez gerada;
 Pois de cores diversas se guarnece,
 A' sua vista quando apresentada:
 Symbolo és da concordia, (lbe diz) nesse
 Prometto não mostrar-me mais irada
 Contra os Lusos fieis, sua Rainha
 Senhora singular tambem he minha.

Cha-

LXXIV.

Chamão-te os Gregos pois do affombro filha;
 Obrar contra meu genio o mesmo digo;
 Conheça o mundo assim por maravilha,
 Que por esta Deidade iras mitigo:
 De minha alma lhe faz amor partilha,
 Inimiga me tem seu inimigo;
 Qual Pallas contra o Mouro, e Cafre adusto,
 A seu lado ferei, causando fusto.

LXXV.

E para que se veja o quanto affino
 Minha voz nesta fé, que manifesto,
 Com a mão tocarei licor divino,
 Sem hum ponto faltar do que protesto:
 Que baixes com presteza determino
 A's fauces infernaes, lugar infesto;
 Que não te faça mal, mal tão obsceno,
 Antidoto algum leva ao seu veneno.

LXXVI.

Parte pois, Aia minha, a quem venero,
 Mensageira fiel n'um pensamento
 Ao interior da terra, porque quero
 Mais solenne fazer meu juramento:
 As portas entrarás de Plutão fero,
 E donde a Styge tem seu nascimento;
 A taça, que entre as mais mais rica tenho,
 Cheia d'agoa trarás com desempenho.

Ape-

LXXVII.

Apenas feu dizer a Deosa finda ,
 Esse assombro do Ceo feito com arte ,
 Das imagens do Sol confusão linda ;
 A's terrificas ondas veloz parte :
 Entra no triste Averno , ao guarda brinda
 Com branda mão , que mimos lhe reparte ;
 E vendo della não receber queixa ,
 Para mais o brindar , deitar se deixa.

LXXVIII.

Daqui ao lago Stygio logo passa ,
 A's suas margens chega , as ondas gemem ;
 Hum grande medo o peito lhe traspassa ,
 De ver agoas , que os Deoses tanto temem :
 Tira a resplandecente , e fina taça ;
 Mas ao querer enchella , as mãos lhe tremem ,
 Vendo como assim pôde com espanto
 Enchella , sem tocar seu licor santo.

LXXIX.

Cheia assim de respeito a taça toma ,
 Temerosa nas agoas a mergulha ;
 Sentindo alheio corpo a limpha doma ,
 Alterando-se , fazem grande bulha :
 Preservada de certo , e grato aroma
 Do fetido infernal , que muito engulha ;
 Apressada se sahe , e n'um instante
 As portas penetrou do Deos Tonante.

En-

LXXX.

Entra na sala, humilde, e com respeito
 Faz huma reverencia mui attenta;
 Tira a taça, que traz chegada ao peito,
 E sobre a grande Meza lha apresenta:
 Aqui, Senhora, tens (diz) teu preceito
 Já cumprido, por quem fiel intenta
 Teu nome obedecer, sempre attendello
 Com summa promptidão, com grande zelo.

LXXXI.

De Jove a grande irmã na taça péga,
 A si fronteira a põe, vivas no rosto
 Rosas lhe sobrevem, taes, quaes emprega
 Qualquer público facto ao mundo exposto:
 Rendendo o coração já d'amor céga,
 Com alegre semblante, e summo gosto
 Sobre a taça a mão pondo, á formosura
 Augmentando os quilates, assim jura:

LXXXII.

Ante vós juro, oh Numes soberanos!
 Por esta agoa, por todos tão temida,
 De ser propicia sempre aos Lusitanos,
 De nunca ser contra elles fementida:
 Seu braço ajudarei contra tyrannos,
 Darei por sua vida a propria vida;
 Isto attesto, prizões d'amor me enlação,
 E se perjura for, beber ma fação.

Com

LXXXIII.

Com este juramento no conclave,
 Hum motim se levanta de alegria,
 Vendo se torna doce, e tão suave
 Aquelle emblema atroz da tyrannia:
 Com jubilos applaudem esse grave
 Impulso, com que Jove a reduzia;
 O coração em gosto alegre inunda,
 Em abraços fieis todo redunda.

LXXXIV.

Ambrosias manda vir Jove divinas,
 Que podem faciar qualquer desejo,
 E de nectar supremo taças finas,
 Com que brindão alegres o festejo:
 Pelas salas se estendem safirinas,
 Contentamento grande, alto festejo,
 Dando a Juno com vozes successivas
 Alegres parabens, gostosos vivas.

LXXXV.

Nisto Mercurio manda aos Lusitanos,
 A' Cidade, que chora tão confusa
 Em tantas afflicções, em tantos damnos,
 Que huma nova alegria lhe introduza;
 Que se acabão furores deshumanos,
 Suffocada respire a gente Lusa;
 Com tal modo porém, e com tal geito,
 Que sem dizer a causa, tenha effeito.

LXXXVI.

Dar ao mundo a razão não me he decente,
 Sacramentos do Rei tem grande chave,
 Saiba que interiormente anda contente,
 Não o que se passou neste conclave:
 Do Ceo desce Mercurio diligente
 Ao occiduo paiz, qual veloz ave;
 E para bem dispôr o seu destino,
 Em traje humano muda o ser divino.

LXXXVII.

Com magnífica pompa se elevava
 O vistoso theatro, excelso throno,
 Donde á gloria da Croa se esperava
 Dar o Luso da fé fiel abono:
 Entre o concurso grande o Deos andava,
 Que as almas revocava, inspira somno,
 Ferindo os corações, alegre o rosto,
 Com palavras subtis de grande gosto.

LXXXVIII.

Oh que glorias! (dizia) oh que venturas!
 Princeza Soberana, alta Rainha!
 Neste Reinado não nos asseguras,
 Segundo se descobre á mente minha:
 Essa estrella, que fórma imagens duras,
 Extincta vejo, de que o mal nos vinha,
 Apagado se mostra o fatal signo,
 Que influxos dava d'um horror maligno.

LXXXIX.

Melancolico o ar se diffundia,
 A' vista deste Sol a sombra espalha;
 E quando tenebroso horror mettia,
 Com seus raios crueis raios atalha:
 Alegre já parece nasce o dia,
 Pois he bem que a virtude muito valha;
 Nem outrem póde mais, fazendo ameno
 Ao campo triste, ao Ceo denso sereno.

XC.

Effeitos da virtude poderosa,
 Que a mesma natureza lhe obedece;
 E quem della sublime tanto goza,
 Não he muito que aos Ceos assim movesse:
 Ordem doce d'amor, que attrahe formosa;
 O tronco á sua voz secco florece,
 A natureza muda, ao monte abala,
 Brota em fonte o rochedo, a pedra estala.

XCI.

Oh quanto! quanto o Ceo compadecido
 De huma tão grande força arrebatado,
 Do Povo abrandará tanto gemido,
 Para fazer feliz o seu Reinado:
 De gosto o coração sinto ferido,
 (O Cylineo dizia disfarçado)
 E vós mesmos tambem em vosso peito
 Não sentis deste gosto o mesmo effeito?

Pre-

XCII.

Prefagios tão felices proferia
Assim celeste voz de humana face,
Que se não vio no Luso outra alegria,
Nem que tão de repente se alegrasse:
A cada passo hum viva ao Ceo-feria,
Antes que, muito tempo, se acclamasse;
Introduzindo nelle tal agrado,
Que era hum Povo de gloria alvoroçado.



CANTO IX.

ARGUMENTO.

*Exaltava-se ao throno a Magestade,
 A quem Luso prazer applaudir trata;
 De mim perto se chega huma Deidade,
 Deste applauso ao Parnaso me arrebatã:
 Com ella o monte subo, em claridade
 Seu cume brilha, e nelle me poz grata;
 Apollo ao tom da Lyra a voz levanta;
 Celebra a acclamação, seu louvor canta.*

I.

COm quinto moto a Lua resumia
 Novas pontas do Sol meia affastada
 Em seu curso veloz, que então corria
 A ver-se alegre mais, mais prolongada:
 Sem da vista o perder, delle fugia
 Com huma face nelle só virada;
 Clicie sim, não na fuga decadente,
 Mostrando-se mais viva, quando ausente.

II.

Rompem de Flora as galas primorosas
 As forças de Pomona mais valentes;
 Como partes da planta mui mimosas,
 Ao vigor se sujeitão das sementes:
 Vão cedendo-lhe o posto cuidadosas
 Ao fruto prévias, a elle adherentes;
 E já quasi explicando o grão, que encova,
 Dá refugio feliz á planta nova.

III.

Calices de marfim, d'ouro luzido,
 E diversos na côr, e louçania,
 Em que a terra do que tem recebido,
 Sacrificios ao Ceo offerencia:
 Já seu breve esplendor enfraquecido,
 Quebrado se desfaz, morto jazia,
 Para vivo ostentar-se este holocausto
 De mais acceitação, de menos fausto.

IV.

Vão as flores perdendo sua effencia,
 A quem sustentar faz subtil (1) anthera;
 Dos frutos sobrevindo a concurrencia,
 Em seus braços desfmaia a primavera:
 Espirava no Ceo doce influencia
 Do roubador de Europa, que o mez era,
 Em que o Sol quasi entrando já se via
 Na fraterna união, chara harmonia.

(1)
Anthera
dicitur ef-
fencia flo-
ris, que
sustinet il-
lum, inter
Botánicos.

V.

No dia, em que a memoria se decanta
 Desses Martyres, Martes valerosos,
 Debaixo de Patrona Sacrosanta,
 Na causa, e na vontade venturosos:
 Regada a terra em sangue, flores planta
 A Igreja, no Ceo astros gloriosos;
 Na vida acções contou seu braço forte,
 Milagres o de Deos depois da morte.

VI.

Já do mais alto ponto declinavão
 Os raios de Titão, que ardentes ferem;
 E das pequenas sombras, que formavão,
 Maiores distribuem, que refrigerem:
 Hum Sol desce, porque dous se exaltavão,
 Quando huma mesma luz ambos conferem;
 Qual fulgor no crystal repercutido,
 Do crystal, e da luz sendo nascido.

VII.

Corre o Téjo sereno, outro mar morto
 Se deduz na corrente vagarosa;
 Como quem se detinha a ver absorto
 Da Varanda, o prospecto, a mais vistosa:
 De baixéis flamulados brilha o porto,
 Que trémulo jardim, Flora mimosa
 Brando Zefiro move, e nos tremores
 Com suas ondas fórma hum mar de cores.

VIII.

Ar risonho mostravão nuvens claras;
 Empenhos de Saturnia, que queria
 De jubilo banhar ambas as aras,
 Em que havia jurar-se a Monarchia:
 Já de seu amor dando mostras raras,
 De purpureos rosaes o Ceo enchia;
 Como aquelles, que a bella Aurora estende,
 Quando ao throno subir o Sol pertende.

IX.

As arvores taes ditas applaudindo,
 Das mesmas folhas linguas apurando,
 Os parabens se dão, as fontes rindo,
 Com murmureo subtil, susurro brando:
 Na (2) croa se não vem já competindo;
 A' nova arvore os ramos inclinando,
 Regio tronco de fructos excellentes,
 A vassallagem dão obedientes.

(2)
 Judic. 9.

X.

(mno

Attenta ao commum bem, q̄ ao proprio da-
 O sceptro não recusa por pezado;
 Qual dessa (3) oliva foi o grave engano,
 Por não empobrecer o seu estado:
 Antes por liberal, dom soberano,
 Seu nome oleo se inculca derramado;
 De não ser para si logo a vontade,
 Nos effeitos se vio da piedade.

(3)
 Ib. vers. 9.

A'

XI.

A' clemencia, que em seu coração terno
 Morava, sem sahir como opprimida,
 Tanto que as redeas toma do governo,
 Logo as redeas largou compadecida:
 Imagens faz abrir do triste Averno,
 A mortos generosa dando vida;
 A sua exaltação mais acreditão
 Os mortos, que assim vejo resuscitão.

XII.

Pálida côr, as fontes encovadas,
 Em seus orbes os olhos submettidos,
 Sordido o rosto, as faces levantadas,
 Serras d'ossa parecem mal vestidos:
 Nos articulos as mãos só estribadas
 D'Anatomia são modélos cridos;
 O peito se descobre, em que se via,
 Que secco de nús ossos só pendia.

XIII.

Os cabellos sem lei pela foltura,
 Dispersos andão, correm vagabundos;
 Que cubrindo-lhe o corpo, na figura
 Se julgão animaes, bichos immundos:
 Que vivem, n'aura só se conjectura,
 Dos carceres sahindo assim profundos;
 Aos vestidos tocar, terra sacodem,
 Os pés firmes no chão ter-se não podem.

Oh

XIV.

Oh quanto a mão lhes dá nesta fraqueza !
 A que alentos respirem condoida ;
 A cubrillos do proprio com largueza
 Distribue , que mais monta huma só vida :
 Para si sabe não nasceo Princeza ,
 Mas de invisivel mão , mão promovída ;
 Para assim soccorrer estes afflictos ,
 Remittir , compassiva olhar delictos.

XV.

E que bem desempenha este attributo ,
 Com que a croa se faz mais preciosa ;
 Seu valor se pondera diminuto ,
 Se os quilates não tem de piedosa :
 Nasce a fonte do Ceo , por aqueducto
 Das mãos dos soberanos sahe ditosa ,
 Regando toda a terra , onde a piedade
 Foi sempre o dom maior da Magestade.

XVI.

Semi-Deoses se elevão , competindo
 Co' o mesmo Ceo nas graças , que derrama ;
 Holocausto de amor , chamma subindo ,
 Ao sacrificio desce eterna chamma :
 Christã justiça , que esse ser medindo
 Divino , no Divino ser se inflamma :
 Desconhecido (4) hũ Deos , quando apparece ,
 Em o partir do pão só se conhece.

(4)
 Luc. 24.
 vers. 35.

XVII.

A mão estende com alegre gosto,
 Mas o pobre maior gosto concebe;
 Pois mais se satisfaz em ver-lhe o rosto,
 Do que olhar para o premio que recebe:
 O punho cheio he nada, quando opposto
 Desabrido semblante se percebe;
 Sem meritos ficando o beneficio,
 Que he sem misericordia sacrificio.

XVIII.

Frondosa Arvore pelo Ceo plantada,
 Na grandeza tocando ao pólo claro,
 Qual (5) outra, que entre sonhos figurada,
 A todos liberal serve de amparo:
 A sua (6) sombra já tão desejada,
 Seu Esposo feliz, amante raro;
 Quando n'alma lhe adora os attributos,
 Colhendo está gostoso doces frutos.

(5)
 Dan. c. 4.
 vers. 9.

(6)
 Cant. 2.
 vers. 3.

XIX.

Os campos prognosticão esperança
 Alegres, que no seu verdor consiste,
 De que hade assim no mal haver mudança,
 Como quem já sentio inverno triste:
 Nos braços de Minerva a paz descansa,
 Que da pomposa rama, que lhe assiste,
 As fontes lhe adornava, assim querendo
 Desterrar o rancor de Marte horrendo.

XX.

A sua exaltação, gloria eminente
 Alegre a ver o povo concorria,
 Trasladando no rosto vivamente,
 Index d'alma, o prazer, que concebia:
 O coração se abraza, impaciente;
 Inundando de gosto, e de alegria,
 Espera nos incendios deste fogo
 Respirar com os vivas de affogo.

XXI.

Apparecem agrados espalhando
 Os dous Astros da lusa Monarquia,
 Que em conjunção amante dominando,
 Mais bella sua luz resplandecia:
 Ao throno sóbem, Grandes vão jurando
 A fé da vassallagem, e já se via
 Com alvoroço grande entre os pequenos,
 O final esperarem dos acenos.

XXII.

Apenas lhes foi dado, alegres vivas
 Retumbavão com écos quasi insanos,
 E com lagrimas mostram successivas
 Seu amor filial aos Soberanos:
 Correm do coração agoas nativas
 O gosto a celebrar, e com ufanos
 Applausos suspendião-se attrahidos
 Assim d'ouvir, e ver os dous sentidos.

XXIII.

Nisto se chega a mim huma donzella,
 (Que vendo estava a gloria deste dia)
 No traje rica, na presença bella,
 A qual mais de que humana parecia:
 Do sobrefalto o coração appella,
 A quem a mesma causa lhe movia;
 Mas nesta appellação temendo aggravo,
 Temeroso immudece, cala ignavo.

XXIV.

Hum estranho temor, que n'alma tinha,
 Me embargava a fallar-lhe; o seu respeito,
 O susto de offendella, me detinha,
 A voz me congelou dentro do peito:
 Confuso nesta acção, suspensão minha,
 Queria me obrigasse o seu preceito;
 Os olhos fecho, o coração lhe rendo,
 Em quanto no temor está batendo.

XXV.

Não temas (diz) com mostras singulares
 De agrado, doce riso entremettendo,
 Que suspensos deixou, fallando, os ares,
 No suave da voz nectar bebendo:
 Polymnia sou, sem tal favor cuidares,
 A mesma que invocaste, e que estás vendo;
 Huma dessas, que exalta o Cinthio Nume,
 No sacro Pindo, no Castalio cume.

Na

XXVI.

(7)
Lil. Girald.
Syntagm.
de Musis.

Na esfera (7) de Saturno presidindo,
Senhora da memoria me contemplo,
Vou em laminas d'ouro acções abrindo,
Que heroicas guarda o tempo para exemplo:
Até aqui te inspirei, hoje assistindo
Comigo no Collegio, e sacro Templo
Das Musas, ouvirás com que harmonia,
Com que gosto celebrão este dia.

XXVII.

Conheço que me estimas, que desejas
Ennobrecer meu nome; essa vontade,
Que sei recompensar, para que vejas,
Te vem hoje buscar minha bondade:
Supposto que capaz inda não sejas
De Apollo receber tal dignidade,
A' fraca luz do teu entendimento
Ante elle supprirá meu valimento.

XXVIII.

O dizer-me quem era, mais me affusta,
Que o respeito affás da soberania,
Do que hum grande temor não menos custa,
Inda cheia de agrado o sangue esfria:
O seu favor, que ao meu fervor se ajusta,
Queria agradecer, mas não podia;
Por mostrar só ser esse o meu desejo,
Com reverente affecto a mão lhe beijo.

Eis-

XXIX.

Eis-que huma nuvem clara, e rutilante
 Nos vai cercando a ambos juntamente,
 O mundo se me encobre, e n'um instante
 Daquelle applauso já nada se sente:
 Que corre, sinto só, vapor errante
 Com pasmo meu os ares diligente,
 Té que a mesma, descendo do horizonte,
 Nos desfata á raiz d'um grande monte.

XXX.

Para a Musa suspenso fico olhando,
 De me ver em paiz desconhecido,
 O como alli me achava ponderando
 Por tão estranho modo conduzido:
 Surrindo-se porém, sua mão dando
 A' minha, sóbe o monte bipartido,
 Sentindo neste seu contacto leve
 Hum incendio animado em viva neve.

XXXI.

Portico nobre entramos, que patente
 A ter sempre mostrava livre entrada,
 De finissimo jaspe refulgente,
 De architectura grave, e delicada:
 Ornado de amarantho florecente,
 E de hera sempre verde, que abraçada
 Com as lizas columnas, sem desvelo
 Labyrintho parece, enredo bello.

Por

XXXII.

Por varedas de murtas, e loureiros
 Co'os delicados pés os passos guia,
 Que juntos exhalavão doces cheiros
 Com as flores, que outro Hybla produzia:
 Estava dividido em dous outeiros,
 Donde grandes Cidades descubria,
 De que parte me expõe a companheira,
 Por assim me entreter desta maneira.

XXXIII.

Nos fins da Grecia estás, Beocia vendo,
 Região singular, parte d'Europa;
 Alli Thebas, a quem ferir querendo
 Grande(8) espada, em seu fangue não enfopa,
 Só porque, sua furia submettendo,
 Ao meu facundo (9) Vate nella topa;
 O braço das Camenas reconhece,
 Pois do mundo o terror nos obedece.

(8)
 Alexandre.

(9)
 Pindaro.

XXXIV.

Quantas honras recebe o Mantuano,
 Recitando em theatro o Phrygio metro?
 As mesmas, que se dão a Octaviano,
 Usurpando o valor ao mesmo sceptro:
 Este dom permanece soberano,
 Exaltado das cinzas do feretro;
 E tanto se remonta o seu destino,
 Que a lograr vem o foro de divino.

XXXV.

Interpretes dos Deoses, seu cuidado,
 De espiritos celestes possuidos,
 Virtude excelsa, dom pelo Ceo dado,
 De Apollo cortezãos os mais validos:
 Das Sibyllas mysterio sublimado,
 Dos Oraculos voz mais escondidos,
 A quem respondem bosques, feras párao;
 Por quem Deoses dirião, se fallárão.

XXXVI.

Com versos d'Accio exorna Decio Bruto
 Os seus templos, emblemas peregrinos,
 Delles colhem os sabios melhor fruto,
 Outros templos lhes dão como a divinos:
 Scipião d'Ennio segue a lei astuto,
 Encoستا-se Alexandre a versos dinos
 De hum tão grande Monarca, tão guerreiro,
 Fazendo delles brando travesseiro.

XXXVII.

Sendo o dote melhor, do Ceo offrenda,
 He tal sua attracção, e póde tanto,
 Que as Sereas não tem voz, que mais prenda,
 Nem nas hervas Medéa mais encanto:
 Iman não ha maior, que mais suspenda,
 Tudo attrahe, tudo move com seu canto,
 Faz com que animo brando se enfureça,
 O coração mais duro se interneça.

XXXVIII.

Dama tão singular, de tal belleza,
 (Qual lince amor vendado se retrata)
 Pois estando nos pés com grilhões preza,
 Com jurisdicção livre a todos ata:
 De perfeições a dota a natureza,
 Alegrias infunde, quando grata,
 Qual (10) jacinto porém, seu Ceo nublado,
 O coração se encobre lastimado.

(10)
 De hiacyn-
 tho Picinel.
 lib. 12 cap.
 19. sic ce-
 cinit: Ful-
 get imagine
 Cæli.

XXXIX.

Insipido animal, o mais inerte,
 Do rustico Sileno Arcadio bruto,
 (Para que seu louvor mais te desperte,
 Se inda assim te parece diminuto)
 Do Vate Amonio voz tanto diverte,
 Que sendo da rudeza hum vil producto,
 Por seus versos ouvir, seu doce accento,
 A comida (11) não quer, deixa o sustento.

(11)
 Photius
 Bibl. cap.
 242.

(12)
 Mons Cy-
 theron.

XL.

Não mui longe de Thebas esse (12) Cume,
 Que assim vês se levanta á clara esfera,
 Consagrado se diz ao Delio Nume,
 Quando o nome roubou d'alta Cythera:
 A Delfos vê famosa, donde o lume
 Dos oraculos foi, notavel era;
 De ornamento lhe serve o rio Ismeno,
 Que os campos fertiliza, corre ameno.

XLI.

O monte Oeta vê, que a mortal vida
 A Alcides despe, e lavra monumento,
 Em que as estrellas morrem, e lá em Ida
 He que tornão a ter seu nascimento:
 Mais distante, jornada mais comprida,
 Aonde Epiro tem o seu assento,
 Aquella cova está, pela qual duro
 O cão desce a roubar do reino escuro.

XLII.

O grande Olympo vê, que ao pólo toca,
 Portento de Thessalia, nobre graça,
 Co'o mesmo Ceo excelso se equivocá,
 Porque inda além das nuvens sóbe, e passa:
 O Ottre, e o Pelião, que a grande roca
 Para os Austros se vira, bella abraça
 Esta insigne Cidade felva, tanto (to.
 Que he dos hortos brazão, do mundo espan-

XLIII.

Do Peneo he regada docemente,
 Com que alegre lhe augmenta a formosura,
 De outra parte despede outra corrente,
 Das settas, que Centauros ferem, cura:
 Alli Lapithas forão, cruel gente,
 Os Dolopes tambem, geração dura,
 A Farsalico campo o Enipeo rega,
 Donde a Cesar Pompeo armas entrega.

Des-

XLIV.

(13)
Ereútao.

Deste solo nasceo (13) esse atrevido,
 Que de Ceres o bosque incendiára;
 E mesmo a si com fome enfurecido,
 Foi comendo, com que nisto acabára:
 Mas Patria de hum (14) Heróe esclarecido
 Larissa alli se vê; nobre, e preclara,
 Por tal filho gerar, que assombro bello,
 De Grecia foi, de Troya atroz flagello.

(14)
Achilles.

XLV.

Neste nobre paiz, clima excellente,
 Patria dos sabios, Mãi d'altas sciencias,
 A quem venera o mundo reverente,
 Attrahido das suas influencias:
 O Pindo se ergue ás nuvens eminente,
 Que illuminão de Phebo as assistencias,
 De vinte e quatro montes o mais grato,
 Que á Thessalia servindo estão de ornato.

XLVI.

Delle nasce Acheloo de Deyanira,
 Desgraçada belleza, pertendente;
 Mas porque alto valor das mãos lha tira,
 Hoje chora o pezar nesta corrente:
 Rega o Peloponeso, as terras gyra;
 A' Achaya dividindo, diligente
 Duas correntes n'uma reconcentra,
 No golfo d'Acarnania feroz entra.

XLVII.

Este monte, em que estás, e se divisa
 Em dous altos cabeços separado,
 A que hum Cyrrha se chama, ao outro Niza;
 De todas as Nações he celebrado:
 O cume, que se deixa, e se não piza,
 Que de costa lhe serve, e he mais deitado,
 A Lyeo se confagra, e este a Apollo,
 Que nelle astro reluz, como no pólo.

XLVIII.

Eu, e minhas irmans raios bebemos,
 Como estrellas a luz nos communica,
 E naquellas sciencias florecemos,
 A que assim cada qual melhor se applica.
 O murmureo, que ouvimos, e que vemos
 Pelas plantas correr, que vivifica,
 E na sonancia, com que os pés discorre,
 Parece versifica, quando corre.

XLIX.

Daquella fonte sahe, sagradas vêas,
 Do Pégafo chamada Cabalina,
 Que fazem ás dos Vates, com que chêas
 O furor lhes accenda arte divina:
 Tanto que isto entendi, desço ás arêas,
 Que as margens dourão d'agua crystallina;
 E querendo gostar sua doçura,
 Qual Tantaló, me foge esta ventura.

L.

A Musa atrás de mim logo despede,
 Reprendendo-me deste sacrilegio,
 Que só sua corrente se concede
 Por grande dom, sublime privilegio:
 Que se vi, que a ninguem entrar se impede,
 Que he difficil subir-se ao cume regio;
 E supposto o subia, que entendesse
 Não por meritos meus, seu favor crêsse.

LI.

A mão me torna a dar viva assucena,
 E das margens do rio me retira,
 Temeroso fiquei com minha pena,
 De ver que contra mim queixas conspira:
 Tornamos a pizar a selva amena
 Com mais alegre rosto, e menos ira,
 Que em cofre de rubins vai descobrindo
 A cada passo perolas, subindo.

LII.

Do monte mais de meio já subia,
 De limpos ares, gratas influencias,
 Donde as aves com doce melodia,
 Encanto se fazião das potencias:
 A Musa se sentou, e me offrecia
 A' direita lugar, com resistencias
 Attentas me escufava; em fim sujeito
 Tenho de obedecer ao seu preceito.

De-

LIII.

Debaixo (assim me diz) desse luzido
 Oitavo Ceo de estrellas semeado,
 Mostrar te quero a casa, em que presido,
 Como quem já te estima com agrado:
 Seu dono ao ferro gasta enfurecido,
 Eu faço seu poder mais moderado,
 O tempo outra vez chamo, na memoria
 Presente a vida tenho transitoria.

LIV.

Escrito póde ser que nella seja
 Ainda o nome teu, por mim guardado,
 Para que saiba o mundo, o tempo veja
 Teu desvelo bem pago ao meu cuidado:
 Desta gloria gozar sei não deseja,
 D'outro intento se vê mais obrigado
 O teu abatimento, infeliz sorte,
 Do que esse bem lograr depois da morte.

LV.

Será do meu amor rara fineza,
 Inda que desvalido, inda que pobre;
 De ti não necessito nesta empreza,
 O louvor per si mesmo se descobre:
 Só segue, a quem lhe foge, com presteza;
 A quem mais o procura, então se encobre;
 Estatua de Catão; se esta tivera
 Maior, como a não tem, brado não dera.

LVI.

Debaixo (digo pois) do firmamento,
 Primeiro movel, fixas sentinellas,
 Adonde do Sol claro ao luzimento
 Resplandecem boninas as mais bellas:
 Saturno mora, e tem seu aposento,
 Com fouce estraga tudo, eu nas cautelas
 De memorias guardar, que não desterro,
 Muitas vezes lhe prendo a mão do ferro.

LVII.

De natureza infesta o seu aspecto,
 A côr do chumbo imita o mais maligno;
 Para tudo se mostra mal affecto,
 Se outro não se lhe oppõe astro benigno:
 De melhor condição, dom mais selecto,
 Superior seu assento se faz digno;
 Mas a quem elevou lugar mais alto,
 Que sempre de favor não fosse falto?

LVIII.

Em segundo lugar de luz preclara
 Jove affavel se vê, nunca nocivo;
 Pois o sceptro real não empunhára,
 Se não fora, como he, tão compassivo:
 Marte abaixo se ostenta, que abrazára
 O mundo, se descêra, hum Etna vivo;
 Quem junto anda do Rei, e se vê, logo
 Soberbo se não vio respirar fogo.

LIX.

Presidir verás logo neste monte
A quem na quarta esfera predomina;
O farol singular desse horizonte,
Que com luz liberal tudo illumina:
Inferior se lhe segue a que da fonte
Acidalia Mãi brilha, e matutina
Estrella ao dia chama, scintillante
Candor de prata, luz de diamante.

LX.

Da belleza se desce ao Deos, que apura
Voz sublime em dizer, alto talento;
Eu não sei o que tem a formosura,
Que se rende aos seus pés o entendimento:
Em seu orbe se vê Diana pura
Mais abaixo seguir seu movimento,
Logo o fogo em seu ser enigma sendo,
E das nuvens o Ceo, que estamos vendo.

LXI.

Este o caminho, em quando, á que me chama
O meu cuidado sempre fervorosa,
Porque viva de Heróes immortal fama,
Em Saturno buscar tão cuidadosa:
Cercada de laurel, esquiva rama,
No campo de saphir declina a rosa;
O nosso seguir vamos sem demoras,
Apressemos o passo, que são horas.

Com

LXII.

Com mais cansaço, e ancia fervorosa
 Ao cabeço chegamos d'alta ferra,
 Que huma sala descobre luminosa,
 Qual deve a casa ser do Sol na terra:
 Muito tinha que ver por mui custosa,
 E muito que admirar nella se encerra;
 Mas em fim a meu tofco entendimento
 Nada illumina, e céga o luzimento.

LXIII.

Em cadeira de luzes refulgentes,
 Que a vista perturbava, e confundia;
 Sentado Phebo, Vates eminentes
 Lhe fazião cortejo, e companhia:
 Instrumentos foavão excellentes,
 Affinados com doce melodia,
 Com que me parecia neste gosto,
 Que nos campos Elisios fora posto.

LXIV.

As Musas sereníssimas banhadas
 De Apollinea luz reverberante,
 Em torno ao pé do Nume estão sentadas
 Com belleza attractiva, e relevante:
 Dos nobres Cortezãos associadas,
 Que mais gozão do seu favor amante,
 Com dulcíssima voz, suave accento,
 São enleio subtil do entendimento.

LXV.

De Apollo o Thracio Lino confidente,
E grande amigo seu, grande privado,
Bebendo sua luz resplandecente,
O tem sobre seu peito recostado:
Com agradavel rosto docemente,
Caliope Orptheo tem a seu lado,
E com igual prazer, doce alegria,
Agrados Museo goza d'Urania.

LXVI.

O Musico de Achilles portentoso,
Por quem tomão Cidades defaño;
O seu Poema ostenta magestoso
No riquissimo Cofre de Dario:
A Clio o braço dava respeitoso,
Que o recebe formosa de igual brio;
A Thalia Virgilio, que arrogante
Se jactava de tella por amante.

LXVII.

De negra côr, porém juizo claro,
Pequeno corpo, grande entendimento,
Com Erato se abraça de amor raro
A fina Safo, Lyrico portento:
D'Euterpe o Sulmonense emprego charo,
Engenho singular, fertil talento,
Alli de affectos tratão subtilezas,
Argumentos de amor, doces finezas.

Esse

LXVIII.

Esse Hesiodo, Vate saboroso,
 Na doçura do canto sublimado,
 E por ser, ficou sendo mais famoso,
 D'um delfim seu cadaver transportado:
 A Terpsicore brinda deleitoso
 Com a mesma doçura, e doce agrado;
 De Melpomene grave, e sempre triste,
 Descreve a dor Tamiras, que lhe assiste.

LXIX.

Suspenso no que via, e admirado,
 A que Pindaro fé dado não tinha,
 Buscar viera alegre, e com cuidado,
 Levando pela mão, a focia minha:
 Ante Apollo se havia dilatado,
 E com grande disputa se detinha,
 Com os olhos corria a grande sala,
 Em quanto a Musa ao Nume por mim falla.

LXX.

Vejo Plauto, de cuja voz exhalão
 Tão suave harmonia, e doce canto,
 Que parece que as Musas nelle fallão
 Com singular assombro, grande espanto:
 A Seneca, de dor pedras estalão
 No tragico sentir, no triste pranto,
 Vejo Silio, Proconsul d'Asianos,
 Que espiritos bebeo Virgilianos.

LXXI.

Cingido Estacio vejo, o premio adulo
 Da croa, que lhe deo Domiciano;
 Horacio, Marcial, Ennio, Tibulo,
 A Germanico, Cesar, Claudiano,
 Propercio, Juvenal, Persio, Catullo,
 Valerio Flaco, Ausonio com Lucano,
 Lucrecio vejo, o Comico Terencio,
 Alciato, Lactancio com Prudencio.

LXXII.

A vista mais estendo, vejo a Tasso
 Em tão altos Poetas abstrahido;
 Petrarcha vejo, Lope, Garcilasso,
 Gongora por escuro esclarecido:
 A Camões, que debaixo tem do braço
 Seu Poema, dos Lusos assistido,
 Cujó numero grande aqui contára,
 Se a Musa, que me busca, me deixára.

LXXIII.

Eis-que vendo a Camões, sinto a ternura
 Desse Monte maior, a Diana acceito;
 Vendo o Lobo n'Aldea com brandura,
 Sá Menezes na corte com respeito:
 Vasco em voz clara ouvi, Botelho escura;
 Vi de Sá de Miranda o alto conceito,
 Logo a Musa me diz: Porque te inquietas?
 O Principe he Camões entre os Poetas.

Mas

LXXIV.

Mas inda assim detendo-me suspenso,
 Vejo as tres Graças bellas laureadas;
 E tres Musas de mais, que alli estão, penso,
 Pelas ouvir cantar tão elevadas:
 Encantado me vi de amor intenso
 Com Sereas na voz tão engraçadas,
 Tanto que outro fiquei Marpeso novo,
 Que inda aos toques da Musa me não movo.

LXXV.

Nesses tres serafins não te demores,
 Bem que encantão, a Musa me dizia,
 Dons, que Apollo lhes deo muito maiores,
 Do que os que lhes dotou a fidalguia:
 E para que seus nomes não ignores
 Por dignos de memoria, alta valia,
 Felicianas são, na mente os guarda,
 Violante do Ceo, Dona Bernarda.

LXXVI.

Olha aos teus singulares, seus escritos
 De lindas flores são hum paraíso;
 Olha entre elles Serrão, que com seus ditos
 A todos provocando está com riso:
 Aos Anonymos vê, donde eruditos
 Apurou seus quilates o juizo;
 Olha alegre ao Brandão, que no jocosos
 De Thalia se vio ser tão mimoso.

LXXVII.

Ao grande Castro vê Jurisconsulto
 A famosa Ulyssæa recitando;
 A Pinna e Mello vê que sacro culto
 A' Religião tributa, triunfando:
 D'outro Menezes vê preclaro o vulto,
 Que Henrique canta, as Musas emulando;
 A todos te contar, nestas demoras,
 O tempo he pouco já, faltão as horas.

LXXVIII.

Na mão me péga, e logo conduzido
 Ante Apollo me põe, cuja presença
 Poder gozar da Musa soccorrido,
 Impetrada já tem sua licença:
 Propinquo á Divindade ardo incendiado
 No mar de tanta luz, e sem offensa
 Deste modo me ensina em meus desmaios,
 A seus filhos qual aguia, a beber raios.

LXXIX.

Este (lhe diz) por quem meu rendimento
 Te roga, lhe concedas taes favores;
 Porque sendo de escuro entendimento,
 Desejo lhe dem luz teus resplandores:
 Tua voz quer ouvir, teu instrumento,
 Para ver se se accendem seus furores;
 Obrigada me vejo, e me confesso,
 Com affectos de irmã isto te peço.

Em-

LXXX.

Empenhos de Polymnia (torna o Nume
 Para mim com pezada, e séria fronte)
 Te fazem gozar hoje o sacro lume,
 Que claro resplandece neste monte:
 Quizeste, como cuidão por costume
 De ser facil, beber da sábia fonte;
 Supposto foi nascida de grande ancia,
 He culpa tambem, culpa de ignorancia.

LXXXI.

Com effeito o perdão della concedo,
 Por grandeza da minha magestade;
 Mas se outra vez entrares, vem com medo,
 A tua sabes já difficuldade:
 Sentar me manda n'um liso penedo,
 Que do jaspe mostrava a claridade;
 E tinha alli creado com destreza
 Sem artificios d'arte a natureza.

LXXXII.

Orquestra rompe nisto tão sonora,
 Com tão suave tom, vivas cadencias,
 Que toda alma elevada, e de si fóra,
 Adormecer fazião as potencias:
 A Delia Lyra soa tão canora,
 Que doce inspira novas influencias;
 O mesmo Citharista a voz levanta,
 Suspendendo as esferas, assim canta.

LXXXIII.

Hoje que ao throno sóbe a Magestade
 Do Reino Lusitano successora,
 Que annexando a justiça á piedade,
 Bem poderá do mundo ser senhora:
 Da fonte, que com grata amenidade
 De Medusa abrio prole voadora;
 Abrindo os diques, feu licor bebendo,
 Louvores cantarei, vou descrevendo.

LXXXIV. (mado,

O mez (15) entre os Hebreos *Chisleu* cha-
 Mez de boa esperança se intitula;
 Este mesmo, segundo era contado,
 Pelo mez de Dezembro se regula:
 Parece com destino sublimado
 O Ceo algum mysterio dissimula;
 Nascestes neste mez, e bem se alcança,
 Para o Reino nascer boa esperança.

(15)
 Beda lib. 3.
 in Esdr. c.
 15.

LXXXV.

Croa dos mezes, e do anno croa,
 Manifestando estão idéas minhas,
 Que fereis, quando de esperança boa,
 A croa, alta Rainha, das Rainhas:
 Sobre as azas da fama vejo voa
 Não só nas regiões circumvizinhas
 Vosso nome; porém nos orbes findos,
 Além dos Garamantes, e dos Indos.

LXXXVI.

A mesma estrella, que nelle domina,
 Influe ditas, de estrellas adornada,
 Platonico sentir assim ensina,
 Por ser do summo Ceo feliz entrada:
 O nascimento vosso esta illumina,
 Desde o berço vos segue; hoje exaltada,
 O Reino, que Senhora vos venera,
 Confiado no Ceo ditas espera.

LXXXVII.

(16)
*Liquefacta
 est terra, &
 omnes, qui
 habitant in
 ea, ego con-
 firmavi co-
 lumnas ejus*
 Psal. 74.

Parece que a cumprir-se (16) a profecia
 Do que he na Lyra mais, do que eu, preclaro
 Hoje vem, quando em ais se desfazia
 A terra, lamentando desamparo:
 O Ceo soccorrer vem sua agonia,
 Que della sempre foi amante raro;
 Já seu triste desmaio muito alenta,
 Com tão fortes columnas a sustenta.

LXXXVIII.

Vós, Senhora, com Pedro nos extremos,
 Estas columnas são verem firmar-se,
 Com amor Magestade agora vemos
 Em hum assento só junta sentar-se:
 A maior união veneraremos,
 Que chegue o mundo todo a admirar-se
 Neste animo concorde, recto, e justo
 Mais que Antonio, que Lepido, e q̃ Augusto.

Fe-

LXXXIX.

Feliz conforcio ! qual se appetecia
 De incremento real o mais fecundo,
 De Pedro digna só, que não havia
 Quem bem vos merecesse em todo o mundo:
 Rama Austriaca foi, a que tão pia
 De tão pia brotou, este jucundo
 Fruto gera; que mão colhella possa,
 Que não tenha a raiz da raiz vossa.

XC.

Iguaes no genio, iguaes na piedade,
 E no consenso iguaes Ambos se medem,
 Duas almas regendo huma vontade,
 Bem mostram que d'um ramo só procedem:
 Amor alli não passa da unidade,
 Quando extremos de amor contar, excedem
 (Que infondavel se julga seu abyfmo)
 D'Arithmetica toda ao algarismo.

XCI.

Da Flor, que melhor vio nascer Hespanha,
 E vio em si Elisia transplantada,
 A quem banhando luzes de Alemanha,
 Nascestes Vós tambem flor engraçada:
 De tão grande esplendor, gloria tamanha,
 De producção tão bella, e tão prezada,
 Qual mais se congratula, vejo dubio,
 Se o Téjo, o Mançanares, se o Danubio.
 Que

XCII.

Que Tartaro cruel, que Cafre adusto,
 Que Ethiope feroz, que feroz Scyta
 Não trema ao vosso nome, e lhe dê susto,
 Que outra Pallas se vê com melhor dita:
 D'um animo nascestes tão robusto,
 Que sempre insupperavel se acredita,
 Nem que vença, se julga maravilha,
 Quem da mesma Victoria he doce Filha.

XCIII.

(17)
 Genes. 23.
 vers. 6.

(18)
 Philo He-
 braeus lib.
 de Nobilita-
 te.

Esse (17) Pai dos q̄ crê, de (18) Hetheos foi
 Inda que peregrino, e desterrado, (tido,
 Por Principe de Deos esclarecido,
 Ouvindo sua voz, seu doce agrado;
 Quando humilde se vê, desconhecido,
 He Senhor dos estranhos acclamado,
 O seu mesmo respeito, alta clemencia,
 Lhe fizeram jurar obediencia.

XCIV.

Na doçura da voz, na gravidade
 Das palavras, Senhora, basta ver-vos
 Quem vos não conhecesse a Magestade,
 Para logo Rainha conhecer-vos:
 De tanta respeitosa suavidade
 Bem sabe, quem bem sabe merecer-vos,
 Ouvir da vossa voz o bem que exhala,
 Que espirito do Ceo vê, que em Vós falla.

De

XCV.

De virtudes politica prudencia
 Em Vós vejo luzir tão esmaltada,
 Que não póde deixar vossa regencia
 De não ser pelo Ceo só regulada:
 Nos acertos de tão ardua sciencia
 Com mais dita fereis, mais celebrada,
 Do que as mesmas, a quem fama eterniza,
 Aspasia, Tanaquil, Livia, Arthemiza.

XCVI.

Regio dom foccorrer he com regalos
 Aos que delles se vem tão indigentes;
 Se a substancia Reis dista dos vassallos,
 Que os distinguão he justo os accidentes:
 Este dom impressão, tantos abalos
 Em vosso peito faz tão vehementes,
 Que antes que os pobres voz profirão, acho
 Já a vossa compaixão lhes dá despacho.

XCVII.

Do merito a fortuna muito dista,
 Que huma acaso se diz, outro virtude;
 A mão, que sceptro rege, á vossa vista
 Tão alto documento attenta estude:
 Nos affectos mais sóbe, almas conquista,
 Penetrando de amor peito inda rude:
 Oh quanto nos ouvidos melhor soa
 Da piedade o nome, que o da croa!

XCVIII.

(19)
 Plin. lib.
 11. Nat.
 Histor. c.
 17. & D.
 Ambros.
 lib. 6.
 Exam. cap.
 21.

Que bem (19) nessa Rainha resplandece
 A clemencia real, que a obra confusa
 Do mel rege, d'aguda arma carece;
 Ou se a tem, como tal della não usa:
 As inertes castiga, e favorece;
 Severa, se do seu favor se abusa,
 Dando morte, expelle este inimigo,
 Sempre prompta ao favor, tarda ao castigo.

XCIX.

A justiça dos povos medicina,
 Quando membro corrupto nelles ande,
 Tão doce mão seu mal, que contamina,
 Como não cortará sem golpe grande:
 De huma Angelica face, que illumina,
 He bem que a compaixão furor abrande;
 Este officio nos Anjos tal se admira,
 Que obrão com gosto o bem, o mal sem ira.

C.

(20)
 2. Reg. cap.
 14. vers. 17.
 & Esth. c.
 15. vers. 16.
 & 17.

A quem (20) reina, parece o Ceo infunde
 Celeste dom, Angelica bõndade,
 Com que não fó de agrado o sceptro abunde,
 Mas que inculque respeito á Magestade:
 Bem parece essa graça, que diffunde
 Vosso rosto com tal docilidade
 Das estrellas provir, estas vos derão
 Respeitos, que entre affagos se venerão.

Se

CI.

Se com virtudes mais que com soldados
 Se defende a Cidade nas batalhas,
 Virtudes tantas são quem reforçados
 Escudos fazem pôr pelas muralhas:
 De inimigos terás nesses Estados,
 Donde, oh Reino feliz! dominio espalhas,
 Destes escudos vendo estar cubertas
 Fortalezas, victorias muito certas.

CII.

Nesse ambito dos Orbes, celebrado
 Vosso nome será, quando temido;
 Delle a fama dará tão grande brado,
 Que em todo o mundo se ouça diffundido:
 Desde donde o Sol morre sepultado
 Té donde se levanta renascido,
 Desde o mar Caspio ao pélago Africano
 O valor se conheça Lusitano.

CIII.

Affoutas furcarão Lusas armadas,
 Ameaçando estrago, ou dando asylo;
 Grande estrondo farão, por Vós mandadas,
 Maior que as catadupas lá do Nilo:
 Dos barbaros serão mais respeitadas,
 De terror assustando ao Crocodillo,
 Com invicto valor, prudencia fábia
 Nesse mar da Ethiopia, e no da Arabia.

Se-

CIV.

Será vosso governo perduravel,
 Dilatado fareis vosso dominio;
 Que os dotes, que vos fazem tão amavel,
 Bem mostram ser do Ceo este o designio:
 A ventura se faz indubitavel;
 E para se bem crer o vaticinio,
 Vós na clemencia tendes grande abono,
 Ella só rege o sceptro, e firma o throno.

CV.

Das mãos não largarei a Lyra, em quanto
 Meu rosto se banhar de resplandores,
 Que materia darão sempre ao meu canto,
 Para eternos cantar vossos louvores:
 Farei com que este coro sacrosanto
 Nestas agoas bebendo meus ardores,
 Em suave Canção, com doce plectro
 Eternize feliz tão grande sceptro.

CVI.

A Antigone fiel, fiel Achates,
 Que minha guia foi, socia constante,
 Augmentando de amor os seus quilates,
 Se despede de mim a mais amante:
 He tempo, mais aqui te não dilates,
 Que já se ausenta Apollo rutilante;
 O monte exhalção, que resplandece,
 De meus olhos fugio, desapparece.

CVII.

Segunda vez me vi na Praça posto,
A tempo que de luzes se accendia,
Parecia-me sonho, este supposto
Era falso, que eu certo não dormia:
Com memoria feliz, com grande gosto
Tudo o que ouvido tinha, repetia,
Com tão vivas especies percebendo,
Que tudo impresso n'alma estava vendo.

CVIII.

Pyramides de luzes se erigião,
Desterrando da noite os seus horrores,
Outra Babel de linguas parecião
Na confusão de tantos resplandores:
De gosto os corações tambem ardião,
Que de amor se abrazavão nos ardores,
Publicando entre glorias tão festivas
Doces acclamações, gostosos vivas.

F I M.

I N D E X

D O S C A N T O S ,
Q U E C O N T Ê M E S T E L I V R O .

C A N T O I .

V Ó s , S e n h o r , d e q u e m c a n t a e s t e m e u
p l e c t r o P a g . 1 .

C A N T O I I .

D e s p e d i d a q u e f o i d o s u m m o a s s e n t o . 37 .

C A N T O I I I .

D a C i d a d e , q u e t a n t o V e n u s a m a . - 71 .

C A N T O I V .

C o m i n c r i v e l p r a z e r , d o c e a l e g r i a . 107 .

C A N T O V .

O m e z e r a , e m q u e á b e l l a C y t h e r e a . 141 .

I N D E X.

C A N T O VI.

Já dos filhos de Leda o Sol fugia. 175.

C A N T O VII.

No semestre da Lua , com que dado. 207.

C A N T O VIII.

Sóbe Jove ao seu throno , e de tristeza. 239.

C A N T O IX.

Com quinto moto a Lua resumia. - 271.

INDEX

CONTENTS

Os filhos de Leda e Sol fugia. 177.

Handwritten: O filho de Leda e Sol fugia. 177.

No leuante da Lua com que se cria a vida. 178.

Handwritten: No leuante da Lua com que se cria a vida. 178.

Sobre Jove no seu throno, e de nuzes. 179.

CANTO IX.

Com quinto nome a Lua termina. - 177.

CANTO X.

Com sexto nome a Lua termina. - 178.

CANTO XI.

Com sétimo nome a Lua termina. - 179.

177





FPT 87